

**"O atelier é importante para nós, dá para fazer
muitas coisas"**

A importância da área do atelier em jardim de
infância: potencialidades e contributos para o
desenvolvimento da criança

Joana Filipa Pereira Bandeira

Relatório de Estágio apresentado à Escola Superior de Educação de Lisboa para
obtenção de grau de mestre em Educação Pré-Escolar

**"O atelier é importante para nós, dá para fazer
muitas coisas"**

A importância da área do atelier em jardim de
infância: potencialidades e contributos para o
desenvolvimento da criança

Joana Filipa Pereira Bandeira

Relatório de Estágio apresentado à Escola Superior de Educação de Lisboa para
obtenção de grau de mestre em Educação Pré-Escolar

Orientador/a: Prof. Doutora Rita Friães

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, que sempre me apoiou e me ensinou a lutar pelos meus sonhos. Se estou onde estou, tudo a ti o devo. Quero ser, um dia, metade da mulher que tu és.

Ao meu pai, por me mostrar que tenho que lutar com todas as forças por aquilo em que acredito. Dando-me forças para lutar pelo meu sonho!

À minha irmã Rafaela, pelo amor, dedicação e, sobretudo, pelas horas que estive ao meu lado para que alcançasse o sucesso. Se estou aqui, tu foste uma das pessoas mais importantes neste percurso.

À minha irmã Ana, pelo seu amor e carinho, por todos os momentos em que o teu abraço e bom dia eram suficientes para um dia melhor.

Ao meu namorado, Joaquim, que estive sempre do meu lado, apoiando-me incondicionalmente a percorrer este longo caminho e a conseguir realizar um dos meus maiores sonhos. O meu grande apoio és tu!

À Catarina, pelo exemplo que é para mim, pelas palavras, companheirismo e confiança que em mim deposita! A melhor amiga que alguém pode querer ter.

À Daniela, pelo apoio constante no decorrer do estágio em JI. Foste sem dúvida a força que me faltava para terminar esta etapa. Fica uma enorme amizade.

Às melhores pessoas que a faculdade me podia dar: a Carina, a Maria João e a Neide. Obrigada pela força, pelas palavras e, sobretudo, pela vossa amizade!

À professora Rita Friães, por ser uma orientadora atenta e presente, ajudando-me a percorrer este caminho com o seu apoio e dedicação constante.

Às crianças da sala amarela e às crianças da sala 8, porque com elas cresci e aprendi!

À Susana e à Sara, equipa da sala do estágio em creche, à Fátima, à Inês, à Maria e à Ana, equipa da sala do estágio em JI, obrigada a todas pelas palavras, ensinamentos e amizade.

A todos só tenho a dizer: **OBRIGADA.**
Estou quase a realizar o meu sonho e a todos vocês o devo.

RESUMO

O presente relatório consiste numa análise crítica e reflexiva sobre a Prática Profissional Supervisionada realizada no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar, entre 25 de setembro e 18 de janeiro. Durante este período vivenciei o papel de estagiária numa sala de jardim de infância.

O relatório em questão visa partilhar e demonstrar as vivências e evidências observadas e registadas de forma reflexiva e fundamentada no decorrer da prática educativa, nomeadamente caracterizar o meio e o contexto socioeducativo, descrever o processo de planeamento, ação e de avaliação da intervenção e, ainda, dar conta do processo investigativo que se desenvolveu em torno de uma problemática emergente do contexto em que estive integrada.

Face ao que foi referido, a investigação desenvolvida emergiu de um conjunto de observações que apontavam para a escassa escolha das crianças pela área do atelier (catorze das vinte e cinco crianças demonstravam falta de gosto pela área, enumerando diversas razões). Assim, a presente investigação assume uma abordagem de natureza qualitativa e interpretativa, com recurso à modalidade de investigação-ação, onde através de um plano de ação se procurou colmatar esta fragilidade.

Deste modo, pretendi compreender: 1) Qual a influência dos materiais nas escolhas das crianças?; 2) Como é que as crianças exploram os novos materiais da área? 3) Quais as preferências das crianças na área do atelier?; e 4) Que contributos tem a área do atelier para o desenvolvimento das crianças?. Com a utilização de diversas técnicas (observação direta participante, observação sistemática e observação indireta) e de instrumentos (notas de campo e fotografias) foram recolhidos dados fundamentais para responder às questões propostas. Assim, através dos dados recolhidos e, conseqüente, análise pôde-se constatar que, no grupo da sala 8, a intervenção na área do atelier teve um impacto bastante positivo. Sobressaindo que os materiais disponíveis na área se traduziram numa motivação constante para a exploração do atelier, levando a que existisse um aumento do número de crianças que escolhiam esta área. Sendo que, essa exploração levou a novas aprendizagens e potenciou, constantemente, o desenvolvimento das crianças nas diversas áreas. Ressalta, deste modo, que a área do atelier numa sala de jardim de infância contribui para o desenvolvimento integral das crianças.

Palavras-Chave: Atelier; Exploração livre; Materiais; Desenvolvimento.

ABSTRACT

The present report consists of a critical and reflexive analysis of the Supervised Professional Practice held under the Master's in Pre-School Education, between September 25th and January 18th. During this period the intern role was experienced in a kindergarten room.

This report aims to share and demonstrate the experiences and evidences observed and recorded in a reflective and informed way during the educational practice, namely to characterize the environment and the socio-educational context, to describe the process of planning, action and evaluation of the intervention and to demonstrate the investigative process that was developed around a emerging problematic from the context I was integrated.

In the light of the above, the research emerged from a set of observations that showed the children's lack of choice in the atelier area (fourteen of the twenty-five children showed lack of taste in the area, enumerating several reasons). The research developed takes a qualitative approach using action-research, where through an action plan it was sought to fill this fragility. Therefore, the present investigation seeks to understand: 1) What is the influence of the materials on children's choices?; 2) How do children explore the new materials in this area?; 3) Which are the preferences of the children in the area of the atelier?; 4) What contributions has the area for the development of children?.

In order to answer the questions, I used different techniques (direct participant observation, systematic observation and indirect observation) and instruments (field notes and photographs). Thus, through the data collected and analysed it can be seen that, in the group of room 8, the intervention in the area of the atelier had a very positive impact. It should be emphasized that the available materials in the area translated into a constant motivation for the exploration of the studio, leading to an increase in the number of children choosing this area. This exploration led to new learning and constantly enhancing the development of children in various areas. It emphasizes, therefore, that the area of the atelier in a kindergarten room contributes to the integral development of the children.

Keywords: Atelier; Free exploration; Materials; Development.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	1
I. CARATERIZAÇÃO DE UMA AÇÃO EDUCATIVA CONTEXTUALIZADA	3
1.1 Caraterização do meio	3
1.2 Caraterização do contexto socioeducativo	4
1.3 Caraterização da equipa educativa	5
1.4 Ambiente Educativo.....	6
1.6 Caraterização do grupo de crianças	10
II. ANÁLISE REFLEXIVA DA INTERVENÇÃO EM JARDIM DE INFÂNCIA	13
2.1 Observar e registar para poder agir.	13
2.2 Intenções para a ação	17
2.3 Planificação para a ação.....	22
III. A ÁREA DO ATELIER: UMA INVESTIGAÇÃO QUE ABRE A PORTA PARA UMA NOVA REALIDADE	25
3.1 Problemática.....	25
3.2 Enquadramento teórico	28
3.2.1 O Modelo pedagógico Reggio Emília como ponto de partida da integração da área do atelier na sala de atividades.....	28
3.2.2 O espaço e materiais como determinantes para a exploração e, conseqüente, aprendizagem das crianças	29
3.2.3 A importância da área do atelier numa sala de jardim de infância: potencialidades e contributos para o desenvolvimento pleno da criança	31
3.2.4 A importância das Artes Visuais na prática pedagógica do/a educador/a de infância	33
3.3 Roteiro Ético e Metodológico da Investigação	35
3.4 Plano de Ação	38
3.5 Apresentação e discussão dos dados	42
IV. CONSTRUÇÃO DA PROFISSIONALIDADE DOCENTE COMO EDUCADORA DE INFÂNCIA.....	51

CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
REFERÊNCIAS	57
ANEXOS.....	62
Anexo A- Portefólio Individual da PPS II.....	63
Anexo B- Entrevista à educadora cooperante	64
Anexo C- Entrevista à coordenadora das educadoras.....	70
Anexo D- Organograma da equipa educativa da instituição	76
Anexo E- Descrição pormenorizada das áreas da sala de atividades	77
Anexo F- Mapa das presenças.....	78
Anexo G- Mapa das tarefas.....	78
Anexo H- Registos diários	79
Anexo H- Avaliação semanal	79
Anexo I- Avaliação semanal	80
Anexo J- Organização temporal da sala de atividades	81
Anexo K- Tabela de sistematização dos dados das famílias	83
Anexo L- Caracterização do grupo de crianças: Idades e percursos institucionais....	84
Anexo M- Materiais existentes no atelier no início da investigação	86
Anexo N- Grelha de observação da frequência das crianças na área do atelier antes da reorganização da área.....	87
Anexo O- Grelha de observação e de recolha de dados no âmbito da investigação	89
Anexo P- Triangulação dos dados.....	190
Anexo Q- Princípios para uma ética profissional	191
Anexo R- Conceção das crianças acerca da área do atelier no início da investigação.	197
Anexo S- Materiais introduzidos na área do atelier aquando a sua reorganização	208
Anexo T- Mapa das “Construções Artísticas”	209
Anexo U- Inventário da área do atelier	209
Anexo V- Análise de conteúdo das notas de campo antes da reorganização da área do atelier	210

Anexo W- Análise de conteúdo das notas de campo após a reorganização da área do atelier	215
Anexo X- Conceção das crianças acerca da área do atelier após a sua reorganização e exploração.....	235
Anexo Y- O que mais gostas de fazer no atelier?.....	241

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1. Tabela síntese e conclusiva da investigação	50
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS

APEI	Associação de Profissionais de Educação de Infância
ESELX	Escola Superior de Educação de Lisboa
Jl	Jardim de Infância
MTP	Metodologia de Trabalho por Projeto
OCEPE	Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar
PE	Projeto Educativo da Instituição
PS	Projeto de Sala
PPS I	Prática Profissional Supervisionada I
PPS II	Prática Profissional Supervisionada II

INTRODUÇÃO

O presente relatório é o culminar do processo vivenciado no âmbito da unidade curricular da Prática Profissional Supervisionada II (PPS II), que decorreu entre 25 de setembro e 18 de janeiro, e traduz-se numa amostra rica e diversificada da ação desenvolvida nesse contexto. Deste modo, tem como primordial objetivo a análise reflexiva dos quatro meses da prática, com suporte nas experiências vivenciadas, tendo por base a construção de um portefólio ao longo de quatro meses (cf. Anexo A - Portefólio Individual da PPS II), onde se denota a minha evolução neste trajeto e uma diversidade de descobertas acerca do mundo que é o jardim de infância.

Para além de reunir evidências da intervenção, o presente relatório inclui a investigação desenvolvida em Jardim de Infância. O tema da investigação emergiu da identificação de uma problemática na sala de atividades, a partir das observações efetuadas e registadas em notas de campo e da reflexão conjunta com a equipa pedagógica sobre a caracterização do ambiente educativo. Percebeu-se que existia por parte das crianças uma falta de interesse e escassa escolha e permanência na área do atelier, o que despoletou de imediato a necessidade de um plano de ação que colmatasse a fragilidade identificada.

Desta forma, através da investigação pretendi compreender: 1) Qual a influência dos materiais nas escolhas das crianças?; 2) Como é que as crianças exploram os novos materiais da área? 3) Quais as preferências das crianças na área do atelier?; e 4) Que contributos tem a área do atelier para o desenvolvimento das crianças?.

Considerando os propósitos referidos, optou-se por seguir a modalidade Investigação-Ação perspetivando melhorar a ação que decorre no contexto. Deste modo, a presente investigação assume uma abordagem qualitativa ou interpretativa, recorrendo a diversas técnicas: observação direta, observação sistemática (estruturada) e observação indireta (técnicas de conversação). Para a recolha dos dados, utilizaram-se como instrumentos: notas de campo, descritas num diário de bordo e, essencialmente, fotografias. Aliada a esta recolha de dados, foram realizadas constantes leituras que complementaram, de forma significativa e consistente, a investigação.

Relativamente à estrutura do documento, este segue uma ordem lógica, reflexiva e sequencial. Portanto, o documento encontra-se dividido em cinco partes essenciais, sendo que cada uma destas se encontra subdividida em outras subsecções, sendo exceção a construção da profissionalidade docente como educadora de infância e as considerações finais.

Na primeira parte, designada por **caraterização de uma ação educativa contextualizada**, é apontado o contexto socioeducativo, considerando-o e assinalando o seu impacto na minha prática. Torna-se, assim, crucial examinar a realidade que se encontra, sendo que toda a prática deve recair sobre os conhecimentos que obtemos, neste caso, do meio envolvente, da instituição educativa, da sua equipa pedagógica, do ambiente educativo, do grupo de crianças, das suas respetivas famílias, assim como das intenções da equipa pedagógica para o ambiente educativo e para a ação a desenvolver com as crianças.

Seguidamente, surge a explicitação da avaliação do grupo de crianças, assim como as intenções e ações desenvolvidas, coadjuvante à reflexão e análise das mesmas, nomeando-se, assim, esta segunda parte por **análise reflexiva da intervenção em Jardim de Infância**. Sobressai, neste ponto, o relacionamento entre a caraterização supramencionada com as intenções que considere para o grupo em questão. Nesta parte do relatório realço, ainda, o processo realizado, bem como de que forma foi desenvolvida a minha prática tendo em conta, primordialmente, os interesses e necessidades das crianças.

Com efeito, na terceira parte é apresentada a problemática que despoletou a **investigação desenvolvida em JI**, assim como o enquadramento teórico acerca da mesma; apresentando-se, de seguida, o roteiro ético e metodológico que conduziu a investigação; sobressaindo posteriormente o plano de ação implementado e, por último, a análise e discussão dos dados.

A quarta parte concerne à descrição e reflexão do percurso desenvolvido ao longo da formação profissional, abrangendo não só a PPS II, mas também a Prática Profissional Supervisionada I (PPS I), a formação académica e/ou outras experiências que me levaram à **construção da profissionalidade docente como educadora de infância**.

Por último, as **considerações finais** evidenciam as dimensões mais significativas e o meu crescimento pessoal e profissional no decorrer da PPS.

I. CARATERIZAÇÃO DE UMA AÇÃO EDUCATIVA CONTEXTUALIZADA

Para compreender e perceber toda a ação desenvolvida no decorrer da PPS, torna-se essencial refletir e proceder a uma caracterização para a ação. A observação e reflexão sobre a realidade encontrada, i.e., do contexto e dos processos/relações sociais que nele decorrem, permitiu-me delinear a ação a desenvolver durante o período da prática/PPS. Deste modo, ao longo deste capítulo, é apresentada a caracterização do meio envolvente, do contexto socioeducativo, da equipa educativa, do ambiente educativo, do grupo e das suas respetivas famílias. Este processo exigiu a utilização de diversas técnicas, nomeadamente: i) a observação participante que decorreu ao longo da prática e permitiu aferir “conhecimentos diretos dos fenómenos tal como eles acontecem” (Máximo-Esteves, 2008, p.87); ii) O registo das notas de campo; iii) a consulta documental; iv) as entrevistas realizadas à educadora (cf. Anexo B- Entrevista à educadora cooperante) e à coordenadora das educadoras/diretora pedagógica (cf. Anexo C- Entrevista à coordenadora das educadoras); bem como, v) as conversas informais com a equipa educativa forneceram também dados fundamentais para a caracterização para a ação.

1.1 Caracterização do meio

Para que pudesse conhecer o local onde ia desenvolver a PPS II, tornou-se essencial proceder à caracterização do meio, tornando-se, também, possível conhecer os recursos que a comunidade dispõe, podendo estes ser utilizados no decorrer da prática.

O jardim de infância onde foi realizada a PPS II situa-se na freguesia do Lumiar, pertencente ao concelho de Lisboa. A freguesia apresenta uma estrutura e organização urbanística, sobressaindo nesta os diversos espaços verdes e vários espaços destinados a equipamentos sociais ou comerciais. No entanto, segundo o PE (Projeto Educativo, PE, s.d.), a instituição está enquadrada numa realidade urbana em que a vida das pessoas é marcada pela agitação, stress e falta de tempo, considerando-se assim uma problemática social do meio envolvente (p.9).

No que concerne aos acessos para este local, encontram-se vias rápidas e diversos transportes públicos, o que facilita a acessibilidade ao local. Foi observável que existe uma boa relação entre o JI e o meio local, existindo diversas saídas ao exterior,

e um aproveitamento das superfícies comerciais e dos transportes, contactando, deste modo, com a comunidade local¹.

Destaco, ainda, para o facto de na minha ação ter aproveitado os recursos da comunidade para o desenvolvimento de atividades que iam ao encontro dos interesses e necessidades das crianças do grupo (cf. Anexo A).

1.2 Caraterização do contexto socioeducativo

De acordo com o PE (s.d.), a instituição atual (edifício) surge em setembro de 1994, sendo tutelada pela Segurança Social. Trata-se, desta forma, de uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS) que surgiu com o intuito de dar resposta às necessidades prioritárias da população, desenvolvendo a sua atividade em duas valências: a creche e o jardim de infância.

A referida instituição é de índole cristã, inspirando-se na pedagogia de Santa Paula Frassinetti e regendo-se pela “pedagogia do Evangelho” (PE, s.d., p.10). No PE (s.d.) são destacados valores como: “educar para a dimensão humano-cristã da relação entre pessoas; educar para incentivar a criação de hábitos de partilha e do saber; educar para o sentido de justiça e da fraternidade; educar para a criatividade; educar para a liderança; educar para o espírito criativo” (PE, s.d., p.14). Denota-se, assim, uma ação educativa em que se pretende “que pessoas e comunidades, cresçam como pessoa e comunidade, numa resposta de fé que se expressa num modo de ser e de agir marcado pela simplicidade, pelo espírito de serviço (...) através de um processo comunitário” (PE, s.d., p.10). Para dar resposta a estes valores, a instituição procura que a sua equipa os promova em toda a sua ação, contribuindo para a interiorização destes. Assim, também eu, enquanto estagiária, acreditando genuinamente que estes valores são fundamentais, procurei ir ao encontro dos mesmos, em toda a minha ação.

Relativamente às instalações da instituição, o novo edifício destaca-se pela sua construção em quadrado (PE, s.d.), o que faz com que exista uma “praça”, sendo um espaço que vai convergir a todos os grandes momentos da vida da instituição (cf. Entrevista à coordenadora das educadoras/diretora pedagógica). A instituição dispõe também de dois jardins exteriores que são frequentados em momentos alternados pelas

¹ Hoje para irmos para a Culturgest para dar continuidade ao projeto Radar, as crianças deslocam-se até à Culturgest de metro, aproveitando os recursos disponíveis que estão no meio circundante da instituição (Excerto da nota de campo 156- Vamos andar de metro, fora da instituição, 31/10/2017).

crianças das salas do JI e creche, existindo um calendário organizacional e mensal em que estão prescritos quais os momentos em que cada sala deve frequentar determinado espaço. Um dos jardins é caracterizado pelos seus espaços verdes, grandes árvores e materiais para o exercício motor das crianças; e o outro com equipamentos mais adaptados às crianças da creche e às crianças mais novas do jardim de infância. Para além da praça e dos jardins exteriores, existe, também, o laboratório das ciências e a sala da interioridade que são espaços comuns e que podem ser utilizados pelos grupos.

A sala da interioridade é um espaço “especial dentro do Centro Educativo” (cf. Anexo C- Entrevista à coordenadora das educadoras/diretora pedagógica), sendo um espaço de “reflexão, de contemplação, de descoberta do eu interior, de vivência da espiritualidade” (cf. Anexo C- Entrevista à coordenadora das educadoras/diretora pedagógica).

Importa, ainda, salientar que a instituição se rege por quatro modelos pedagógicos distintos, retirando algumas das ideias-chave de cada um deles, sendo estes: Movimento da Escola Moderna (MEM), HighScope, Reggio Emília e Metodologia de Trabalho por Projeto (MTP). Assim, cada educadora vai “beber” às diretrizes de cada um deles.

1.3 Caracterização da equipa educativa

A equipa educativa do estabelecimento é constituída por 12 educadoras de infância, 18 auxiliares de ação educativa, 1 psicóloga e 17 funcionárias em serviços de apoio (receção, cozinha, limpeza e secretaria) (PE, s.d., p.7). Para além destes, existem vários profissionais de educação de enriquecimento curricular, fazendo parte desta equipa um professor de música, uma professora de dança criativa e um professor de inglês (cf. Anexo D- Organograma da equipa educativa da instituição).

Em relação à equipa educativa da sala de atividades na qual foi realizada a PPS, esta é constituída por uma educadora de infância e uma auxiliar de ação educativa. A educadora de infância exerce a sua função nesta instituição há vinte e cinco anos, já sendo responsável de sala mesmo antes de tirar o bacharelato. Esta tem como formação académica uma licenciatura em educação de infância e uma pós-graduação (cf. Anexo B- Entrevista realizada à educadora cooperante).

A auxiliar de ação educativa encontra-se nesta profissão e instituição há mais de trinta anos. Ao longo dos anos, as equipas das salas vão sendo alteradas, no entanto

a educadora e a auxiliar estão a trabalhar juntas há três anos, acompanhando o grupo desde os seus três anos.

A partir da entrevista realizada à educadora, pode constatar que existe trabalho colaborativo entre a auxiliar e a educadora relativamente ao planeamento das atividades e projetos. Esta relação persiste na colaboração e cooperação, já que a educadora vê a auxiliar como alguém que faz parte de tudo o que acontece na sala².

No decorrer da observação foi evidente que a relação entre estas é pautada por uma grande amizade, colaboração e entreajuda³, o que constitui uma mais valia para a sala e para o grupo devido ao ambiente educativo proporcionado. Em suma, sendo o trabalho em equipa um processo de aprendizagem pela ação que implica um clima de apoio e respeito mútuo, este também é para as crianças um modelo de interação com os outros, na qual se vai apoiar em relações cooperantes (Hohmann & Weikart, 2011).

1.4 Ambiente Educativo

A análise do ambiente educativo pressupõe uma reflexão sobre o espaço, o tempo e a forma como este se adapta ao grupo da PPS.

Sabendo que é primordial que o espaço seja um local que promova o sentido de ligação ao adulto e de autonomia da criança, facultando segurança e bem-estar à mesma, é necessário ter em conta alguns princípios, tais como: psicológicos (as necessidades das crianças), arquitetónicos, estéticos, médicos, de segurança e de carácter didático (Zabalza, 1992). Torna-se, assim, essencial observar o espaço e como este se encontra organizado.

Segundo o Projeto de Sala (PS, 2017), a sala é organizada por “áreas” de forma a permitir às crianças a escolha de diferentes tipos de atividades. Sendo necessário um espaço bem definido, em que os materiais estejam organizados de uma forma lógica, devidamente identificados com o intuito de a criança ser autónoma nas suas escolhas.

² “Eu valorizo quem está ao meu lado, se está na sala, está na equipa e pertence à equipa. Temos de dar base e formação para que a pessoa seja ativa no processo educativo, assim ela faz parte integrante de tudo o que se passa.” (cf. Anexo B- Excerto da entrevista realizada à educadora cooperante).

³ A Ana (auxiliar) chega à sala e diz: “Bom dia”, a educadora diz: “Bom dia amiga”, abraçam-se. A educadora torna a arrumar os materiais que estão em cima da mesa que as crianças trouxeram e diz: “Já não sei onde guardar tanta coisa”, a auxiliar diz: “Não te preocupes, vou já arranjar aqui um espacinho para arrarmos essas coisas” (Nota de campo 158- Cooperação entre equipa educativa, sala de atividades, 1/11/2017).

A educadora frisou que “para um desenvolvimento integral das crianças devemos ter pelo menos 10 áreas” (cf Anexo B- excerto da entrevista à educadora cooperante) na sala. Face a este pressuposto da educadora, a sala de atividades pela qual esta é responsável encontra-se dividida em doze áreas (cf. Anexo E- Descrição pormenorizada das áreas da sala de atividades).

Importa salientar que não é apresentada uma planta da sala, pois esta não é algo fixo. A organização da sala e das áreas é alterada consoante as necessidades e interesses das crianças ou alguma intencionalidade por parte dos adultos. Assim, tal como Oliveira-Formosinho & Andrade (2011) defendem, o espaço deve dar resposta à infinita diversidade das necessidades das crianças, do que estas sentem e até mesmo dos projetos, sendo a sala o reflexo disso mesmo.

Baseando-me na entrevista à educadora e segundo o PS (2017), é possível constatar que as intencionalidades da organização do espaço baseiam-se em: promover autonomia à criança, para que esta possa andar livremente pelo espaço sem ter de recorrer constantemente ao adulto; promover a interação e cooperação entre as crianças; desenvolver o espírito crítico; estimular a criatividade e o sentido estético; dar a oportunidade de as crianças expressarem as suas emoções, gostos e opiniões; que o espaço possa ir ao encontro dos interesses e necessidades das crianças sendo um estímulo para novas aprendizagens.

No que respeita à promoção da autonomia da criança esta é visível, por exemplo, através da acessibilidade dos materiais, que estão dispostos para que as crianças os possam utilizar sempre que quiserem, estando etiquetados e com imagens reais. O conhecimento do espaço e das suas possibilidades é uma condição do desenvolvimento da independência e da autonomia da criança e do grupo, o que implica que as crianças compreendam como está organizado e pode ser utilizado, participando nessa organização e nas decisões sobre as mudanças a realizar. Também os instrumentos de pilotagem existentes na sala visam promover a autonomia das crianças, já que coadjuvam na orientação e regulação do que acontece na sala, tanto em grande grupo como individualmente (Folque, 2014), entre os quais: o **mapa de presenças** (cf. Anexo F-Mapa das presenças) , em que, de manhã, cada criança vai marcar com uma cruz a sua presença; o **mapa de tarefas** (cf. Anexo G- Mapa de tarefas), em que estas escolhem as tarefas do quotidiano que querem realizar naquela semana (limpar a sala, pôr a mesa, buscar os chapéus, dar comida ao peixe, fazer os recados, entre outras); o **mapa das áreas**, em que cada criança escolhe as áreas e as atividades que quer

realizar ao longo do dia e, por fim, os **registos diários** (cf. Anexo H- Registos diários), nomeadamente, o plano do dia e a avaliação das áreas; semanalmente existe, também, um registo para **avaliação semanal** (cf. Anexo I -Avaliação semanal), que é realizado em grande grupo.

Considerando, o espaço exterior como recurso educativo fulcral para o desenvolvimento das crianças, importa frisar que a educadora dá muita importância a este espaço nas rotinas do grupo⁴. Posso, assim, revelar que o espaço exterior era um local privilegiado para atividades da iniciativa das crianças que, ao brincar, têm a possibilidade de desenvolver diversas formas de interação social, de contacto e exploração com materiais naturais (pedras, folhas, plantas, paus, areia, terra, água, etc.) que, por sua vez, podem ser trazidos para a sala e ser objeto de outras explorações e utilizações. Segundo o MEM, o poder brincar e visitar o espaço exterior é “a forma mais eficaz de estabelecer e garantir uma ligação constante com o meio envolvente da escola e de assegurar a colaboração da comunidade no alargamento dos conhecimentos das crianças” (Niza, 2007, p. 138).

Relativamente à organização temporal, existe uma rotina previamente estabelecida para cada sala (cf. Anexo J- Organização temporal da sala de atividades). No entanto, apesar da existência de uma rotina, esta foi sempre adaptável de acordo com as necessidades e interesses das crianças, servindo apenas como uma forma de organização da instituição.

Por último, posso afirmar, que a equipa educativa me incluiu em toda a organização do ambiente educativo, tendo eu, a oportunidade de dar continuidade às intenções destas.

1.5 Caraterização das famílias das crianças

A família constitui um fator fulcral no desenvolvimento das crianças, já que são elas os maiores especialistas no que diz respeito ao conhecimento que têm das crianças (Brazelton & Sparrow, 2003, citados por Castelão, 2013). Assim, é importante fazer a

⁴ “O espaço exterior é tão importante como o espaço interior, a parte dos jardins tanto desenvolvem a motricidade fina como a grossa, o que as crianças desenvolvem nos jardins não desenvolvem dentro da sala. Por isso, o espaço exterior é fundamental, temos sempre de pensar no desenvolvimento global da criança. Esse esticar as pernas, correr, saltar, gritar, brincar com e no meio da natureza, não há melhor” (Excerto da entrevista da educadora cooperante).

caracterização das famílias porque as crianças são “portadoras de uma experiência social única que as torna diferentes das outras” (Ferreira, 2004, p.65), sendo a sua experiência familiar “indissociável da sua biografia” (Ferreira, 2004, p.65).

Considerando os dados fornecidos pelos processos das crianças, assim como as informações disponibilizadas pela educadora, foi possível reunir alguns dados importantes (cf. Anexo K- Tabela de sistematização dos dados das famílias).

De acordo com as informações recolhidas, as famílias das crianças, são na sua maioria do tipo nuclear, tendo um agregado familiar entre 3 a 8 elementos, constituído por pai, mãe e filho/a(s). Existem, três famílias monoparentais, na qual as crianças vivem com um dos pais, existindo guarda partilhada. Assim, é constatável que a família das crianças do grupo é constituída, em grande parte, por um pai e uma mãe e, por pelo menos, um irmão ou irmã.

Salienta-se, que a maioria das famílias possui uma habilitação académica de Ensino Superior, correspondendo ao grau de licenciatura ou de mestrado, tendo profissões que variam entre: engenheiros, contabilistas, professores, juristas, gestores, psicólogos, entre outros. Portanto, através das informações recolhidas pode-se aferir que apenas num dos agregados familiares há uma mãe que se encontra desempregada, verificando-se que a maioria das famílias tem uma aparente situação estável e condição de vida que, segundo a educadora da sala, se estabelece entre o nível médio, médio-alto e o alto.

De acordo com a educadora e face às observações realizadas, denotou-se que todas as famílias, quando abordadas, participam e colaboram no que é necessário, seja partilha de informações sobre algo que aconteceu no dia das crianças, seja para colaborar em trazer produtos de higiene e roupa para as crianças ou até mesmo materiais para a realização das atividades, como foi evidente para a realização dos projetos, onde prontamente as famílias se demonstraram disponíveis⁵.

É também frequente a visita das famílias à sala (nos diferentes contextos: leitura de histórias, participação em projetos, entre outras), podendo as famílias escolher o que

⁵ O pai da M.B entra na sala no momento em que ia fechar a porta para iniciarmos a reunião da manhã este dá-me os recados acerca dos restantes materiais que trouxe para a sala e diz-me “Joana, trouxe aí o livro de Van Gogh”. Passados uns instantes chega a R.G com a mãe, a R.G vem direita a mim e a primeira coisa que faz é estender a mão e nela tem um livro, o livro “Vicent Van Gogh e as cores do vento”, sorrindo para mim e dizendo: “Mais um para o nosso projeto” (Nota de campo 64- Mais um livro de Van Gogh, sala de atividades,9/10/2017).

gostavam de fazer e podendo combinar com o grupo para auscultar quais os seus interesses.

Assim, a comunicação entre educadores/as e as famílias das crianças é a forma mais natural de colaboração e penso que esse deve ser o ponto de partida para a evolução e o estabelecimento de qualquer relação positiva entre ambas as partes. Assim, apraz-me mencionar que o facto de a educadora se dirigir aos pais das crianças pelos seus nomes próprios, proporciona uma relação de maior proximidade com os mesmos, de respeito e de confiança, tornando-se a relação entre escola-família mais próxima. Esta é uma atitude que considero dar lugar à promoção do diálogo, do respeito, da verdade e da tolerância, a ser desenvolvidos como tendo um único objetivo, a finalidade educativa e o desenvolvimento harmonioso das crianças.

Importa ainda referir que no decorrer do estágio foi notório que existem também redes de sociabilidade familiar alargada (Ferreira, 2004), como avós e tios que muitas vezes ficam encarregues de ir levar ou buscar as crianças à escola (como era constante no caso da I.M.H e na H.S) e com os quais também se mostrou determinante estabelecer relações de colaboração e partilha de informação, sendo estes familiares muito presentes na vida destas crianças.

Em suma, no decorrer da prática foi notório a preocupação da educadora e das famílias em conversarem sobre o que acontece nos dois contextos (casa e escola), em colaborarem e ajudarem-se mutuamente, para uma melhor compreensão das atitudes das crianças e para assim poderem dar uma resposta mais adequada face aos seus interesses e necessidades. Adaptando eu na minha prática também esta ação com as famílias.

1.6 Caraterização do grupo de crianças

De modo a realizar uma caracterização geral do grupo, recorri às minhas observações e registos, à entrevista que realizei à educadora cooperante, ao projeto curricular de sala e às fichas de anamnese (cf. Anexo L- Caraterização do grupo de crianças).

O grupo é composto por vinte e cinco crianças – dez do género masculino e quinze do género feminino –, sendo que uma das crianças integrou a sala este ano letivo. A adaptação do B.F correu muito bem, integrou-se com facilidade no grupo e nas rotinas da sala e da instituição. Assim, globalmente, considera-se que existiu uma boa

integração da criança no grupo da sala, bem como uma boa aceitação pelas restantes crianças, integrando-a e procurando ajudá-la a ser autónoma nas suas ações.

Relativamente à idade das crianças, todas elas completaram até dezembro os cinco anos e uma criança fez os seis anos em janeiro.

De acordo com as fichas de anamnese foi possível constatar que as crianças do grupo moram no concelho de Lisboa e todas chegam à escola utilizando como meio de transporte o carro. Tendo em conta o registo de frequência, as crianças são muito assíduas e pontuais.

Segundo o PS (2017) como a maior parte do grupo já frequentava a instituição no ano anterior, e algumas crianças já desde a Creche I (4 meses), este foi um fator facilitador da gestão e organização das crianças na sala, pois já estavam familiarizadas com os vários espaços, pessoas, regras e rotinas da instituição. O mesmo aspeto se fundamenta pelo grupo já ser capaz de seguir regras pré-estabelecidas dentro da sala e para os diversos espaços da instituição e, assim, as crianças que já se encontram há mais tempo na escola têm “alguma familiaridade, experiência e conhecimento das regras sociais” (Ferreira, 2004, p.77).

Após a constante observação e interação com as crianças do grupo, foi notório os interesses, as potencialidades e as fragilidades do grupo.

O primeiro registo de observação que sobressaiu e que foi alvo da minha reflexão consistiu na **preferência que as crianças tinham por brincar e por partilhar momentos de transição com crianças do mesmo género**, negando-se, por exemplo, a dar a mão a crianças do género oposto. Assim, as crianças nas áreas da sala, nos momentos de higiene, no comboio (para se deslocarem pela instituição em grupo) e nas horas de refeição procuravam sempre separar-se e ficavam de um lado as meninas e do outro os meninos. Porém, também se mostravam sempre bastante preocupados e ajudavam-se mutuamente, sobressaindo o lado afetivo e de cooperação no grupo.

No decorrer da minha observação e face ao referido pela educadora da sala no PS (2017), constatou-se que os principais interesses deste grupo são as histórias, o faz-de-conta, as construções, a área de projeto, a banheira sensorial e a mesa de luz e sombras (PS, 2017).

Certificou-se que as atividades de expressão motora, seja educação física ou dança criativa, são também um foco de interesse para este grupo, que as desempenha

de forma muito envolvente e demonstra sempre ansiedade para que cheguem esses dias⁶.

Foi também bastante evidente que as crianças deste grupo estavam **familiarizadas com atividades ligadas ao domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e no domínio da Matemática**. Assim, estas apresentavam sempre maior interesse nestes dois domínios, mostrando-se entusiasmadas. Importa referir que embora a maioria das crianças recebesse com entusiasmo as atividades propostas de outras áreas, **a área do atelier não era muito escolhida pelas crianças**, sendo que haviam crianças que até se **recusavam quando atividades de expressão plástica eram propostas**. Assim, no que diz respeito às necessidades, podemos verificar que algumas das crianças do grupo nem sempre participavam nos desafios por sua iniciativa, tendo que haver uma **reorientação e renegociação das suas escolhas por parte do adulto**.

De um modo geral, é um grupo **predisposto aos trabalhos desafiados pelos adultos**. Sendo, um grupo de crianças muito ativas e que gostam de partilhar e expressar as suas opiniões/interesses, demonstrando uma **enorme curiosidade por tudo o que as rodeia**, procurando sempre descobrir mais.

Logo desde início, uma das características evidentes do grupo foi o facto de serem crianças muito **afetuosas** e demonstrarem-no tanto com os adultos como com os pares, interagindo frequentemente entre si. Para além de ser um grupo bastante afetivo, têm também um valor bastante intrínseco: o **valor da partilha**.

Neste grupo denotou-se, ainda, que alguns elementos tentavam **contrariar e testar os limites impostos pelo adulto** (PS, 2017), existindo uma dificuldade em concentrar-se e em escutar o outro, particularmente, no momento das reuniões de grande grupo⁷. Face ao referido, esta foi uma dificuldade que fui sentindo no decorrer

⁶ Estamos sentados em roda para a reunião da manhã para fazer o plano do dia, a educadora pergunta: “Hoje é dia de quê?”, as crianças gritam: “Dança”, levantam-se das cadeiras animadas e dançam. A educadora pede que se sentem, sentam-se e continuam a fazer o plano do dia. A M.M diz para a I.M.H: “Gosto tanto dos dias da dança” (Nota de campo 51- Hoje é dia de dança, sala de atividades, 04/10/2017).

⁷ Após a apresentação sobre a cortiça, as crianças vão para a sala e damos início à avaliação do dia e de seguida à avaliação semanal. Hoje, as crianças mostraram-se muito agitadas, tendo de constantemente interromper para os fazer perceber que não conseguia ouvir quem falava, no entanto sem sucesso. Recorrendo a estratégias para os conseguir cativar, através de rimas com os nomes já que tem sido algo que vai ao encontro dos interesses do grupo (Nota de campo 284- Uma reunião atribulada, 07/12/2017, sala de atividades)

da prática (a gestão dos momentos em grande grupo), surgindo uma necessidade de recorrer a algumas estratégias para conseguir cativar as crianças para estas situações.

No grupo, existiam crianças que tinham alguma **dificuldade em expor-se e expressar as suas ideias/opiniões em grande grupo** e quando questionadas se queriam participar diziam que não. Face a esta característica, foram implementadas algumas estratégias (cf. Anexo A- Reflexão semanal de 8 a 12 de janeiro de 2018) que procuraram colmatar estas inseguranças por parte das crianças.

II. ANÁLISE REFLEXIVA DA INTERVENÇÃO EM JARDIM DE INFÂNCIA

À luz do referido no ponto anterior, é fundamental a definição de um conjunto de intenções que visam a orientação da minha prática enquanto estagiária. Deste modo, estas intenções foram delineadas de acordo com o grupo em questão, uma vez que “a ação profissional do/a educador/a caracteriza-se por uma intencionalidade, que implica uma reflexão sobre as suas finalidades e sentidos das suas práticas pedagógicas e os modos como organiza a sua ação” (Silva et al, 2016, p.5).

2.1 Observar e registar para poder agir.

A avaliação na educação de infância é entendida como um processo de observar, escutar, registar e documentar o que a criança sabe e compreende, as competências que possui, como pensa e aprende com o objetivo de obter uma imagem rica e compreensiva do que a criança sabe e é capaz de fazer, assim como, dos seus interesses.

(Parente, 2013, p.305)

Tal como enunciado, a avaliação na educação de infância é vista como um processo. Assim, este primeiro ponto visa o registo da observação e documentação que foi realizada acerca do grupo, para que, através deste, pudesse definir as minhas intenções para a ação e, conseqüentemente, planear indo ao encontro dos interesses e necessidades do grupo. Atentando que para poder agir é necessário “um conhecimento do meio e das crianças, que é atualizado, através da recolha de diferentes tipos de informação” (Silva et al, 2016, p.13), considere necessário fazer uma observação do

grupo, para poder reformular e adaptar a minha ação, tendo em conta os seus interesses, preferências e necessidades. Considerando que após a observação, a recolha de informações e evidências é possível realizar um planeamento que vá ao encontro das necessidades individuais das crianças (Fisher, 2004).

As reflexões diárias traduziram-se num instrumento fundamental para compreender o comportamento das crianças e adaptar a minha intervenção face aos interesses e necessidades de cada uma (Parente, 2004). Saliento assim, a importância dos registos escritos como vantagem de captar e preservar os detalhes, já que existem informações cruciais que são preservadas nestes registos e embora estes por vezes pareçam pouco significativos no momento em que se escrevem, no futuro podem revelar-se de grande significado, ajudando a compreender algumas situações e acontecimentos (Parente, 2004).

Quando entrei pela porta da sala de atividades foi notório que as crianças apresentavam características comuns (o facto de serem crianças bastante afetuosas, receberem muito bem novos adultos na sala, de serem colaborativas e o valor de partilha e cooperação estar bastante intrínseco), no entanto, após a observação e constante recolha de dados, foi constatável que estas eram bastante diferentes (como é natural, já que todos nós somos únicos), tendo as suas próprias características, interesses, necessidades e especificidades.

Face às características evidenciadas, passarei a explicitar algumas destas no que respeita as diferentes áreas de conteúdo.

Relativamente à área da **Formação Pessoal e Social**, este é um grupo que conhece muito bem as suas características pessoais, reconhecendo os seus laços de pertença social e cultural. No entanto, tal como referido no ponto acima, no grupo existem crianças que apresentam algumas dificuldades em lidar com as suas frustrações e insucessos. No que concerne à sua independência e autonomia, este é um grupo bastante autónomo, onde é capaz de se responsabilizar de si próprio no seu dia a dia e que consegue tomar decisões, na sua maioria, autonomamente. Porém, na resolução de conflitos ainda recorrem aos adultos, tendo dificuldade de resolver a situação sozinhos.

O único aspeto que se destacou como dificuldade no grupo, revelou-se nos momentos de grande grupo, que face ao seu entusiasmo de quererem falar não conseguiam esperar pela sua vez. Por outro lado, existiam crianças inseguras quando

se tinham de expor oralmente. Quando estas crianças não respondiam, as outras “aproveitavam” para tentar testar o adulto.

Ainda dentro desta área denotaram-se dois fatores importantes de serem referidos: algumas crianças têm um leque de amigos restrito e que existe preferências nas brincadeiras por crianças do mesmo género, onde negam a presença de algumas crianças nas suas brincadeiras.

A área da **Expressão e Comunicação** divide-se em vários domínios e subdomínios. Assim passo a explicitar o que foi observado e que me levou a agir dentro de cada um deles.

Relativamente ao domínio de **Educação Física**, denotou-se que este é um dos maiores interesses das crianças, assim como a **Dança** (domínio da Educação artística). Todas as crianças mostram ter um desenvolvimento da consciência e domínio do seu próprio corpo.

Também a **Música** mostra ser algo que vai ao encontro dos interesses das crianças, já que nos momentos de grande grupo as crianças pediam para cantar, escolhendo elas as canções e mostrando o leque de canções que sabem e que aprenderam, também, com o professor de música da instituição.

No que respeita às **Artes Visuais**, denotou-se que esta não corresponde a um dos interesses das crianças.

Notou-se que o **Jogo simbólico** era uma atividade muito escolhida pelas meninas da sala, utilizado essencialmente na área do faz-de-conta e na área dos livros (área que as crianças utilizam para recriar a sala de casa e a partir de aí utilizar esta área para recriar experiências do seu dia a dia).

Relativamente ao domínio da **Linguagem Oral e Abordagem à Escrita**, para além de ser um dos interesses do grupo, mostravam-se bastante à vontade na área. Notando-se que as crianças realmente estão familiarizadas com o código escrito. No grupo, existiam crianças que já reconheciam autonomamente letras e que se dirigiam ao adulto apenas para o questionar sobre as letras que compõem a palavra e sem olhar conseguiam escrevê-las. Consequiam, também, perceber o sentido direcional da escrita. No entanto, havia crianças que também ainda escreviam em “espelho” e que só a olhar conseguiam copiar a palavra.

Denotava-se que todas as crianças conseguiam escrever o seu nome, assim como o de alguns amigos, reconhecendo que os seus nomes começavam pelas

mesmas letras. O B.F ao ter ingressado este ano no grupo ainda não sabia escrever o seu nome sem olhar para o cartão.

No seio do grupo estão duas crianças que frequentam a terapia da fala, mostrando dificuldade na expressão oral.

O domínio da **Matemática** é algo do interesse e curiosidade das crianças, onde se verificava a importância que estas lhe atribuem. Assim, as crianças são muito interessadas por este domínio. Todas as crianças do grupo já reconheciam os números até dez, sendo que existiam também crianças no grupo que reconheciam os números até vinte.

Por último, a área do **Conhecimento do Mundo** revela-se, também, como ponto de interesse no grupo. Sendo que, maioritariamente esta área esteve sempre presente nos projetos que iam ocorrendo na sala. Tal como já referido acima, são um grupo muito curioso e desperto para tudo o que os rodeia, querendo sempre saber mais.

Após tomar consciência de todas as características acima mencionadas consegui perceber como começar a planear a ação, pois partindo de “uma avaliação reflexiva e sensível o/a educador/a recolhe informações para adequar o planeamento ao grupo e à sua evolução” (Silva et al, 2016, p.13). Ao longo dos meses existiram alterações nas características, interesses e aprendizagens das crianças. Todo o processo de aprendizagem das crianças ao longo do tempo eram registados num portefólio individual, onde as crianças, também, tinham a oportunidade de escolher os trabalhos que gostavam mais para si e descrever o que mais tinham gostado de aprender aquando a realização dos mesmos. Deste modo, considerando que estes também são um instrumento que potencia o conhecimento sobre as necessidades de cada criança, de continuidade ao trabalho desenvolvido pela educadora cooperante e realizei um portefólio individual de uma das crianças (cf. Anexo A) do grupo.

Em suma, considera-se que a avaliação na educação de infância, pode ser entendida como um “instrumento pedagógico” (Cardona & Guimarães, 2012, p.81), que auxilia os/as educadores/as “a melhorar as suas práticas e o planeamento do seu trabalho” (Parente, 2002, citada por Cardona, 2007, p.10). Foi por este motivo, que surgiu esta avaliação reflexiva dos interesses e necessidades que aqui apresento neste ponto.

2.2 Intenções para a ação

Na sequência do crescente conhecimento que fui tendo sobre as características do grupo de crianças, foi essencial definir um conjunto de intenções adequadas ao mesmo.

No entanto, considera-se fundamental referir que também existiu uma adequação, da minha parte, às intenções da equipa, integrando-as na minha prática. Assim, partindo de intenções que circunscrevem a ação da equipa, com as quais me identifico, foco aquelas em que existiu uma adequação da minha parte: 1) reconhecer a criança como um sujeito ativo do processo, na qual as práticas assentam consoante os seus interesses e necessidades; 2) dar resposta às necessidades individuais das crianças, sendo capaz de ir ao encontro das mesmas; 3) considerar os valores de partilha, cooperação e entreajuda como fundamentais para o desenvolvimento integral da criança (PS, 2017).

Apesar das intenções definidas pela equipa irem ao encontro daquilo que eu acredito/identifico e que considero ser pertinente na prática, apraz-me, enquanto estagiária, definir as minhas próprias intenções, tendo em conta: o grupo com quem estou e aquela que é a minha identidade profissional (embora, ainda, em (re)construção já começa a ter alguns princípios, a meu ver, fundamentais para uma prática de qualidade).

Compreenda-se, portanto, que todo o trabalho de um/a educador/a circunscreve três grandes intenções: com as crianças, com a família e com a equipa educativa.

Em primeiro lugar, com as crianças, é minha intenção e princípio **desenvolver relações afetivas positivas e seguras**, pois considero esta dimensão fulcral na prática de todo/a e qualquer educador/a de infância.

Segundo a Carta de Princípios para uma Ética Profissional, um dos compromissos do/a educador/a para com a criança é o de “cuidar da gestão da aproximação e da distância na relação educativa, no respeito pela individualidade, sentimentos e potencialidades de cada criança (...)” (APEI, s.d.). Desta forma, considero ser crucial na minha ação promover uma interação relacional positiva com as crianças, já que é a partir dos afetos e do carinho que as crianças desenvolvem sentimentos de confiança, empatia e afeto com os outros (Brazelton & Greenspan, 2002). Assim, procurei estabelecer uma relação afetiva e de confiança com as crianças, para que existissem relações “sólidas, empáticas e afetivas (...) onde as crianças aprendem a ser

mais afetuosas e solidárias e acabam por comunicar os seus sentimentos e desenvolver o seu relacionamento com as outras crianças e adultos” (Brazelton & Greenspan, 2002, p.29).

Assim, esta dimensão afetiva implica, ainda, ter atitudes positivas para com as crianças, dando-lhes atenção, interesse, respeito e afeto:

Estou na mesa da sala de atividades com as crianças que estão a fazer o desenho de continuação que foi lançado como desafio do dia e a B.Q vem ter comigo a chorar, pergunto-lhe o que se passa e esta diz-me que tem saudades da família, dou-lhe um abraço apertado e explico-lhe que é natural termos saudades das pessoas de quem gostamos, valorizando o sentimento da criança. Pergunto-lhe: “Se eu te der um abraço achas que ficas melhor B.Q?” ela sorri para mim e diz: “Sim”, dou-lhe um abraço e esta senta-se no meu colo. Digo à criança que quando tiver saudades pode vir ter comigo e dar-me um abraço. A criança sente-se confortada e diz que vai brincar (Excerto da nota de campo 134-Saudades da família, 25/10/2017, sala de atividades)

No seguimento da situação exposta, a forma como agi demonstra que as crianças adquirem mais experiências e aprendizagens ao desenvolver relações positivas e seguras (Hohmann & Weikart, 2011).

Se considero fundamental esta dimensão afetiva, não podia deixar de ter como intenção: **dar voz às crianças e promover uma efetiva participação naquilo que lhes diz respeito**, uma vez que estas são o “principal agente da sua aprendizagem” (Silva et al, 2016, p. 9). Deste modo, é, portanto, determinante compreender as crianças como atores sociais, que são capazes de se exprimir e de fazer escolhas. No decorrer de toda a minha ação, esta intenção foi bastante explícita, sendo que, em todos os momentos, **os interesses e necessidades das crianças surgem como condutores de atividades e das ações desenvolvidas**. Deste modo, procurei que a participação passasse pela negociação entre mim e as crianças, onde esta foi “baseada no respeito mútuo, na reciprocidade e na igualdade, de acordo com a maturidade das crianças, arredando as tentações de controlo ou dominação” (Delgado, 2006, p.45).

A par do referido, muitos foram os momentos onde as crianças foram de facto ouvidas, sendo isso notório nas planificações semanais, onde as crianças escolhiam o que queriam fazer na semana seguinte, inclusive, nas sessões de expressão motora. Torna-se, deste modo, crucial saber ouvir o que as crianças têm para dizer, valorizando

sempre as suas opiniões e incentivando-as a exprimir o que sentem em relação a determinado assunto, dado que é através destas conversas informais que as mesmas expressam os seus interesses e, assim, decidimos conjuntamente o que será realizado. Denota-se, portanto, que a criança é um agente ativo, na qual participa e refere as suas intenções e interesses. Face a isso, verifica-se que o que foi realizado é fruto da decisão/planeamento com e pelas crianças, considerando eu que assim promovi **aprendizagens mais significativas**, pois estas surgiram dos interesses e necessidades das mesmas. Foco como a minha intervenção permitiu que a criança tenha “uma responsabilidade semelhante à do adulto, sendo um sujeito autónomo, capaz de querer e de decidir e que desobriga o adulto de agir consoante aquilo que quer fazer” (Delgado, 2006, p.39).

Verificou-se que esta intenção foi cumprida e que de facto eu primei por este princípio, ao constatar que as crianças se mostraram agradadas com a valorização da sua participação⁸, tendo assim a consciência plena de que sigo um bom caminho para o meu crescimento profissional e, não menos importante, pessoal.

Se considero fulcral considerar a criança enquanto agente participativo em tudo o que lhe diz respeito, não faria sentido não ter como intenção: **a promoção da autonomia das crianças**. Focando, nesta intenção, que as crianças progressivamente sejam capazes de “cuidar de si e utilizar os materiais e instrumentos à sua disposição” (Silva et al., 2016, p.36). Embora se tratasse de um grupo bastante autónomo, ainda eram muitos os momentos em que necessitavam do auxílio/atenção do adulto, não só nas suas rotinas, como para a utilização e arrumação dos materiais e, essencialmente para a resolução de problemas. Portanto, não vejo esta intenção somente no que respeita às rotinas das crianças, mas, também, no que respeita a **resolução de problemas**, tentando na minha prática, incentivar as crianças para “encontrarem as suas formas próprias de resolução de problemas, ajudando-os quando recorrem” (Silva et al., 2016, p.37) a mim.

⁸ Vou-me sentar na roda para darmos início à reunião da manhã e a I.M.H diz-me: “Vens aí cheia de sacos”, digo-lhe: “São algumas coisas para a área do atelier, das coisas que vocês disseram que gostavam de lá ter”, a I.M.H diz: “A sério? Tu trouxeste o que nós dissemos”, digo-lhe: “Claro” ao que a mesma responde: “És mesmo querida, ouves sempre tudo o que dizemos” (Nota de Campo 224- Vens aí cheia de sacos, 24/11/2017, sala de atividades).

Considero também importante **promover momentos de exploração livre às crianças onde possam brincar e explorar livremente** (quer o espaço como os materiais), não tendo estas de estar constantemente mergulhadas em desafios propostos pelos adultos. Pois, concordando com Homem (2009), a brincar a criança desenvolve a capacidade “física, mental, social e emocional, revelando os seus sentimentos, experiências e reações a essas mesmas experiências” (p.23).

Considero que dei lugar à brincadeira, organizando o tempo com a finalidade de que as crianças tivessem oportunidade de ter um tempo próprio para tal, proporcionando, deste modo, a exploração, comunicação e interação entre pares. Desta forma, foco a investigação em causa como exemplo desta minha intenção.

Por último, saliento como intenção promover uma **construção articulada do saber**, já que “o desenvolvimento da criança se processa como um todo, em que as dimensões cognitivas, sociais, culturais, físicas e emocionais se interligam e atuam em conjunto” (Silva et al., 2016, p.10). Deste modo, procurei que a aprendizagem das crianças fosse de forma “integrada e globalizante” (Silva et al., 2016, p.10). Mais uma vez, invoco a investigação desenvolvida como forma de verificar esta intenção, já que, através da área do atelier, diversas foram as aprendizagens que as crianças evidenciaram nas diferentes áreas de conteúdo.

É equitativamente fundamental estabelecer intenções para com as famílias, visto que estas também fazem parte do processo educativo das crianças e influenciam toda a intervenção pedagógica do/a educador/a. Assim, no que concerne às intenções com as famílias, procurei proporcionar oportunidades que promovessem uma **relação positiva e de confiança com as famílias**, de forma a que fosse possível realizar questões fulcrais do desenvolvimento e aprendizagem das crianças, assim como, integrá-las naquilo que acontecia na sala (sendo solicitada a colaboração das famílias via e-mail e através do semanário onde se explica o que acontece na sala de atividades). Assim, importa salientar a importância de **dar espaço às famílias para serem ouvidas**, uma vez que estas são os maiores especialistas das crianças, conhecendo-as, às suas características, aos seus processos, às suas individualidades, conhecimentos e aprendizagens (Brazelton & Sparrow, 2003, citados por Castelão, 2013). Logo, procurei desenvolver uma **relação próxima** com as famílias, **com base na colaboração**, onde estimei e perspetivei uma mudança e uma **partilha** entre mim e as famílias, onde estas tiveram todo o direito a serem ouvidas, influenciando todas as decisões e ações. No decorrer da PPS senti que as famílias das crianças confiaram no meu trabalho, havendo

uma relação próxima e positiva, denotando-se isto na forma como as famílias comunicavam comigo nos momentos do acolhimento (cf. Reflexão diária de 15/12/2017), verificando-se o referido através das ações das famílias: não demonstraram receio de me dar, a mim estagiária, recados importantes (se a criança está de dieta, se tem de tomar determinado medicamento, se sai mais cedo, entre outros) e, também, através das constantes conversas informais, na qual eram as famílias a procurarem-me (por exemplo: falam acerca de algo que a criança disse em casa e/ou algo que aconteceu na escola, entre outros).

Estas intenções com a família são comuns às da instituição e equipa educativa da sala, sendo garantidas através de iniciativas como: o semanário (documento síntese das atividades/acontecimentos da semana); o plano do dia - onde é registado o plano definido (em conjunto com as crianças); bem como, a partir de conversas informais, como já foi referido. Assim, no decorrer do estágio fui assegurando todas estas iniciativas, sendo que passei a ser eu a realizar o semanário.

No que respeita às intenções com a equipa educativa, pretendi dar especial foco à criação de uma **relação positiva, de confiança, comunicação e entreaajuda, com base na partilha e cooperação**. Concordando com Formosinho e Machado (2008) de que

o desempenho docente solitário ajuda a manter intacto o património da pedagogia transmissiva, porquanto vivendo o professor fechado na sala de aula, sem partilha ou diálogo com os pares, sem apoio sustentado a um trabalho cooperativo e sem abertura a apoio externo, ele não consegue romper com o padrão tradicional de trabalho nem vislumbrar e vivenciar modos alternativos de fazer pedagogia (p.10).

Face ao supracitado, considero que trabalhar em equipa é de facto fundamental, uma vez que nos permite trocar ideias e opiniões com os restantes membros, estabelecer relações de apoio, de confiança, respeito e partilhar informações. Logo, contribui para a melhoria do desempenho profissional e, ao mesmo tempo, terá um impacto positivo no ensino/aprendizagem das crianças. Salienta-se, assim, que ao trabalhar em equipa, os/as educadores/as partilham “as observações das crianças e dos acontecimentos, de maneira a que, coletivamente, aquilo que sabem os ajude a construir práticas educativas a partir desse conhecimento” (Hohmann & Weikart, 2011, p.139). Por outro lado, este trabalho de equipa é, também, para as crianças um modelo

de interação com os outros “que se apoia em relações cooperantes, resolução de problemas construtiva e iniciativa pessoal” (Hohmann & Weikart, 2011, p.155).

Quando os membros de uma equipa partilham o que fazem, o que pensam, apoiando-se, ajudando-se em todas as tarefas inerentes ao cuidar e educar, estão a construir uma ação/prática educativa que os beneficia a eles e às crianças. Ademais, a prática de trabalho articulado e pensado em conjunto, facilita a melhoria do conhecimento profissional e uma maior eficácia do desempenho de toda a equipa educativa.

2.3 Planificação para a ação

Como tem vindo a ser referido no desenvolvimento deste capítulo, toda a minha ação teve intencionalidades que, conseqüentemente, vieram a definir a minha prática. A partir da primeira observação e avaliação do grupo (reler pontos 1.6 e 2.1) foi possível despontar currículos diferenciados, tendo em conta o contexto e as diferentes características, pois é a partir “deste conjunto de informações, ou seja, desta primeira avaliação ou caracterização inicial, que o/a educador/a explicita as suas intenções educativas, planeia a sua intervenção” (Silva et al., 2016, p.17). Desta forma, a caracterização do grupo e o primeiro ponto deste capítulo foram fundamentais, pois só a partir da observação e conseqüente avaliação foi possível começar a planear e agir.

Face ao referido, e concordando com Silva et al (2016)

“Planear e avaliar o processo educativo de acordo com o que o/a educador/a observa, regista e documenta sobre o grupo e cada criança (...) é condição para que a educação pré-escolar proporcione um ambiente estimulante e promova aprendizagens significativas e diversificadas” (p.13).

Assim, no decorrer do estágio foi necessário perceber que “observar, registar, documentar, planear e avaliar constituem etapas interligadas que se desenvolvem em ciclos sucessivos e interativos, integrados num ciclo anual” (Silva et al., 2016, p.13). Face à citação descrita, esta revela a necessidade de proceder a este ciclo sucessivamente, para ir pensando e ajustando a ação. Como tal, durante a prática tal foi acontecendo, procurando eu ir ao encontro das necessidades e interesses das crianças, pelo que as reflexões diárias e semanais se demonstraram determinantes para este processo, tendo sido esta componente reflexiva fulcral também para poder repensar e reagir face ao que ia sucedendo e às necessidades do grupo. Nestas

reflexões denotaram-se as alterações, coexistindo na adaptação e alteração das atividades/momentos/ações planejadas. Assim, as propostas eram pensadas, porém, o que acontecia ia ao encontro dos interesses e necessidades do grupo e se naquele momento as crianças não tivessem predispostas, ou se o proposto não ia ao encontro dos seus interesses ou necessidades, era respeitado, dando voz às crianças do que estas queriam/sentiam necessidade de fazer. Desta forma, estas planificações não eram só alteradas pelos interesses/necessidades das crianças, como também através das minhas intencionalidades no momento ou uma necessidade que eu própria notasse que era determinante para aquela altura.

Para a realização de todas as planificações e, acima de tudo, de toda a minha ação, foram consideradas as características, interesses e necessidades das crianças, tornando-se necessário e determinante para uma prática de qualidade ter, ainda, em conta os fundamentos e princípios educativos enunciados nas OCEPE (2016).

Assim, em primeiro lugar, principia o *desenvolvimento e aprendizagem como vertentes indissociáveis no processo de evolução da criança*. Considero que este foi uma constante na minha intervenção, persistindo na visão da criança como um ser único, onde tem as suas próprias características, interesses e capacidades, não desvinculando a aprendizagem do desenvolvimento. Face ao referido, em cada planificação foi tido em conta o desenvolvimento das crianças e adaptando as atividades face ao desenvolvimento de cada uma, de forma a promover momentos que potenciasses novas aprendizagens e desenvolvimento.

Para além disso, o contato com as famílias foi primordial, sabendo que a criança não se desenvolve apenas no contexto escolar, mas também no contexto onde vive, ou seja, no seu seio familiar, onde através das suas relações está em constante aprendizagem, notando-se, que isso também remete para as diferenças, já que também as famílias têm as suas características próprias. Assim, importa conhecer as famílias e manter o contato com estas “reconhecendo a sua importância para o desenvolvimento das crianças e o sucesso da sua aprendizagem” (Silva et al., 2016, p.9).

Por sua vez, surge o *reconhecimento da criança como sujeito e agente do processo educativo*, que foi mais que evidente na minha ação, já que, como referido no ponto acima (ver ponto 2.2 Intenções para a ação), é verificável a minha intenção de dar voz às crianças e de as envolver em tudo o que lhes diz respeito. Assim, considere sempre as crianças daquele grupo como competentes e participantes na sua aprendizagem e desenvolvimento. Mostrando o direito que as crianças têm de “ser

escutadas e as suas opiniões devem ser tidas em conta” (Silva et al., 2016, p.12). Notou-se, no decorrer da PPS II, que o facto de as planificações serem realizadas de acordo com aquilo que era dito pelas crianças na avaliação da semana, onde estas enunciavam aquilo que gostariam de fazer na semana seguinte, depreendeu este principio defendido, assumindo eu enquanto adulta que as crianças têm capacidade de referir aquilo que querem aprender e realizar.

De seguida, assoma a *exigência de resposta a todas as crianças*. É, desta forma, que emergem as planificações e estratégias de resposta a cada criança. Evidencio um aspeto que se demonstrou relevante: existiam crianças no grupo que sentiam insegurança em expor-se face ao grande grupo, tendo, por isso, elaborado diversas estratégias que colmatassem essa insegurança. Notando-se, que se uma estratégia funcionava com uma criança, por vezes não funcionava com outra. Assim, procurei perceber qual a melhor para cada criança indo ao encontro da necessidade de cada uma destas (cf. Reflexão semanal de 8 a 12 de janeiro de 2018). No que concerne às atividades, também existiram frequentemente adaptações que surgiam devido às características de cada criança, permitindo-me ser capaz de dar resposta a todas elas, estimulando as suas aprendizagens.

Por fim, desponta a *Construção articulada do saber*. Este princípio visa uma aprendizagem que se processa “de forma holística” (p.12). Assim, procurei no decorrer da minha ação articular “as diferentes áreas de forma globalizante e integrada” (p.12). Deste modo, foi notório que ao longo das semanas da PPS II foram realizadas atividades que abrangiam as diferentes áreas de conteúdo, também despertando a curiosidade por outras áreas para além daquelas que, inicialmente, as crianças mostravam maior interesse. Também, através da MTP foi possível constatar a minha constante ligação entre áreas, procurando despoletar o interesse das crianças pelas diversas áreas de conteúdo. Ao longo da PSS II, foi ainda constatável que procurei promover o brincar como “um meio privilegiado de aprendizagem que leva ao desenvolvimento de competências transversais a todas as áreas do desenvolvimento e aprendizagem” (Silva et al, 2016, p.12).

Em suma, assume-se que as planificações e ações promoveram o desenvolvimento das crianças assim como novas aprendizagens, quer nos momentos de cuidados como nos de educar, já que “cuidar e educar estão intimamente interligados” (Silva et al., 2016, p .8). Importa referir que embora haja uma planificação coexiste sempre a identificação das necessidades das crianças e da minha flexibilidade

para adiar ou adaptar as atividades nesse sentido, mas também a importância de ter tido uma educadora cooperante que compreendia essas situações e que se identificava com as minhas intencionalidades para com aquele grupo.

III. A ÁREA DO ATELIER: UMA INVESTIGAÇÃO QUE ABRE A PORTA PARA UMA NOVA REALIDADE

3.1 Problemática

A presente investigação surgiu após a observação e consequente identificação de uma fragilidade ao nível do espaço e materiais na sala de atividades, mais concretamente, na área do atelier. Assim, constatou-se durante o primeiro mês de intervenção que as crianças deste grupo raramente procuravam esta área no seu dia-a-dia e as crianças que a procuravam eram sempre as mesmas.

Tal como referido anteriormente, a sala de atividades apresentava uma divisão física que proporcionava uma diversidade de oportunidades de exploração às crianças (dividida em mais de dez áreas como referido no ponto 1.3), onde os materiais eram adequados (tendo em conta todos os fatores de segurança) e que, acima de tudo, promoviam a autonomia nas crianças. Porém, era facilmente constatável a falta de diversidade de materiais (cf. Anexo M- Materiais existentes no atelier no início da investigação) na área do atelier e era, ainda, notório que as crianças não demonstravam interesse pelos materiais existentes, nem pelo próprio espaço. De facto, o espaço que estava destinado à área do atelier (uma mesa da sala e o cavalete) era habitualmente utilizado para a concretização de outras atividades (como por exemplo para jogos de mesa).

Notava-se, ainda, que as áreas mais escolhidas e de maior interesse das crianças não recaíam sobre a área supracitada (reler ponto 1.6. caracterização do grupo) e, congruentemente, sobressaía que as crianças deste grupo estavam mais despertas e interessadas para atividades relacionadas com o domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e no domínio da Matemática, sendo desta forma possível, mais uma vez, constatar que as Artes Visuais não despoletavam interesse para a maior parte das crianças do grupo.

No decorrer da prática surgiu uma situação que despontou o meu interesse acerca desta problemática: a identificação da fragilidade enunciada não era só

vista/sentida por mim, como também pela educadora, sendo que esta frisou a sua necessidade de intervenção aquando a realização dos planos de desenvolvimento individual das crianças do grupo. Através da realização destes planos, ambas (eu e a educadora) verificámos que a área do atelier era a menos escolhida pelas crianças e que algumas delas a rejeitavam, demonstrando falta de interesse⁹ e negação quando eram propostas atividades ligadas ao subdomínio das Artes Visuais.

Assim, inicialmente e face às minhas observações, notei a existência desta fragilidade no grupo, tencionando desde logo abordar este tema, sendo que após a concretização de todos os planos de desenvolvimento individual e conseqüente reflexão conjunta com a educadora cooperante acerca desses planos, considerou-se ser uma temática interessante a ser investigada e que iria ser, sem dúvida, benéfica para o grupo em questão. Uma vez que a educadora considera que nestas idades a arte detém estímulos que são fulcrais para o desenvolvimento integral das crianças, estimulando a sua criatividade e imaginação (cf. Conversa informal com a educadora da sala), a presente investigação vai também ao encontro de uma das intenções da educadora. Notou-se assim que esta investigação era aceite e apoiada pela equipa educativa da sala, tendo sido a mesma também discutida com a auxiliar da sala.

Outro fator que despertou o meu interesse para a investigação em causa prende-se com o facto de diariamente ser realizada uma avaliação das áreas escolhidas pelas crianças, onde me foi permitido, novamente, aferir a falta de permanência das crianças nesta área (cf. Anexo N- Grelha de observação da frequência das crianças na área do atelier antes da reorganização da área¹⁰). Tal foi referido, diversas vezes, pela educadora no decorrer das avaliações, podendo isso constatar-se através da nota de campo que a seguir apresento:

Estamos a fazer a reunião da tarde e a educadora faz a avaliação das áreas escolhidas pela criança no dia, quando todas as crianças acabam de dizer onde estiveram do dia, a educadora diz: “Esta semana ninguém teve nas

⁹ Estamos a acabar a construção do painel acerca dos tremores de terra, pergunto se o M.A quer participar, já que este de manhã me disse que preferia brincar e este diz-me: “Agora pode ser”, pergunto-lhe o que quer fazer e este responde: “Escrever sim, desenhar não!”, pergunto-lhe o porquê de não querer desenhar e este diz: “É porque eu não gosto muito” (Nota de campo 126- Escrever sim, desenhar não! sala de atividades, 23-10-2017).

¹⁰ A grelha de observação de escolha das áreas pressupõe uma organização das escolhas das crianças ao longo de duas semanas pelas diferentes técnicas, traduzindo-se numa fonte de recolha de dados que comprovam a ausência da escolha das crianças pela mesma área.

aguarelas” (Nota de campo 142- Esta semana ninguém fez aguarelas, sala de atividades, 26/10/2017).

Notou-se, ainda, que uma das técnicas menos escolhidas, pelas crianças que optavam pela área do atelier, (existindo inicialmente cinco técnicas que podiam ser escolhidas pelas crianças: desenho, pintura, modelagem, aguarelas e recorte e colagem) eram as aguarelas.

Por último, esta fragilidade foi verificável, mais uma vez, através de um papel que foi entregue às famílias na reunião de pais, no final do mês de setembro, onde era solicitado que escrevessem as suas expectativas para o presente ano letivo, na qual a família de uma das crianças escreveu: “trabalhos que envolvam mais a parte criativa das crianças”, notando-se a necessidade de que os/as seus/suas filhos/as sejam estimulados para esta área.

Deste modo, a problemática emerge da fragilidade ao nível do espaço e dos materiais, não querendo com isto afirmar que existia uma ausência de qualidade nos existentes, porém havia uma falta de quantidade e diversidade. O que demonstrava que os materiais que estavam disponíveis neste espaço não correspondiam aos interesses/necessidades das crianças, traduzindo-se no desinteresse e ausência de escolha das crianças para esta área, no tempo de exploração livre.

Face a tudo o que foi referido, enquanto estagiária da sala, propus-me a reorganizar o espaço da área do atelier, pois a “organização do espaço e dos materiais da sala, a sua diversidade, qualidade e acessibilidade são também determinantes para as oportunidades de exploração e criação das crianças no domínio da educação artística” (Silva et al., 2016, p.48). Através desta reorganização pretendi promover novas explorações, aprendizagens e desenvolvimento neste subdomínio, acreditando que esta área é potenciadora do “desenvolvimento da criatividade das crianças, alargando e enriquecendo a sua representação simbólica e o seu sentido estético” (Silva et al., 2016, p.47).

Considerando a intenção de dar voz às crianças e promover uma efetiva participação naquilo que lhes diz respeito, inicialmente, procedi à estruturação de um pequeno guião para escutar o grupo e ir ao encontro dos seus interesses e necessidades. Perante as suas respostas e partindo das suas sugestões, a área foi reorganizada e foram introduzidos novos materiais.

Face à fragilidade identificada acima – falta de interesse e escassa escolha e permanência na área do atelier – dei início à presente investigação procurando dar resposta às seguintes questões:

1. Qual a influência dos materiais nas escolhas das crianças?
2. Como é que as crianças exploram os novos materiais da área?
3. Quais as preferências das crianças na área do atelier?
4. Que contributos tem a área do atelier para o desenvolvimento das crianças?

3.2 Enquadramento teórico

Face à problemática identificada acima e antes de dar início à investigação em causa, tornou-se essencial proceder à leitura e análise de referenciais teóricos que me permitissem aumentar/enriquecer o meu conhecimento acerca das potencialidades e contributos da área do atelier para o desenvolvimento das crianças numa sala de jardim-de-infância. Similarmente, ao refletir acerca da reorganização da área foi, também, imprescindível recorrer a literatura específica para compreender a importância da organização do espaço e da diversidade dos materiais para o desenvolvimento de novas aprendizagens, tornando-as, também, significativas para a criança.

3.2.1 O Modelo pedagógico Reggio Emília como ponto de partida da integração da área do atelier na sala de atividades

Em primeiro lugar, importa contextualizar e analisar de que forma surge a área do atelier na sala de jardim de infância onde decorreu a PPS II. Sabendo que a instituição se rege por quatro modelos pedagógicos (cf. Ponto 1.2), a educadora da sala procura conjuga-los e retirar o melhor de cada um deles. Assim, a área do atelier, tal como referido pela educadora numa conversa informal, emerge do modelo pedagógico Reggio Emília, onde “as crianças são encorajadas a explorar o ambiente e a expressarem-se usando múltiplas formas de linguagem que incluem: palavras, gestos, debates, mímica, movimento, desenhos, pinturas, construções, esculturas, jogos de sombras, jogos de espelhos, jogo dramático e música” (Lino, 2013, p. 125).

O modelo pedagógico mencionado acima tem como foco todas as expressões simbólicas, denominadas as cem linguagens das crianças. Desta forma, o atelier (de artes visuais) numa sala de atividades torna-se num espaço em que as inseguranças não ocupam lugar e “onde a criatividade faz parte do quotidiano das crianças, excluem

receios de fracasso, pelo que potenciam a inovação” (Alencar, 2007, p.48). Assim, nesta perspetiva, a área do atelier permite que a criança investigue e experimente, explore uma variedade de técnicas, utilizando diversos instrumentos e materiais, que proporcionam a expressão das cem linguagens das crianças, desenvolvendo o seu pensamento crítico (Gandini, 2008).

3.2.2 O espaço e materiais como determinantes para a exploração e, consequente, aprendizagem das crianças

Face ao referido no ponto acima, importa salientar que o atelier não será promotor de novas aprendizagens se os materiais que estão ao alcance das crianças não lhes despertarem qualquer interesse ou curiosidade, já que “o ambiente é um educador à disposição tanto da criança como do adulto. Mas só será isso se estiver organizado de um certo modo. Só será isso se estiver equipado de uma determinada maneira” (Zabalza, 1998). Assim, cabe ao/à educador/a saber que a forma como preenche o espaço de materiais e o tipo de materiais que deixa à disposição das crianças irá condicionar as iniciativas das mesmas (Forneiro, 1998). Portanto, torna-se essencial criar um ambiente onde a criança possa explorar o espaço e os materiais de forma autónoma e espontânea e, desta forma, o ambiente tornar-se-á promotor de novas aprendizagens, pois embora a criança tenha “todos os recursos internos necessários para pensar criativamente, sem algum apoio do ambiente dificilmente o potencial para criar que a pessoa traz dentro de si, se expressará” (Alencar, 2007, p. 48).

É assim que a presente investigação alcança um sentido significativo se considerarmos que a organização do ambiente educativo é fundamental para a qualidade na educação de infância decorrente em cada sala de atividades (Silva et al, 2016). Como tal, pressupõe-se que o espaço e respetivos materiais devem ser considerados como parte determinante numa sala de jardim de infância. Tal como consta nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2016), o espaço deve apresentar uma multiplicidade de materiais e instrumentos de Artes Visuais, tais como: “papel de diferentes tamanhos e texturas; tintas de várias cores; diferentes tipos de lápis como pastel seco, carvão, etc, barro, plasticina e outros materiais moldáveis” (Silva et al., 2016, p.49). No entanto, os mesmos autores também referem a importância “de outro tipo de materiais de uso utilitário ou reutilizáveis (...), o que permite à criança começar a perceber que a arte e a vida são indissociáveis” (Silva et al., 2016, p.49).

Porém, a escolha desses mesmos materiais “deverá atender a critérios de qualidade e variedade baseados na sua funcionalidade, versatilidade, durabilidade, segurança e valor estético” (Silva et al., 2016, p. 26).

Para além da diversidade dos materiais, é também necessário, para um desenvolvimento pleno da criança, que exista “um espaço de liberdade que não lhe impeça a natural capacidade para se exprimir” (Leite & Malpique, 1986, p.63). Logo, para que as Artes Visuais tenham “o alcance que se pretende é indispensável que seja praticada em óptimas condições. Os meios utilizados devem ser eficazes. Não se trata de ocupar a criança durante algumas horas, mas de utilizar a sua actividade para educá-la” (Stern, 1959, citado em Leite & Malpique, 1986, p.65).

Se por um lado é importante que o/a educador/a reflita sobre a organização do espaço e materiais, por outro é igualmente importante que seja construído “um ambiente relacional e securizante, em que a criança é valorizada e escutada, o que contribui para o seu bem-estar e autoestima e, ainda, como um contexto democrático” (Silva et al., 2016, p.33). Assim, destaca-se a relevância de as crianças participarem na organização do ambiente educativo.

Segundo Marchão (2012) a participação das crianças no ambiente educativo através das várias oportunidades de cooperação, de decisão em comum e de distribuição de tarefas, proporcionam experiências essenciais de vida democrática que não devem ser descuidadas no processo educativo. Segundo a autora citada acima, quando o/a educador/a permite que estas decisões sejam tomadas em conjunto criam-se oportunidades onde as crianças se sentem pertencentes ao grupo, visto que estas são responsabilizadas e ganham autonomia nas tarefas.

Deste modo, cabe aos/às educadores/as criar oportunidades de aprendizagem significativas para todas as crianças, valorizando as suas ações e opiniões tornando-as participantes do processo de construção de conhecimento, ou seja, o que acontece na sala deve ser organizado em conjunto entre adultos e crianças, tendo foco na partilha do poder (Niza, 1998).

À luz de tudo o que foi referido, ressalta, mais uma vez, a importância de o/a educador/a refletir como deve reorganizar o espaço de forma a que se transforme num marco adequado e facilitador do que pretende fazer e, ao mesmo tempo, numa estrutura de estímulos e de oportunidades para as crianças, estimulando o seu interesse e curiosidade, tendo as crianças voz ativa em tudo aquilo que lhes diz respeito. Já que “as vivências proporcionadas despertam nas crianças a iniciação de um processo

criativo e cabe ao educador encontrar algumas estratégias e dinâmicas que conduzam a uma efetiva ativação da criatividade” (Barriga, 2012, p.12), sendo a organização do espaço a primeira etapa para a ativação da criatividade das crianças.

3.2.3 A importância da área do atelier numa sala de jardim de infância: potencialidades e contributos para o desenvolvimento pleno da criança

Tendo em conta tudo o que foi mencionado, eis que surge a importância das Artes Visuais para o desenvolvimento integral da criança, sendo a área do atelier um leque de oportunidades para esse mesmo desenvolvimento.

Segundo Coelho (citado por Sousa, 2003), a arte é um ato de comunicação e expressão dos sentimentos, sendo vista como forma de expressão de emoções. E em concordância, Andrea (2005) afirma que

pensar e sentir são funções que todos conhecemos, mas é evidente que no caso da criança, quanto mais forem utilizadas as expressões artísticas, mais ela poderá alargar o seu leque de aprendizagem e mais será colocada na situação de descobrir o corpo, as percepções, os seus sentimentos e o mundo interior, aquele que povoa os seus sentimentos (p. 55).

As artes visuais tornam-se, assim, numa forma de expressão de sentimentos, onde a criança pode exteriorizar todos os seus sentimentos e emoções mais profundas.

Nesta linha de pensamento, Leite e Malpique (1986) acreditam que esta é a forma que, desde muito cedo, as crianças encontram para libertarem as suas energias e as suas emoções. Martins (2002), acrescenta que a produção artística estimula no recetor uma gradação de emoções, desde a mais simples reação de agrado até ao deslumbramento e sendo a arte considerada a linguagem das emoções e dos sentimentos, é bastante compreensível a relevância dada pela educação artística no desenvolvimento da personalidade, fomentando o estabelecimento de uma relação entre a criança e o educador que se equipara a uma relação afetiva entre ambos (Sousa, 2003).

Para além das potencialidades deste subdomínio, Oliveira (2007) refere, ainda, que através do mesmo é possível fortalecer a perceção visual, a criatividade, a fantasia e a imaginação. Além disso, também Fróis (2011) reforça a mesma ideia, referindo que as Artes Visuais promovem e contribuem para o desenvolvimento da sensibilidade e da criatividade, permitindo possibilidades cognitivas, afetivas e expressivas, bem como de

criação, reflexão e compreensão que favorecem a construção da identidade pessoal e social.

Desta forma, sobressai que “a criatividade não é algo que acontece por acaso, podendo ser deliberadamente empregada, gerenciada, desenvolvida, cabendo à escola maximizar as oportunidades de expressão da criatividade nos processos de ensino e aprendizagem” (Alencar, 2007, p. 48). “Actualmente, é reconhecida a grande importância da criatividade. Para uma sociedade ser salva da estagnação e para o indivíduo atingir o seu pleno desenvolvimento, qualquer sistema de educação deve encorajar a criatividade” (Homem, Gomes & Montalvão, 2009, p.41). Assim, cabe à escola ser promotora deste desenvolvimento na criança, procurando promover um currículo que abranja as diversas áreas de conteúdo de forma equilibrada e globalizante, promovendo uma construção articulada do saber (Silva et al., 2016).

A área do atelier é vista como algo transversal às restantes áreas de conteúdo presentes nas OCEPE (2016), tendo em conta que existe evidências, através das explorações e ações das crianças, que denotam o referido, a título de exemplo: o estabelecimento de regras de conservação e arrumação dos materiais, o respeito pelo outro e pelo seu trabalho, o sentido crítico, entre outras, evoca a área da Formação Pessoal e Social; através da identificação e exploração de diferentes materiais sobressai o domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e, também, a área do Conhecimento do Mundo; de forma menos explícita, através da exploração livre, todas as restantes áreas e domínios aparecem recorrentemente. Notando-se que as Artes Visuais “assim como as ciências, as matemáticas, e outras aprendizagens são o modo como se vai aprendendo a realidade. São os meios que permitem à criança procurar e encontrar as perguntas e as respostas para o conhecimento do mundo que as rodeia” (Andrea, 2005, p. 57).

Porém, nem todas as salas de jardim de infância propagam esta ideologia, fazendo com que as crianças percam esta oportunidade do seu exercício de criatividade (Kowalski, 2012). Todavia, existem educadores/as que consideram fulcral proporcionar espaços “onde a criança respira confiança para revelar a criatividade na diversidade de relações que estabelece, na resolução de situações significativas, na procura de harmonia para as suas obras, no seu contributo para o ambiente em que vive” (Kowalski, 2012, p.49).

É, deste modo, que através da educação formal a criança desenvolve competências artísticas, dado que a educação pré-escolar é a primeira etapa da

educação da criança, é esta fase fundamental para que as crianças se apropriem do mundo através da arte. Para além do mais, é necessário desde cedo que as crianças sejam estimuladas nesta área pois “é através dela que a criança toma consciência da realidade e tem oportunidade de fazer tudo aquilo que imagina” (Andrea, 2005, p. 11). Assim, esta área permite à criança exprimir-se “livremente, de forma a exteriorizar os seus sentimentos, ideias e emoções” (Rodrigues, 2002, p.14). A área do atelier assume, deste modo, uma expressão centrada naquilo que a criança desenvolve através das suas produções e não tendo como primazia o sentido estético.

Em suma, as Artes Visuais, em contexto de jardim-de-infância, tornam-se indispensáveis para o desenvolvimento integral da criança. Em primeiro lugar, porque ajudam, também, a criança a integrar-se no mundo que a rodeia e, ainda, permitem que esta tenha consciência da diversidade de materiais e de que forma os pode explorar, mostrando as suas preferências e interesses.

3.2.4 A importância das Artes Visuais na prática pedagógica do/a educador/a de infância

Por último, considera-se ainda pertinente refletir acerca do papel do/a educador/a de infância na valorização das Artes Visuais, dando espaço a estas na sala de atividades pela qual é responsável. Considerando que esta área é determinante no processo de desenvolvimento da criança e tendo em conta a importância da educação pela arte e pelos contributos que esta detém para o desenvolvimento integral da criança (conforme tudo o referido no ponto anterior) é fundamental que o/a educador/a seja consciente disso mesmo, tornando-se um motivador da área, levando através da sua ação o interesse e a curiosidade às crianças pela exploração da mesma, pois a curiosidade e desejo de aprender das mesmas irá dar “lugar a processos intencionais de exploração e compreensão da realidade” (Silva et al., 2016, p.11). Sabendo que “a qualidade de experiências que são vividas intensa e gratificadamente torna-se força que desencadeia novas e desejadas ações” (Kowalski, 2012, p.47), se o/a educador/a promover experiências de qualidade às crianças estão vão querer voltar a repeti-las.

Deste modo, “o educador deverá criar condições (espaço, tempo); proporcionar vivências ou despertá-las; estar sensibilizado e desperto para desenvolver o processo criativo pois ele é, muitas vezes, mais importante do que propriamente o produto final” (Barriga, 2012, p. 11). É neste sentido que o/a educador/a de infância se demonstra fundamental, pois ao valorizar esta área no currículo, vai favorecer a construção de um

ambiente educativo onde a criança procura saber mais sobre a área, por explorá-la e retirar o máximo desta, visto que estas experiências contemplam a parte sensível e relacional, “provocando mudança quer quanto ao modo de perceber a realidade exterior, quer quanto ao seu conhecimento, quer quanto ao significado que se lhe atribui e ao modo como nele se age” (Kowalski, 2012, p.47). Portanto, o/a educador/a de infância ao valorizar esta dimensão no currículo que vai desenvolvendo com as crianças, favorece a construção de um ambiente “que, no seu todo, se constitui como um desafio para a procura do sentido estético das interações, em vários contextos pedagógicos” (Kowalski, 2012, p.47). Tal como refere Barbosa (2005) “um/a determinado/a professor/ [que] tenderá a reduzir a Arte a questões de habilidade e de técnica, ensinando apenas procedimentos para captar as aparências das coisas [terá na sua sala] uma Arte/Educação muito pobre” (p.310).

Concordando com o descrito pelo autor, a educação sem a parte artística torna o currículo e experiências das crianças muito pobres, levando-nos mais uma vez a demonstrar a importância de as crianças serem estimuladas neste sentido, já que “à medida que a criança cresce e avança na sua escolaridade, maior preponderância é dada às suas competências intelectuais, em/ou detrimento da sua criatividade” (Homem, Gomes & Montalvão, 2009, p.41).

É desta forma, que surge a importância de no jardim de infância existir um ambiente onde a educação artística seja reconhecida, pois está a valorizar-se também “o modo de sentir, entender e dizer de cada um” (Kowalski, 2012, p.48).

No entanto, o/a educador/a não tem só de valorizar a arte, tem também de ter em atenção a sua atitude perante as produções realizadas pelas crianças. Assim, o educador deve colocar-se algumas questões antes de fazer algum comentário à produção da criança (Sousa, 2003), pois “mesmo que inconsciente, qualquer atitude, palavra, gesto ou desinteresse por parte do adulto vai inibir a criança e desmotivá-la, levando-a a reprimir o seu potencial criativo” (Homem, Gomes & Montalvão, 2009, p.41). Deste modo, o/a educador/a não deve de avaliar a produção da criança, pois as criações têm de agradar à criança e não ao adulto, visto que “a beleza da arte infantil está no conteúdo representativo da alma da criança” (Sousa, 2003, p. 179).

Perante a ideia acima frisada, é visível a importância de o/a educador/a não impedir a espontaneidade natural da criança ao expressar-se, seja qual a forma da sua produção, e não efetuar julgamentos sobre as mesmas. Assim não cabe ao/a

educador/a “julgar se um trabalho está bem ou não, se está certo ou errado, se é bonito ou feio, melhor ou pior do que o outro” (Sousa, 2003b, p.178).

Logo, sobressai a postura do educador como facilitador e promotor da criatividade e dar a oportunidade de a criança se expressar livremente. Assim, cabe ao/a educador/a deixar a criança transmitir aquilo que sente, nunca dando uma opinião concreta, mas questionando a criança, de forma a compreender aquilo que ela pensa, sente e/ou tenta transmitir através do que está a realizar.

3.3 Roteiro Ético e Metodológico da Investigação

Para dar resposta às questões apresentadas anteriormente, foi previsto o desenvolvimento de uma investigação, que implicasse a definição de um plano de ação que procurasse colmatar as fragilidades identificadas. Numa linha coerente com o princípio que defendo, o da participação ativa das crianças no processo educativo, designadamente, ao nível do próprio planeamento, partiu-se para a elaboração de um plano em conjunto com as crianças de modo a ir ao encontro dos seus interesses e necessidades.

Desta forma, optou-se por seguir a modalidade Investigação-Ação, que segundo Máximo-Esteves (2008), consiste numa “forma de investigação social” (p.11), no sentido de melhorar a qualidade da ação que nela decorre (Máximo-Esteves, 2008, p.18). Partindo da problemática, tal como refere Máximo-Esteves (2008), considerou-se pertinente definir um plano de ação e uma avaliação de modo a verificar o seu impacto. Assim, a referida investigação caracteriza-se por ser de natureza qualitativa ou interpretativa, na qual o investigador interage com o campo e os seus membros, procurando saber mais (Flick, 2005). Esta metodologia qualitativa permite “uma maior aproximação e colaboração entre o investigador e os indivíduos que desenvolvem o trabalho no terreno” (Lessart-Hébert, 1994, citado por Tomás, 2011, p.147). Assim, procurarei explicar e compreender a importância e impacto da área do atelier numa sala de jardim de infância, ou seja, as potencialidades e contributos que esta área tem para as crianças.

Indo ao encontro do referido, considereei pertinente, num primeiro momento, dar voz às crianças e questioná-las acerca da sua conceção da área, se existia alguma coisa que gostavam de mudar, o que gostavam de lá ter e de fazer. Concordando com Tomás (2011) de que uma investigação onde as crianças participam fornece-nos

melhores dados, pois “ajuda a focar a investigação e a clarificar a análise e interpretação dos dados e permite ainda descobrir novos caminhos que são apontados por elas” (p.157). Deste modo, foi realizado um inquérito por entrevista às crianças para que estas pudessem expor as suas opiniões, denotando-se os seus interesses e necessidades.

A presente investigação consiste, assim, numa construção de uma aprendizagem democrática, organizada em conjunto entre adultos e crianças, tendo foco na partilha do poder (Niza, 1998), dando voz às crianças para que estas expressem as suas opiniões e contribuam na organização do ambiente educativo, desenvolvendo assim a autonomia e responsabilização. É deste modo que surge uma “proposta metodológica que privilegia um processo coletivo de produção e reprodução de conhecimentos que visam a transformação social” (Tomás, 2011, p.141).

Posteriormente, foi realizado com as crianças a reorganização da área consoante aquilo que havia sido dito pelas mesmas. Face a essa reorganização surgiram as questões que orientaram a presente investigação (rever ponto 3.1).

Procurando dar resposta às questões mencionadas, foi necessário recorrer a diversas técnicas, destacando a observação direta como uma técnica fundamental. A observação “permite o conhecimento direto dos fenómenos tal como eles acontecem num determinado contexto” (Máximo-Esteves, 2008, p.87). Com base em Estrela (1994) posso referir que para a recolha de dados recorreu-se à observação direta participante, a qual ocorreu diariamente devido ao meu papel enquanto estagiária da sala e a partir da qual foi possível reunir as várias notas de campo e à observação sistemática (estruturada) utilizando para o efeito uma grelha (cf. Anexo O- Grelha de observação e recolha de dados no âmbito da investigação) que reflete um conjunto de “entradas” (dimensões de análise) que espelham um conjunto de intenções que se prendem com os objetivos da própria investigação, e que me permitiu obter um conjunto de dados possíveis de serem tratados. Para além de técnicas de observação direta, foram ainda utilizadas na presente investigação técnicas de observação indireta, designadamente técnicas de conversação (Coutinho et al, 2009), centradas “na perspetiva dos participantes e enquadraram-se nos ambientes de diálogo e de interação” (Latorre, citado por Coutinho et al., 2009, p.373). Assim, as técnicas de conversação que foram utilizadas foram: entrevistas (às crianças) e conversas informais (com as crianças, com a equipa educativa e com as famílias). As entrevistas às crianças foram de carácter informal e de questões abertas, tendo surgido com o intuito de “interrogar as crianças sobre assuntos relacionados com o trabalho” (Tomás, 2011, p.149).

Para além de técnicas, foi também necessário utilizar instrumentos que me permitissem recolher os dados, assim os instrumentos utilizados foram: notas de campo, descritas num diário de bordo, sendo que incluem registos detalhados, descritivos e focalizados acerca do que ocorre no contexto, sendo este essencial a um/a investigador/a (Máximo-Esteves, 2008) e, essencialmente, fotografias que visaram a construção da tabela referida acima, onde se verificava as escolhas das crianças e/ou as suas produções e os comentários acerca dessas mesmas produções. De acordo com Bogdan & Biklen (1994), as fotografias estão intrinsecamente ligadas à investigação qualitativa e, podem ser usadas de diversas maneiras. As fotografias são uma mais-valia que se traduzem num instrumento que fornece “fortes dados descritivos” (Bogdan & Biklen, 1994, p.183). Portanto, embora as fotografias não sejam uma prova conclusiva, quando estas são usadas em conjunto com outros dados podem tornar-se numa diversidade de informações (Bogdan e Biklen, 1994). Logo, ao adicionar notas de campo e/ou comentários das crianças sobre as suas produções às fotografias torna-se uma forma de consolidar a informação.

Após a recolha de dados, através dos instrumentos acima mencionados, tornou-se necessário proceder à sua análise, chegando a diversas conclusões (Sousa, 2005). Este processo consiste em procedimentos de interpretação, ou seja, na organização dos dados recolhidos a partir dos instrumentos que foram utilizados e designa-se por “condensação” (Máximo-Esteves, 2008, p.104). “A condensação é um processo que procura sintetizar os significados essenciais contidos nas notas de campo” (Máximo-Esteves, 2008, p.104). Assim, a partir dessa mesma síntese, é possível registar e apresentar resultados. Primeiramente, as notas de campo do diário de bordo foram categorizadas (Máximo-Esteves, 2008, p.104) numa tabela, com diferentes códigos, consoante o seu conteúdo. Portanto, através desta categorização foi possível uma melhor organização e comparação de dados observados e verificar as evidências observadas através das notas de campo.

Foi, também, realizada análise de conteúdo das entrevistas realizadas às crianças. A análise de conteúdo é “uma técnica que permite a classificação de material, reduzindo-o a uma dimensão mais manejável e interpretável, e a realização de inferências válidas a partir desses elementos” (Weber, 1990, citado por Lima, 2013, p.7). Deste modo, “a análise de conteúdo é hoje uma das técnicas mais comuns na investigação empírica realizada pelas diferentes ciências humanas e sociais” (Vala, 1986, p.101).

Dada a diversidade de instrumentos e técnicas utilizadas, tornou-se, ainda, necessário realizar a triangulação dos dados (cf. Anexo P- Triangulação dos dados), pois segundo Yin (2005, citado por Meirinhos & Osório, 2010) “a vantagem mais importante para a utilização de fontes múltiplas de evidência é o desenvolvimento de linhas convergentes de investigação, enquanto processo de triangulação de dados” (p.59). É através desta triangulação que é possível obter “dados referentes ao mesmo acontecimento, a fim de aumentar a fiabilidade da informação” (Meirinhos & Osório, 2010, p.60).

Importa, ainda, frisar que as questões éticas e deontológicas adquiriram um papel essencial na investigação. Deste modo, com o propósito de garantir todo o rigor da investigação, segui um roteiro ético (cf. Anexo Q), na qual foram tidos em conta os dez Princípios Éticos e Deontológicos no trabalho de investigação com crianças (Tomás, 2011) e a Carta de Princípios para uma Ética Profissional (APEI, sd), uma vez que através destes são salvaguardados os direitos, interesses e sensibilidades às crianças (Máximo-Esteves, 2008, 107).

3.4 Plano de Ação

Antes da apresentação e discussão dos dados, torna-se necessário referir de que forma se agiu perante a problemática identificada.

Como já tem vindo a ser referido ao longo do presente relatório, a investigação em causa prende-se com a ausência de escolha e motivação das crianças face à área do atelier e, como já mencionado, pela fragilidade nessa área ao nível do espaço e materiais. Assim, tornou-se necessário elaborar um plano de ação que viesse colmatar esta fragilidade na sala, considerando-se a tamanha importância das Artes Visuais para o desenvolvimento integral da criança.

Inicialmente, considerando a minha intenção de promover uma efetiva participação das crianças naquilo que lhes diz respeito, foi realizada uma entrevista às vinte e cinco crianças do grupo, sendo que estas foram realizadas presencialmente e individualmente. Notou-se, no decorrer das entrevistas, que algumas crianças necessitaram de um maior estímulo para conseguir responder, pois não conseguiam perceber o que era “suposto” ser dito. No entanto, houve uma atenção da minha parte para a concretização das perguntas, sendo que tive em conta as características individuais de cada uma, procurando que houvesse uma simplificação das mesmas,

sabendo que a linguagem e a estrutura frásica que se utiliza deve ser “perfeitamente entendida pela criança” (Esteves, 2014, p. 100).

A primeira entrevista às crianças foi realizada antes de se proceder à reorganização da área do atelier e teve três intenções: ter em conta os interesses e necessidades do grupo; perceber se de facto aquilo que eu observava ia ao encontro do que as crianças sentiam (desinteresse pela área do atelier); se havia, de alguma forma, interesse por parte das crianças de reorganizar a área e de incluir novos materiais. Portanto, a entrevista foi composta por quatro questões: 1) Qual é a área que escolhes menos vezes?; 2) O que pensas sobre a área do atelier (O que é para ti? Gostas? Não gostas?); 3) Tu gostavas de mudar alguma coisa na área do atelier?; 4) Gostavas de ter novos materiais na área do atelier? Quais?

A partir das respostas das crianças, foi realizada uma análise das entrevistas (cf. Anexo R- Conceção das crianças acerca da área do atelier no início da investigação), onde foi notório que das vinte e cinco crianças, catorze demonstraram ausência de motivação/interesse/gosto pela área. Essa ausência é evidenciada através de inúmeros motivos, tais como: falta de gosto pela área; por questões de género (ex: só estarem meninas no atelier e os meninos não iam por esse motivo); cansaço; preguiça; esquecimento; insegurança e por último, falta de espaço. Notou-se, assim, que esta não era uma área de interesse para mais de metade das crianças do grupo.

As restantes crianças (onze) demonstram interesse pela área, enumerando as técnicas que nela podem realizar (desenho, pintura, aguarelas, modelagem e corte e colagem).

A partir das questões colocadas, foi ainda possível verificar que as crianças gostavam/sentiam necessidade que fossem realizadas alterações ao nível do espaço e materiais, afirmando a título de exemplo: “Podia ter mais espaço, assim podiam ir mais meninos” e “Podia ter mais espaço e coisas”.

A última questão da entrevista pretendia recolher dados sobre os interesses das crianças acerca dos materiais que gostariam de poder utilizar e explorar no atelier. Importa salientar que sete crianças referiram materiais já existentes no atelier, sendo que as outras crianças referiram materiais diferentes e inexistentes na área, sobressaem alguns exemplos de materiais solicitados pelas crianças: “Conchinhas, folhas, coisas de apanhar na rua. Eu gosto de apanhar folhas e colar nos desenhos”; “Canetas novas, aguarelas novas. Achas que podíamos ter carimbos? Podíamos ter tecidos também”; “Papéis de muitas cores, gostava de ter coisas que ainda não temos na sala”; “Queria

brincar com rolos para as massas e plasticina”; “Misturar aguarelas nos desenhos. Podíamos ter plasticina, assim não tínhamos de ir sempre guardar ao frigorífico”.

Face às respostas obtidas através das entrevistas, procurei delinear e refletir acerca da reorganização da área, tendo, impreterivelmente, em conta os interesses e necessidades das crianças e as intenções da equipa educativa.

Assim, ao nível do espaço, ao invés de uma mesa, passaram-se a ter duas mesas destinadas à área do atelier, colocadas lado a lado, o que permitiu um maior número de crianças na área. Ainda ao nível do espaço importa referir que passou a estar disponível mais um armário para a arrumação dos materiais e que o espaço destinado à área do atelier foi aumentado, logo permitiu que as crianças se pudessem movimentar pela área (quer para ir buscar os materiais, como para irem para o cavalete) livre e autonomamente.

Relativamente aos materiais, estes foram dispostos de forma que facilitasse às crianças o seu acesso, uma vez que estavam todos ao seu nível (altura), tendo como intenção que este também fosse um fator facilitador da autonomia das crianças na utilização/exploração desses mesmos materiais. Foi ainda pertinente nesta reorganização fazer uma alteração ao nível da arrumação dos materiais. Estes, na sua maioria (à exceção das canetas de feltro, lápis de cor, colas e tesouras) estavam em caixas fechadas e opacas, o que levava à sua escassa exploração. Assim, os novos materiais introduzidos (cf. Anexo S-Tabela de materiais introduzidos na área do atelier aquando a sua reorganização) foram arrumados e organizados em caixas abertas e transparentes para que as crianças tivessem a perceção do que tinham e que conseguissem ver o que lá estava.

Mais uma vez, a reorganização do atelier evidenciou a minha intenção para com as crianças: dar voz ativa para que estas participem em tudo o que lhes diz respeito. Desta forma, no momento da reorganização do atelier¹¹ foi, mais uma vez, demonstrado que as crianças tiveram voz e puderam participar no que as rodeia. Denota-se, assim, a importância dada por mim enquanto estagiária para que as crianças deem a sua opinião, expressem as suas ideias e que expressem os seus interesses e necessidades,

¹¹ Da parte da tarde, após a reunião pergunto quem é que quer ir ajudar a reorganizar o atelier e a arrumar os novos materiais. Apenas quatro crianças querem, porém, mostro em grande grupo a diversidade de materiais que trouxe (Nota de campo 240- Reorganização do atelier, 24/11/2017, sala de atividades).

notando-se que estas têm o reconhecimento da sua efetiva participação¹² e que se mostram satisfeitas por isso.

Após a reorganização da área, notou-se, desde logo, que esta área começou a ser uma escolha habitual das crianças do grupo. Uma vez que através da diversidade de materiais e da reorganização do espaço esta se demonstrou significativa para novas explorações. Face a esta nova exploração, dos materiais reutilizáveis surgiram as esculturas, que passou a ser uma nova técnica possível de escolha dentro da área do atelier. Deste modo, foi necessário que passasse a existir também no mapa das áreas um cartão com o nome dessa técnica, chamando-se “construções artísticas¹³” (cf. Anexo T- Mapa das construções artísticas).

No decorrer da exploração da área surgia constantemente uma dúvida das crianças¹⁴, sendo que estas recorriam a mim para saber se podiam mesmo utilizar tudo o que estava na área do atelier. Assim, sugeriram pôr numa folha tudo o que podiam usar, tendo sido construído um inventário da área do atelier (cf. Anexo U- Inventário da área do atelier), onde constam os materiais disponíveis na área e o que nesta podem fazer.

Foi após esta reorganização e introdução dos materiais que se procedeu ao preenchimento de uma grelha (cf. Anexo O- Grelha de observação e recolha de dados no âmbito da investigação) que espelha o meu conjunto de intenções para a presente investigação. Sendo através desta exploração das crianças que, de seguida, se apresentam e analisam os dados recolhidos assim como as conclusões da investigação.

Após o término da PPS II, foi novamente realizada uma entrevista às crianças, respeitando a mesma dinâmica efetuada anteriormente, realizando as seguintes

¹² A Ana (auxiliar da sala) chega ao pé de mim e diz: “Joana nem sabes! A F.M quando a mãe chegou na sexta disse-lhe que tu tinhas sido muito querida porque trouxeste muitos materiais para o atelier e que tinham sido eles a escolher. Já viste eles sabem que tu ouves o que eles querem” (Nota de campo 247- Joana nem sabes, 27/11/2017, sala de atividades).

¹³ Enquanto fazíamos a avaliação das áreas as crianças iam referindo que tinham estado a construir com os materiais reutilizáveis as esculturas. Mas que não sabem onde é isso, explico que não temos nada no mapa com isso. Assim, no fim da reunião pergunto às crianças se querem que metamos isso também como opção para fazer no atelier. As crianças dizem que sim, pergunto então qual o nome que pomos e as crianças dizem: “Obras de arte” e “construções de arte”. A educadora sugere: “E se for construções artísticas?”, as crianças logo aceitam e assim vai surgir mais uma técnica das Artes Visuais a ser explorada pelas crianças (Nota de campo 285- o mapa das áreas, 07/12/2017, sala de atividades)

¹⁴ O F.S diz: “Podíamos pôr numa folha tudo o que temos no atelier, assim era mais fácil porque sabíamos o que podíamos fazer e usar”. Digo que é uma boa ideia e que segunda podemos fazer isso mesmo (Nota de campo 240- Reorganização do atelier, 24/11/2017, sala de atividades).

questões: 1) Qual é a área que menos escolhes?; 2) O que pensas sobre a área do atelier?; 3) O que mais gostas de fazer no atelier?; 4) Mudavas alguma coisa no atelier?

A partir destas quatro questões, pretendia-se dar novamente voz às crianças, averiguando a sua opinião acerca da área do atelier. No ponto seguinte apresentarei assim as conclusões dos dados e as diferenças notórias nas opiniões das crianças após a reorganização do atelier.

3.5 Apresentação e discussão dos dados

Para a análise e discussão dos dados importa mencionar que foi realizada uma triangulação de fontes de recolha de dados (cf. Anexo P- Triangulação dos dados), tendo por objetivo procurar dar resposta às questões que nortearam o estudo.

Para a concretização deste ponto do relatório foi fulcral realizar uma análise das notas de campo (cf. Anexo V- Análise das notas de campo antes da reorganização do atelier e Anexo W- Análise das notas de campo pós reorganização do atelier) e uma análise de conteúdo das entrevistas iniciais e finais acerca da conceção das crianças sobre a área do atelier (cf. Anexo R- Conceção das crianças acerca da área do atelier no início da investigação e Anexo X- Conceção das crianças acerca da área do atelier após a sua reorganização e exploração). É deste modo que as análises de conteúdo se tornaram fundamentais para a obtenção concreta dos dados, pois é através destas que o investigador diz “não à leitura simples do real” (Bardin, 2004, p.24). Assim, salienta-se dois grandes objetivos da análise de conteúdo: a superação da incerteza e o enriquecimento da leitura, ou seja, esta é caracterizada por um desejo de rigor, pela necessidade de descobrir e o aperfeiçoamento (Bardin, 2004, p.25). Porém, para a presente análise tornou-se, ainda, necessário a análise da grelha de observação e de recolha de dados no âmbito da investigação (cf. Anexo O), onde através desta pude constatar uma grande diversidade de informações pertinentes e consistentes que fundamentam as questões que sustentam a investigação

Tal como já tem vindo a ser referido, através da análise das entrevistas iniciais foi possível constatar que 56% das crianças do grupo não apresentava interesse pela área do atelier, explicitando os seus motivos. Tendo sido, este o mote para a presente investigação e, conseqüente, plano de ação que foi explicitado acima.

Após a reorganização da área, surgem as questões que orientaram a presente investigação, sendo que é a partir dessas mesmas questões que serão analisados e

discutidos os dados, de modo a verificar o impacto da área do atelier no grupo e dar resposta às questões colocadas através dos dados recolhidos.

Pretendia-se perceber qual a influência que os materiais atendem para as escolhas das crianças pela área. Denotou-se, através da análise dos dados, que após a reorganização da área do atelier e consequente introdução de novos materiais, as crianças revelaram, de imediato, interesse e motivação por explorá-la ¹⁵.

Assim, através dos registos de observação reunidos (cf. Anexo o) e da análise das entrevistas finais (Anexo X- Conceção das crianças acerca da área do atelier após a sua reorganização e exploração) realizadas às crianças foi possível constatar que a presença de novos materiais potenciou a exploração da área, sendo que as crianças reconheceram, elas próprias, que os materiais possuíram uma importância extrema para que se sentissem motivadas a explorar o atelier e para a sua frequência no espaço¹⁶. No entanto, houve ainda uma criança que não focou a dimensão somente de novos materiais, mas também a diversidade de materiais existentes¹⁷ como fator que contribuiu para a motivar a explorar a área. É face a todas as observações e análises que, mais uma vez, se verificou a importância da organização do ambiente educativo – espaço e materiais – como forma de motivar a exploração da área.

Assim sendo, denotou-se que os materiais que ficaram disponíveis às crianças condicionaram as iniciativas das mesmas (Forneiro, 1998) e que o facto de estes irem ao encontro das necessidades e interesses das crianças promove um sentido de curiosidade e vontade de explorar, que irá estimular o desenvolvimento da sua imaginação, criatividade, entre outras competências. Foi, também, verificável que o facto de as crianças participarem na escolha dos materiais, sendo a sua voz escutada e as suas opiniões tidas em consideração potenciou que as crianças fossem, assim, responsáveis pela sua própria aprendizagem (Marchão, 2012). Através dos dados recolhidos, estes refletem que, verdadeiramente, a organização do espaço é a primeira etapa para que a criatividade das crianças seja ativada (Barriga, 2012).

¹⁵ “O pai da H.S ligou a dizer que ela está doente e que não vem hoje e que ela estava toda zangada porque queria vir experimentar o novo atelier” (Excerto da nota de campo 247- Joana nem sabes, 27/11/2017, sala de atividades).

¹⁶ “Agora vou todos os dias para o atelier, porque tenho muitos materiais que eu gosto”; “Temos muitos materiais lá no atelier...” (cf. Anexo V- Conceção das crianças acerca da área do atelier após a sua reorganização e exploração)

¹⁷ “Eu gosto, porque tem muitas coisas e assim podemos fazer as nossas obras de arte” (cf. Conceção das crianças acerca da área do atelier após a sua reorganização e exploração).

Através da presente análise, foi constatável, também, que as Artes Visuais vão muito além da simples exploração dos materiais, sendo fundamental a experimentação dos mesmos, ou seja, “tudo o que envolve a experiência, desde a construção das ideias, passando pela escolha, preparação, experimentação e arrumação dos materiais [constitui] situações [e promovem] oportunidades de crescimento pessoal e social” (Oliveira, 2009, p.105). Em suma, a grelha de observação e recolha de dados (cf. Anexo O) evidencia o que acaba de ser referido, pois todas as explorações realizadas pelas crianças espelham as diversas aprendizagens.

A segunda questão, que considero ser mais complexa que a primeira, pressupunha verificar como é que as crianças exploram os novos materiais da área. Aqui, as minhas questões eram verificar se as crianças iriam continuar a explorar os materiais como anteriormente. Se iriam continuar a associar determinados materiais às mesmas técnicas ou atribuir-lhes-iam diferentes significados. Se ficariam pelo simples desenho com lápis, canetas e lápis de cera ou se dali iria despoletar uma panóplia de produções onde a criatividade e a imaginação emergem. Pois bem, foi a partir da análise dos dados que se pode verificar que a imaginação e a criatividade são notórias no decorrer das explorações das crianças, no entanto a incerteza e insegurança sobressaíam. Existiam dúvidas constantes por parte das crianças: “Joana posso ir mexer nas coisas que eu quiser?”; “Posso ir para o atelier fazer o que quiser?”; “Oh Joana isto é para nós usarmos ou tu vais fazer alguma coisa?”. Mas a dúvida mais constante era: “Eu posso fazer mesmo o que eu quiser?”. Foi aqui que se denotou que não existia somente uma falta de vontade por explorar a área, mas sim um retraimento da criatividade e imaginação das crianças, uma vez que estas eram “bloqueadas” por aquilo que o adulto lhes podia dizer¹⁸. Pois, para as crianças a área do atelier é um meio privilegiado de expressar os seus “sentimentos, emoções, interesses, preocupações, preferências, em suma do conhecimento que têm do mundo” (Oliveira, 2009, p.106), contrariamente, os adultos tendem por valorizar “bastante a componente estética, o que [acaba por levantar] algumas dificuldades na gestão das expectativas e valores estéticos de ambas as partes” (Oliveira, 2009, p.106).

No entanto, com a presente investigação e através da minha ação, permiti que as crianças tivessem a oportunidade de explorar os novos materiais de forma integral e

¹⁸ A I.M.H vem ter comigo e questiona: “Joana posso ir mexer nas coisas que eu quiser?”, digo-lhe que sim e a criança pergunta-me: “Mesmo a sério?” (Nota de campo 254- Posso ir mexer nas coisas que eu quiser, 28/11/2017, sala de atividades)

tirar o máximo de proveito que deles tinham. Assim, procurei proporcionar às crianças uma “liberdade para expressar todos os seus desejos, devaneios, tendências, paixões” (Sousa, 2003, p. 168). Podendo as crianças explorar os materiais, misturá-los e albergando uma multiplicidade de sensações numa única produção. Procurando ir contra a perspectiva de que o importante é o resultado final e privar “as crianças de experimentarem, explorarem e poderem construir traços da sua identidade criativa” (Oliveira, 2009, p. 7). Mostrando na minha ação que considero que “experiência artística é tão completamente racional e envolve tão completamente o conhecimento e a compreensão como qualquer [outra área]” (Best, 1996, citado em Oliveira, 2009, p.91).

Notou-se, assim, que a exploração das crianças se tornou mais autónoma e frequente a partir do momento em que compreenderam a minha visão acerca das Artes Visuais e que referi que estas podiam utilizar os materiais livremente e que a partir destes podiam fazer o que quisessem¹⁹. Assim, evidenciou-se que as crianças exploraram os novos materiais com entusiasmo²⁰, com frequência, utilizando a sua criatividade e imaginação. Foi através da exploração dos materiais que surgiu a técnica das esculturas na sala, sendo que duas crianças (F.M e o V.Q, crianças que inicialmente não demonstravam interesse pela área) com materiais reutilizáveis começaram a criá-las (cf. Grelha de observação e de recolha de dados no âmbito da investigação, 06/12/2017) e que a partir destes surgiu um interesse geral no grupo, tendo nesse dia surgido inúmeras esculturas de diversas crianças. Sendo a partir desta exploração que foi necessário proceder à introdução do mapa onde limitava o número de crianças nesta técnica, tal era a afluência e interesse de exploração na mesma. Nota-se, assim, que houve uma constante exploração dos materiais por parte das crianças.

A terceira questão orientadora da investigação levou-me a entender quais as preferências das crianças na área do atelier, sendo que inicialmente as crianças que demonstravam interesse por ir para o atelier era devido à possibilidade de realização de desenho. No entanto, com o término da investigação foi possível constatar que, embora o desenho continuasse a assumir um papel de extrema importância para a frequência das crianças na área, outras técnicas se demonstraram um foco de interesse para as mesmas.

¹⁹ Quisessem no sentido figurativo, ou seja, no sentido estético e criativo, tendo em conta tudo o que o processo acarreta.

²⁰ “A criança gostou de explorar o celofane, dizendo que nunca tinha usado” (cf. Grelha de observação e recolha de dados no âmbito da investigação, 05/12/2017).

Através das entrevistas finais às crianças (cf. Anexo Y- O que mais gostas de fazer no atelier?) e através da análise das avaliações semanais da grelha de observação e recolha de dados (cf. Anexo O) foi possível obter resposta a esta questão. Sendo que, as crianças quando inquiridas sobre o que mais gostavam de fazer no atelier, sobressaiu como resposta mais frequente o “desenho”; também as pinturas e as esculturas obtiveram um número elevado de preferência por parte das crianças. No entanto, foi visível que cinco crianças referiram que gostavam de fazer tudo naquela área. Revela-se, a partir dos dados recolhidos e observados, que as aguarelas não tiveram muita ênfase por parte das crianças como uma das técnicas que mais gostavam, porém notou-se que houve exploração desta técnica por parte das crianças e que quando a realizavam mostravam interesse (cf. Anexo O).

Durante este processo, notou-se que uma das crianças continua a não apresentar qualquer preferência por esta área, afirmando: “Eu não gosto muito, mas gosto mais que antes. Eu vou às vezes”. Salienta-se que, das catorze crianças que não apresentavam motivação e/ou gosto por explorar a área, o B.F foi o único que no término da investigação continuou a não apresentar gosto pela mesma, referindo-o quando inquirido sobre o que mais gostava de fazer.

Ainda, para além de perceber as preferências das crianças, foi visível que as diversas técnicas referidas pelas crianças ofereceram um conjunto de possibilidades de novas aprendizagens e que através da sua experimentação puderam conhecê-las, dominá-las e usá-las de forma cada vez mais autónoma e criativa (Oliveira, 2009, p.118)

A última questão, à qual pretendia obter resposta, concerne aos contributos que a área do atelier alberga para o desenvolvimento das crianças.

Com efeito, tendo em conta o que foi observado, notou-se que o atelier é sem dúvida um espaço de oportunidades de conhecimento e criatividade. Assim, a partir da análise da grelha de observação e recolha de dados no âmbito da investigação (onde constam fotografias das produções, materiais utilizados, comentários das crianças e observações dos adultos) foi notório que as crianças quando criavam/produziam invocavam conhecimentos relacionados com as diferentes áreas de conteúdo.

E, face a tudo o que foi a presente investigação, constata-se, de facto, que esta é uma área com um potencial significativo para o desenvolvimento integral das crianças, denotando-se que todas as áreas de conteúdo estão presentes na área do atelier. É a partir das áreas de conteúdo disponíveis nas OCEPE (2016) que explicitarei de que

modo esta área do atelier se torna um leque de oportunidades no desenvolvimento das crianças.

Apurou-se que na área da Formação Pessoal e Social, o atelier contribuiu para que as crianças:

- (i) Desenvolvessem o sentido estético e crítico- diversas vezes as crianças comentavam as produções umas das outras e sobre os seus próprios trabalhos: “Permiti que as crianças se juntassem e fizessem, demonstrando-se um momento de interação entre as crianças e onde refletiam sobre o trabalho uma da outra”; “São uns riscos, eu gosto. Acho que ficou bonito”; “Fiz uma flor, pensei numa coisa que a mãe tem em casa e acho que ficou bem para decorar a casa”.
- (ii) Fossem autónomas nas suas escolhas- Notou-se que as crianças à medida que iam explorando a área se tornavam cada vez mais autónomas: “A criança autonomamente foi à caixa buscar as lãs e começou a recortar e colar na folha”.
- (iii) Se relacionassem constantemente entre pares- “Eu gosto de pintar com a R.G, nós somos amigas”; “A M.M convidou a C.F para fazer consigo o desenho, esta aceitou e as duas foram para uma mesa fazer o desenho em conjunto”; “Embora estivessem mais do que quatro crianças na modelagem (número máximo de crianças) os adultos da sala não disseram nada já que as crianças se estavam a conseguir organizar e elas próprias a cooperarem”.
- (iv) Demonstrassem através das suas produções laços afetivos- “Fiz uma árvore de Natal e corações porque eu gosto do Natal e gosto de ti, o desenho é para ti Joana”; “Estou a fazer um desenho para a minha mãe, vou fazer um coração colorido com as tintas”; “Fiz um gato para ti Joana, é cor de rosa porque eu sei que gostas dessa cor”; “Esta sou eu, tu e a mãe. Eu sou a menina do meio e estou a dar um abraço a vocês”.
- (v) Consolidassem laços de pertença- “Esta é a minha família, é o pai, a mãe, eu e a mana”.

Relativamente à área da Expressão e Comunicação evidenciou-se aspetos relacionados com:

- (i) Abordagem à Escrita- “Joana olha eu fiz as letras na plasticina, o V, o I e o C do meu nome”.
- (ii) Faz de conta- “Fiz uma marioneta para nós brincarmos, olha aqui”; “Isto fui eu que fiz, é um copo. Agora vou para a casinha e podemos fingir que é um sumo”; “Fiz uns hambúrgueres para levar para a casinha e lá parece que fiz o jantar”.
- (iii) Desenvolvem a sua criatividade²¹- “Isto é muitas estrelas coloridas no céu” (27/11/2017); “É uma nave espacial dos PJ Masks. O algodão lança satélites para o espaço e as coisas coloridas lançam mísseis para os extraterrestres. Lança bolas também” (6/12/2017); “Fiz um morcego às cores” (6/12/2017); “É uma nave espacial robot que lança bananas para o espaço”; “Joana fiz esta pintura, mas viste usei os materiais das construções artísticas. É uma escultura pintada”.

No que respeita ao Conhecimento do mundo, sobressai conhecimentos relacionados com:

- (i) Épocas festivas - O G.N diz: “Nós fizemos aqui uns dinossauros, temos a árvore do natal porque estamos no natal quase”
- (ii) Reconhecimento do corpo humano- “Eu fiz uma menina, com cabelo e com olhos, tem os braços”; “Fiz uma menina, tem os olhos, a boca, o cabelo. Agora vou fazer o queixo”; “Eu estive a fazer um menino, não me esqueci que temos pescoço”.
- (iii) Ciências naturais- “Fiz a nossa terra, tem as bandeiras e ali o verde é a relva, o azul do céu”; “Fiz um avião, a pena é uma asa então ele voa”; “É um pássaro, por isso é que tem muitas penas”; “É um inseto, uma abelha. Só que não pus o ferrão como a abelha tem porque não encontrava nada que tivesse um bico”.

Face à informação que reunimos, através dos dados, e concordando com o referido por Oliveira (2009) verifica-se que é através das “diferentes formas de se expressar e comunicar [que as crianças vão] estabelecendo novas relações, adquirindo novos conhecimentos e competências, apropriando-se das ferramentas essenciais à sua formação” (p.80). Traduzindo-se a investigação numa diversidade de experiências

²¹ Embora apresente aqui alguns exemplos da criatividade das crianças, a meu ver todas as produções que as crianças realizam apresentam parte da sua criatividade, ou não viesse da sua conceção, sentimentos e emoções.

e aprendizagens benéficas para as crianças, permitindo através das suas explorações o seu desenvolvimento integral. Também, Oliveira (2009) através do estudo que realizou constatou que as Artes Visuais se traduzem “no processo de desenvolvimento integrado e integral da criança” (p.98). Verifica-se, assim, após a análise e discussão de todos os dados que as Artes Visuais não servem apenas para “entreter, passar tempo e fazer coisas bonitas” (Oliveira, 2009, p.5).

Por último, importa frisar que a presente investigação parece ter tido um impacto muito positivo no grupo, considerando que os dados apontaram para uma alteração na conceção das crianças sobre a área, que se mostram mais motivadas a explorar a mesma e pelas Artes Visuais em si, espelhando-se através dos comentários positivos e do reconhecimento do impacto da presente investigação para as crianças²². Assim, através das entrevistas realizadas às crianças no fim da PPS II (cf. Anexo X) estas evidenciaram interesse e motivação pela exploração do atelier, indicando os motivos para essa motivação e interesse. Destaca-se como motivação para a frequência das crianças as possibilidades da área, onde têm a oportunidade de utilizar diversas técnicas (“É giro, porque dá para fazer desenhos, pinturas, esculturas e eu gosto e escolher isso”) e possibilidades de criar “coisas giras e bonitas” (“Eu gosto, dá para fazer coisas giras”); possibilidade de criar através da imaginação (“Eu gosto tanto de ir para o atelier, faço lá muitas coisas da minha imaginação”); possibilidade de realizar muitas coisas (“Gosto de ir para o atelier porque agora posso fazer muitas coisas”); possibilidade de explorar novos materiais (“Agora vou todos os dias para o atelier, porque tenho muitos materiais que eu gosto”); possibilidade de explorar diversos materiais (“Eu gosto, porque tem muitas coisas e assim podemos fazer as nossas obras de arte”); relação entre pares (“É giro, porque vejo o que os amigos estão a fazer e fazemos em conjunto”); gosto pela área (“Eu gosto muito, vou todos os dias”); mais espaço (“Eu gosto, porque agora também temos mais espaço”). Face a tudo o que foi referido, nota-se que muitas das afirmações das crianças vão ao encontro do que foi observado e registado nas notas de campo e na grelha de observação sistemática.

²² Estou-me a despedir das crianças e aparece a mãe do L.G. Esta agradece-me por tudo e conversamos um bocadinho acerca deste percurso. Esta diz-me: “Joana nem sabe como a sua investigação foi importante, a diferença no L.G. Ele não ligava nem se interessava nada por desenhos, nem pinturas, nada. Nada que tivesse a ver com esta competência ele mostrava interesse e agora adora! Obrigada Joana, ouvi-los e ir ao encontro do que eles queriam foi fundamental”. Agradeço imenso à mãe as suas palavras e continuamos a conversar (Nota de campo 446- Joana é uma evolução, 18/01/2018, sala de atividades).

Revela-se, ainda, através das mesmas entrevistas que as crianças quando questionadas sobre se ainda gostariam de mudar alguma coisa na área, apenas duas crianças deram sugestões, estando uma ligada ao bem-estar enquanto estava no atelier (“Gostava de ouvir música quando estou a desenhar”) e outra relacionada com uma necessidade sentida pela criança em relação a outra área (“No atelier? Não. Eu mudava nos livros, gostava de mudar e pôr mais livros. Podes mudar a seguir os livros? Eu posso ajudar-te a perguntar aos outros meninos o que querem mudar nos livros”).

Face a toda a análise realizada pode constatar-se que houve uma clara alteração da conceção do atelier por parte das crianças, notando-se uma motivação e interesse por explorar a área.

Importa, ainda, referir que considero que a participação das crianças em todo o processo levou também ao envolvimento das crianças e no seu interesse pela exploração da área. Verificando-se que ao escutá-las foi possível ir ao encontro das suas necessidades, pois tal como Tomás (2011) frisa são as crianças que ao participarem nos dão pistas do que poderemos fazer a seguir e ir ao encontro daquilo que estas necessitam.

Apresento, resumidamente, as conclusões da presente investigação numa tabela síntese:

Tabela 1.

Tabela síntese e conclusiva da investigação realizada

Antes da Intervenção	Após a Intervenção
Catorze crianças apresentavam desinteresse pela área do atelier.	Uma criança apresenta desinteresse e falta de gosto pela área do atelier.
Ausência de diversidade e quantidade de materiais (os existentes eram escolhidos pela equipa educativa).	Existência de diversidade e quantidade de materiais (materiais selecionados consoante os interesses/necessidades das crianças, da equipa educativa e estagiária).
Ausência de exploração dos materiais.	Constante exploração dos materiais do atelier = surgimento de nova técnica (esculturas).
A área do atelier como área de “só fazer desenhos”.	A área do atelier como área de “fazer muitas coisas”.
-	A área do atelier como promotora do desenvolvimento integral da criança.

IV. CONSTRUÇÃO DA PROFISSIONALIDADE DOCENTE COMO EDUCADORA DE INFÂNCIA

A viagem de um/a educador/a de infância é interminável, pois cada criança acrescenta mais um pouco à sua caminhada. É assim que nós, educadores/as, encontramos novos destinos.

(Autoria própria)

Ao iniciar este ponto, importa descrever o percurso que existiu até chegar à construção da minha profissionalidade enquanto educadora de infância. Esta viagem de formação começou com uma “bagagem” leve e quase vazia (quase, porque desde os 12 anos que saía da escola e ia para o trabalho da minha mãe, que também trabalha com crianças).

Esta viagem teve o seu início após o ensino básico, quando, com todas as certezas de que iria chegar aqui, ingressei no Curso Profissional de Apoio Psicossocial, sabendo desde cedo a profissão pela qual nutria tanto gosto. A meu ver não existe uma “receita” para se aprender a gostar e a trabalhar com as crianças, é algo que nasce connosco enquanto profissionais de educação. Durante a minha formação no curso profissional tive a oportunidade de realizar um estágio num JI durante dois meses, dois meses que me mostraram que para trabalhar com crianças o gosto não chega. É necessário muito mais: amor, carinho, disposição e, sobretudo, disponibilidade. Se tal não existir, dificilmente se terá uma boa prática para e com as crianças, dado que esta é uma profissão bastante exigente, tanto física como psicologicamente, e que não pode, de todo, ser descurada.

No entanto, ao ingressar na Escola Superior de Educação percebi que tudo o que referi acima era importante, mas que não chegava, era preciso mais. Desta forma, considero relevante mencionar que, para o exercício desta profissão, prevê-se também uma necessidade fulcral, como a formação. Alarcão (1995) refere que um/a educador/a é “alguém, uma pessoa, que escolheu ser educador e se preparou para o ser, preparação que continuamente renova para cada vez mais o ser” (p.13), deste modo, devemos estar preparados “para abraçar tal profissão, desígnio esse que obriga à aquisição de habilitações necessárias ao exercício dessa ocupação” (Costa & Caldeira, s.d., p.126).

Assim, embora o amor que tenho por esta profissão esteja dentro de mim desde muito cedo, saliento que deve existir uma constante capacidade de procurar informação e, deste modo, existir uma (re)construção²³ da identidade profissional. Portanto, não é apenas necessário a obtenção de um certificado de habilitações, “é fundamentalmente um trabalho do sujeito sobre si próprio” (Costa & Caldeira, sd, p.126).

É em contexto de formação que o educador de infância, “seja ele estagiário, principiante ou experiente, (re)constrói a sua identidade profissional, pois é impossível dissociar identidade pessoal de identidade profissional ou de identidade social” (Costa & Caldeira, s.d., p.126). Assim, a minha frequência na ESE permitiu-me passar por duas fases de formação fundamentais: aluna e aluna-estagiária. Enquanto aluna tive a oportunidade de adquirir conhecimentos teóricos relacionados com a educação, na formação enquanto aluna-estagiária tive a oportunidade de agir num contexto educativo, e colocar em prática toda a teoria aprendida anteriormente.

Foi enquanto aluna-estagiária que o contato com outros profissionais da área (estágios em creche e jardim de infância) contribuiu para (re)construir a minha identidade profissional, no sentido em que estes aprofundaram e enriqueceram todas as minhas intencionalidades e perspetivas para a prática futura. No entanto, não é só a parte prática que assume e revela aqui a sua importância, a aquisição de conhecimentos teóricos evidencia, também, o seu papel fundamental. Pois muitas vezes a prática foi melhorada e ou compreendida através de referenciais teóricos, coadunando os dois para uma prática de qualidade.

Ademais, esta foi uma primeira etapa para a preparação profissional, dando-me a oportunidade de experienciar este mundo que é a educação pré-escolar, permitindo-me a aquisição de novos conhecimentos, práticas, experiências e, essencialmente, contato com outros profissionais desta área, sendo estes últimos importantíssimos nesta fase de formação em que me encontro. Considero, assim, que nesta profissão estamos sempre num processo de formação contínuo porque ao trabalharmos com outras pessoas, conhecemos novas práticas e ideologias. Desta forma, defendo que existe

²³ Falarei sempre em re(construção) da identidade profissional porque considero que um/a educador/a de infância está sempre em constante aprendizagem e adaptação da sua identidade e desempenho profissional.

uma dimensão pessoal que traz consigo inúmeras vantagens para desenvolver um bom trabalho nesta profissão.

Enquanto futura educadora de infância, considerando que as intenções devem atender ao grupo por quem seremos responsáveis, importa salientar que na construção da minha profissionalidade sobressaem intenções e formas de estar com as crianças que serão iguais, independentemente do grupo por quem eu serei responsável. Em primeiro lugar, considero que uma educadora de infância, antes de o ser, enquanto profissional, tem que ser uma pessoa com valores muito presentes, tem que ser um “bom” ser humano, pois esses valores serão transmitidos às crianças através da sua ação.

Em segundo lugar, serei certamente uma educadora que preza por uma sala onde as dimensões da afetividade e segurança predominam. O modo como os/as educadores/as se envolvem com as crianças e lhes proporcionam momentos e experiências eficazes, baseia-se essencialmente no afeto e nos cuidados dados a estas crianças, proporcionando-lhes também uma educação de qualidade. Assim, o educar e o cuidar são as bases da relação pedagógica e da partilha entre educador/a e criança, exigindo um cuidado personalizado, com base na interação positiva, no afeto e na partilha.

Será, ainda, base da minha ação dar voz às crianças, ou seja, as crianças devem ser escutadas e a sua opinião deve ser valorizada, existindo a troca de poder entre ambas as partes, não descurando que o/a educador/a terá de mediar esta troca.

Procurarei sempre ter um conhecimento acerca do desenvolvimento geral das crianças e suas aprendizagens nas respetivas faixas etárias. Assim, tendo consciência de que cada criança tem as suas próprias características e desenvolvimento, procurarei entendê-las quanto ao seu desenvolvimento, conhecimentos, competências e habilidades, à sua personalidade, às suas potencialidades e fragilidades e aos seus interesses, gostos e preferências.

O estágio em JI demonstrou-me, de facto, a importância que as famílias assumem como parceiras para uma educação de qualidade. Assim, embora eu já tivesse uma perceção da importância das mesmas e procurasse agir face à mesma, este estágio mostrou-me que há simples gestos que fazem toda a diferença para a criação de uma boa relação com as famílias. É deste modo, que surge uma intenção para a minha prática enquanto futura educadora de infância: estimular a participação das famílias e reconhecê-las como parceiras na educação de cada criança (APEI, s.d).

Posto isto, procurarei que nesta relação exista atitudes que deem lugar a uma parceria onde se promova o diálogo, o respeito, a verdade e a tolerância, a ser desenvolvidos como tendo um único objetivo, a finalidade educativa e o desenvolvimento harmonioso das crianças.

Agora, terminando este percurso, percebo que aquela bagagem que ao início vinha leve e quase vazia transformou-se numa bagagem com um leque de informações, conhecimentos e experiências que me ajudarão a ser uma profissional mais completa e com a certeza de que darei o que puder de mim para que as crianças que estão comigo possam ter uma educação de qualidade, já que “estamos com as crianças durante um período de tempo muito curto e durante um espaço de tempo muito importante para as suas vidas. Façamos com que valha a pena ao darmos tudo o que temos” (Katz, 2006, p.21).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste último ponto do relatório, considera-se pertinente referir a importância da PPS II para a minha formação. Como já havia sido referido, este não foi o meu primeiro estágio em contexto de JI, uma vez que no curso Técnico de Apoio Psicossocial já tinha realizado um estágio nesta valência. No entanto, considero que todas as experiências em fase de formação são bastante enriquecedoras e uma mais-valia para a fase em que nos encontramos. O contacto com diferentes contextos e as equipas que lá trabalham permitem-nos adquirir mais conhecimentos, contribuindo, como já referido, para a (re)construção profissional.

O contexto onde decorreu a PPS II trouxe-me uma vivência e prática muito distinta das anteriores, devido ao facto de ser de índole religiosa. Deste modo, existiu uma adequação da minha prática ao contexto, o que me proporcionou experiências muito enriquecedoras e reflexivas. Embora, esta tenha sido a minha primeira experiência num contexto de índole religioso, considero que me adaptei perfeitamente, transformando a minha prática numa prática de qualidade e adequada ao contexto em questão.

Genuinamente, houve uma apreensão face a uma realidade e contexto diferente daquele que tinha vivenciado, porém essa insegurança, assim como as dificuldades que foram emergindo foram superadas com a ajuda das profissionais com quem desenvolvi a minha prática, através de literatura específica e, principalmente, através das reflexões

diárias que realizei sobre a minha ação ou de acontecimentos que considerava importante refletir. Importa, deste modo, salientar a relevância que as reflexões diárias e semanais que foram realizadas ao longo da prática tiveram na minha ação, uma vez que se traduziram numa mais-valia, sendo possível verificar a evolução e desenvolvimento a nível pessoal, assim como a nível reflexivo.

Atento, ainda, para outra dimensão deste estágio, sendo que, foi realizada uma investigação com base numa problemática identificada na sala de atividades e face a isso procurei colmatá-la. Tendo em conta o referido, considero que o plano de ação delineado promoveu novas aprendizagens e oportunidade para as crianças se desenvolverem através da sua própria ação, traduzindo-se a presente investigação num leque variado de oportunidades de desenvolvimento.

À medida que fui observando as diferentes explorações das crianças no decorrer do plano de ação delineado foi evidente que iam surgindo novas aprendizagens, sendo notório, também, nessas explorações a explicitação e utilização de conhecimentos respetivos às diferentes áreas de conteúdo. Face ao referido, as explorações que iam ocorrendo emergiam em aprendizagens provocadas pela interação entre os pares e/ou pela sua própria ação.

A presente investigação-ação permitiu-nos perceber as potencialidades da área do atelier para este grupo de crianças e suscitar o interesse do grupo para a mesma. Perspetivando a sua continuidade, seria interessante perceber com a continuação da exploração da área que novas aprendizagens iam surgir. A investigação para além dos benefícios que trouxe para as crianças, também foi promotora de várias aprendizagens para mim. Traduzindo-se numa forma de compreender a importância de o/a educador/a ter um olhar atento e reflexivo acerca da sua prática, sendo a organização do seu espaço e materiais alvo de reflexão constante, para verificar se estes vão ao encontro dos interesses e necessidades das crianças.

No decorrer da investigação deparei-me com alguns constrangimentos, nomeadamente ao nível do tempo. Sendo que a equipa educativa propunha desafios constantes (atividades dirigidas), por vezes não conseguia estar tão atenta e envolvida na investigação por estar responsável pelos mesmos. Pelo mesmo motivo houveram momentos relacionados com a investigação que não puderam ser desenvolvidos como gostaria (como exemplo: uma criança pediu que se fizesse um castelo como porta de entrada para a imaginação, este foi apenas construído com pacotes de leite e não chegou até ao produto final pensado pelas crianças, dado que a PPS terminou). Mesmo

tendo existido estas dificuldades, considero que foi uma mais-valia, já que nesta profissão iremos encontrar muitos desafios e obstáculos e só temos é de os “agarrar”, “arregaçar mangas” e superá-los da forma que nos for possível, sempre dando o melhor de nós para o grupo com quem estamos.

Em suma, com a investigação pude compreender que as Artes Visuais podem e devem ser privilegiadas numa sala de atividades, apesar de, muitas vezes, esta ser esquecida ou menosprezada, considerando os/as educadores/as de infância que as atividades de outras áreas são mais importantes. Assim, assumo uma posição em que considero que todas as áreas são importantes, existindo um equilíbrio, o que se irá traduzir num desenvolvimento integral das crianças. Outro fator que retiro desta investigação é que o/a educador/a deve estar disposto a utilizar todos os seus sentidos para detetar sinais de quais são os verdadeiros interesses e necessidades do grupo com quem está para dar resposta a isso mesmo.

REFERÊNCIAS

- Alencar, E. (2007). *Criatividade no Contexto Educacional: três décadas de pesquisa*. Psicologia: Teoria e Pesquisa. n.º especial (23), 45-49.
- Alarcão, I. (1995). Princípios de formação dos educadores reflexivos. *Cadernos de Educação de infância*, 35,12-15.
- Andrea, I. (2005). *Pedagogia das Expressões Artísticas*. Lisboa: ISPA Edições.
- APEI (s.d). *Carta de Princípios para a ética profissional*. Consultado em: <http://apei.pt/associacao/carta-etica.pdf>
- Barbosa, A.M. (2005). *Arte/Educação Contemporânea: consonâncias internacionais*. São Paulo: Cortez Editora, 295-317.
- Bardin, L. (2004). *Análise de Conteúdo* (Reto,L., Pinheiro,A., Trad.) Lisboa: Edições70.
- Barriga, T. (2012). (Re)criar a criatividade – Materiais recicláveis como recurso educativo. *Cadernos de Educação de Infância*, 96, 11-13.
- Brazelton, T. B. & Greenspan, S. L. (2002). *A criança e o seu mundo*. Requisitos essenciais para o crescimento e aprendizagem (M. M. Peixoto & M. F. Morgado, Trad.) (5.ª ed.). Lisboa: Editorial Presença.
- Bogdan, R & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação. Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Castelão, A. S. (2013). *A construção de uma parentalidade confiante: influência do modelo Touchpoints na relação educador-família* (Dissertação de mestrado, Escola Superior de Educação de Lisboa, Lisboa). Consultada em <http://hdl.handle.net/10400.21/3261>
- Cardona, M. J. (2007, agosto). A avaliação na educação de infância: as paredes das salas também falam! Exemplo de alguns instrumentos de apoio, *Cadernos de Educação de Infância*, (81), 10-15.
- Cardona, M.J & Guimarães (2012, dez). *Avaliação na Educação de Infância*. Viseu: Psicosoma.

- Coutinho, C., Sousa, A., Dias, A., Bessa, F., Ferreira, M. J. & Vieira, S. (2009). Investigação-Ação: Metodologia preferencial nas práticas educativas. *Psicologia, Educação e Cultura*, 2, 355-379.
- Costa, M. & Caldeira, A. (s.d.). Se isto é uma educadora de infância. Reflexão em torno da construção de uma identidade profissional. *Atas do II encontro de mestrados em educação e ensino da Escola Superior de Educação de Lisboa*. (pp.124-131) Lisboa: Escola Superior de Educação de Lisboa.
- Delgado, P. (2006). *Os Direitos da criança*. Da participação à responsabilidade. Porto: Profedições.
- Esteves, C. (2014). Entrevistar crianças/jovens: relato de uma experiência em contexto hospitalar. *Saber & Educar*, 19, 96-105.
- Estrela, A. (1994). *Teoria e Prática de Observação de Classes. Uma Estratégia de Formação de Professores*. Porto: Porto Editora.
- Ferreira, M. (2004). «A gente gosta é de brincar com os outros meninos!» Relações sociais entre crianças num jardim de infância. Porto: Edições Afrontamento, pp. 65-102.
- Flick, U. (2005). *Métodos Qualitativos na Investigação Científica*. Lisboa: Monitor.
- Fisher, J. (2004). A relação entre o planeamento e a avaliação. In I. Siraj-Blatchford (Coord.), *Manual de desenvolvimento curricular para a educação de infância*. Lisboa: Texto Editora.
- Folque, M. A. (2014). *Aprender a aprender no pré-escolar: o modelo pedagógico do movimento da escola moderna* (2.^a ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Forneiro, L. (1998). A organização dos espaços na educação infantil. Em M. Zabalza, *Qualidade na Educação Infantil* (pp. 229-281). Porto Alegre: Artmed.
- Fróis, J. (2011). Educação Estética e Artística – Abordagens Transdisciplinares. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Formosinho, J., & Machado, J. (2008). Currículo e Organização: As equipas educativas como modelo de organização pedagógica. *Currículo sem Fronteiras*, 8, 5-16.

- Gandini, L. (2008). Espaços educacionais e de envolvimento pessoal. In C. Edwards, L. Gandini & G. Forman, *As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância* (pp.145-158). Porto Alegre: Artmed.
- Hohmann, M., & Weikart, D. P. (2011). *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Homem, C., Gomes, B. & Montalvão, R. (2009). A importância da criatividade. *Cadernos de Educação de Infância*, 88, 41-46.
- Homem, C. (2009, dezembro). A ludoterapia e a importância do brincar: reflexões de uma educadora de infância. *Cadernos de Educação de Infância*, 80, 21-24.
- Katz, L. (2006). Perspectivas actuais sobre aprendizagem na infância. *Saber (e) Educar*, 11, 7-21.
- Kowalski, I. (2012). Criatividade e educação estética na infância – breves pontos. *Cadernos de Educação de Infância*, 96, 47-49.
- Leite, E., & Malpique, M. (1986). *Espaços de Criatividade - A Criança que Fomos/A Criança que Somos...Através da Expressão Plástica*. Porto: Edições Afrontamento.
- Lima, J. (2013). Por uma Análise de Conteúdo Mais Fiel. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 47, 7-29.
- Lino, D. (2013). O Modelo Pedagógico de Reggio Emilia. In J. Oliveira-Formosinho (Org.), *Modelos Curriculares para a Educação de Infância – Construindo uma práxis de participação* (pp. 109-140) (4.ª Ed.). Porto: Porto Editora.
- Máximo-Esteves, L. (2008). *Visão Panorâmica da Investigação-Ação*. Porto: Porto Editora.
- Marchão, A. (2012). *No jardim de infância e na escola do 1.º ciclo do Ensino Básico – Gerir o currículo e criar oportunidades para construir o pensamento crítico*. Lisboa: Edições Colibri.
- Martins, A. (Coord.). (2002). *Didáctica das Expressões*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Meirinhos, M. & Osório, A. (2010). O estudo de caso como estratégia de investigação em educação. *Revista Portuguesa de Educação*, 2, 49-65.

- Niza, S. (1998). *O modelo curricular de educação pré-escolar da escola moderna portuguesa*. In J. Oliveira-Formosinho (org.), B. Spodek, P. Brown, D. Lino & S. Niza, Modelos curriculares para a educação de infância (pp.51-92). Porto: Porto Editora.
- Niza, S. (2007). O Modelo Curricular de Educação Pré-Escolar da Escola Moderna Portuguesa. In J. Oliveira-Formosinho, *Modelos Curriculares de Educação de Infância – Construindo uma praxis de participação* (pp.123-141). Porto: Porto Editora.
- Oliveira, M. (2007). *A Expressão Plástica para a compreensão da cultura visual*. Porto: Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti.
- Oliveira, A. (2009). *O Lugar e o Não lugar da Expressão Plástica/Artes Plásticas nos Projectos Curriculares e nas Acções dos Educadores de Infância*. (Tese de Mestrado). Minho: Universidade do Minho – Instituto de Estudos da Criança.
- Oliveira-Formosinho, J. & Andrade, F. (2011). O espaço na pedagogia-em-participação. In J. Oliveira-Formosinho (Org.), F. Andrade & J. Formosinho, *O espaço e o tempo na pedagogia-em-participação* (pp. 9-70). Porto: Porto Editora.
- Parente, M. C. (2004). *A construção de práticas alternativas de avaliação na pedagogia da infância: sete jornadas de aprendizagem* (Dissertação de mestrado, Universidade do Minho, Braga).
- Parente, C. (2013). Portfólio: uma estratégia de avaliação para a educação de infância, In M. J. Cardona & C. M. Guimarães, *Avaliação em educação de infância* (pp. 305-319). Viseu: Psicosoma.
- Rodrigues, D. (2002). *A Infância da Arte, a Arte da Infância*. Porto: Edições Asa.
- Silva, I. L., Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação/ Direção-Geral de Educação.
- Sousa, A. (2003). *Educação Pela Arte e Artes na Educação*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Sousa, A. (2003b). *Educação pela Arte e Artes na Educação: Música e Artes Plásticas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Sousa, A. (2005). *Investigação em educação*. Lisboa: Livros Horizonte.

- Tomás, C. (2011). «*Há muitos mundos no mundo*». Cosmopolitismo, participação e direitos da criança (pp.140-171). Porto: Edições Afrontamento.
- Vala, J. (1986). A análise de conteúdo. In A. S. Silva & J. M. Pinto (Orgs.), *Metodologia das ciências sociais* (pp. 101-128). Porto: Afrontamento.
- Zabalza, M. (1992). *Didática da Educação Infantil*. Porto: Edições Asa.
- Zabalza, M. (1998). Os dez aspectos-chave de uma educação infantil de qualidade. In M. Zabalza, *Qualidade em educação infantil* (B. A. Neves, Trad.) (pp. 49-62). Porto Alegre: ArtMed.

ANEXOS

Anexo A- Portefólio Individual da PPS II²⁴

²⁴ Este anexo encontra-se em formato digital (pdf) anexado ao relatório.

Anexo B- Entrevista à educadora cooperante

Qual é a sua formação nesta área profissional?

Bem, Tenho a licenciatura e bacharelato. O bacharelato fiz há 24 anos no instituto Piaget, depois fiz a licenciatura na IESEAG. Também fiz uma pós-graduação na ESE de Lisboa. E pronto, depois parei por aqui (sorri), achei que já chega.

Há quanto tempo exerce funções de educadora de infância?

Há 25 anos já, às vezes olho para trás e nem parece, gosto tanto disto que penso como é que já passaram tantos anos...

Qual considera ser a importância do jardim-de-infância (JI) para as crianças? E para as famílias?

É assim, o jardim de infância, hoje em dia é fundamental, para a educação das crianças, uma ajuda para as famílias, a entreaajuda entre a escola e a família é uma das mais valias para o desenvolvimento das competências das crianças. Assim, a meu ver o jardim de infância é uma das melhores coisas que existe.

Como caracteriza o grupo de crianças com que trabalha atualmente?

Ai, que agora é que me vem as lágrimas aos olhos, é incrível, incrível, um grupo espetacular, autónomo, com uma necessidade de aprender enorme, quer descobrir sempre mais e mais, é um grupo bastante curioso. Se tiver as estratégias para aquilo que eles querem eles vão atrás de tudo, assim sou eu para eles e eles para mim. São crianças que se respeitam, ajudam-se uns aos outros, estão sempre prontos para ajudar se alguém precisar, se veem um amigo triste vão ver o que é preciso. São lindos.

Todos os conflitos que acontecem entre as crianças são conflitos normais destas idades. O único que ainda denota alguns comportamentos mais desajustados é o B.F, este vem de uma escola diferente, na qual não tinha estímulos, notava-se que não tinha regras e daí termos de o estimular e impor alguns limites. É um grupo muito interessado, explora muito as áreas, também os estimulo muito para isso. Como podes ver eu estou sempre a exigir mais e mais deles, porque conheço o grupo e sei que eles dão sempre mais, daí não podermos aceitar tudo deles.

Como faz esse diagnóstico?

O diagnóstico do grupo faço através dos planos desenvolvimentos individual, face à observação de cada criança depois eu consigo avaliar o grupo no geral e perceber quais são as melhores estratégias para eles.

De que forma utiliza essas informações?

Quando avalio um grupo como educadora tenho de estar atenta ao que querem saber e ir sempre de encontro às necessidades do grupo, ver quais são os interesses das crianças se não, não faz sentido. Não podemos fazer as coisas por nós, elas têm de se desenvolver por elas, são elas que nos mostram o caminho, nós podemos conhecer muito bem as crianças, mas são elas que nos indicam o caminho a seguir.

De que forma integrou as crianças que estão pela primeira vez neste grupo e na instituição?

Na instituição geralmente costumamos usar mais o menos as mesmas formas de acolher uma nova criança, fazemos um encontro com as crianças que vêm de novo e com as suas famílias, é uma forma de conhecermos as crianças e as famílias, logo aí é uma forma de conhecer melhor as duas partes. Costumo utilizar uma história que é a “Matilde vai para o jardim de infância”, conheces? Pronto, depois cantamos com a criança e fizemos uma visita à instituição. Depois de conhecer a instituição, no caso do B.F, veio logo passar a manhã connosco à sala brincar com as outras crianças e até deixou cá na sala logo um dinossauro para as crianças se lembrarem dele até agora entrar em setembro. Quando as crianças entram de novo temos de ter um olhar mais atento, temos de os acompanhar à casa de banho, se for preciso uma maior atenção temos de dar, mas pronto isso depende de criança para criança, olha o B.F não teve dificuldades nenhuma de adaptação e o grupo acolheu-o logo, visto que previamente os avisei que vinha um elemento novo, também já viste que eles são um grupo muito acolhedor, eles recebem muito bem novos elementos, partilham, acolhem e são muito amigos do outro, é um grupo realmente fantástico, são uns doces. Esqueci-me de te dizer, no fim da manhã quando o B.F veio comeram todos juntos gelado, é muito engraçado, já viste são estratégias que vamos encontrando para acolher crianças novas, lá está são dias muito importantes.

Existe alguma criança com NEE e/ou necessidade de um apoio mais individualizado? (de outros profissionais).

Sim, na sala temos o V.Q que está sinalizado e está a ser seguido por uma terapeuta da fala, é ao nível da linguagem. Foi difícil, ter que desmontar a figura que a

mãe do V.Q tinha da criança, quando lhe tive de dizer que ele ia ser sinalizado não foi fácil, lá está tive de usar a minha vertente humana. Não é fácil, embora já tenha muita experiência estas situações são complicadas.

Como organiza o ambiente educativo para que seja profícuo para o desenvolvimento e aprendizagem do grupo de crianças?

É organizado por áreas, para desenvolver integralmente as capacidades das crianças devemos ter pelo menos 10 áreas, cada uma destas deve estar enriquecida com materiais estimulantes para que esta desenvolva aquilo que é essencial. Daí dizer tanto para explorarem a área. Como constataste a área do atelier necessita de alterações, talvez porque não tenha os materiais que os estimule e que lhes cause interesse. Daí ter de arranjar uma forma de os motivar. Então eu vou organizando o ambiente educativo consoante as necessidades das crianças, por acaso até acho que há algumas que tenho de pôr mais materiais. Também tenho muita atenção à segurança, por isso é que ando a ver se há alguma coisa partida ou se há alguma coisa que se possam magoar, mas é isso ir sempre ao encontro das necessidades das crianças. Mas as principais intencionalidades prendem-se com promoção da autonomia das crianças, onde as crianças podem ir buscar o que quiserem, quando quiserem e arrumarem sem necessitar do auxílio do adulto. Também, muito importante é que o espaço promova a cooperação entre as crianças, daí as mesas estarem juntas e eles trabalhem em conjunto; no atelier é estimular o desenvolvimento do espírito crítico, a estimulação da criatividade, da imaginação, o sentido estético, porque eles não escolhem muito. Tu vês há crianças que não escolhem aquela área.

Qual considera ser a importância da escolha dos materiais da sala?

É fundamental, é fulcral, porque cada área tem de estar apetrechada para que as crianças possam desenvolver-se integralmente, as coisas têm de ser apelativas, têm de ser apelativas não só para elas, mas que contribuam para o desenvolvimento da criança. Daí querer mudar a área do eu, outra vez. As coisas têm de ser diversificadas e também temos de mudar essa área.

**Quais são as suas prioridades relativamente à organização do tempo educativo?
Como as define?**

É sempre a mesma rotina, as rotinas têm de ser adaptadas ao tempo de concentração da criança, daí eu adaptar o tempo das reuniões, não podem estar muito

tempo sentados. Mas, claro as rotinas têm a ver com as idades das crianças, por isso é que os mais novos vão almoçar mais cedo e nós vamos mais tarde, é tentar ir ao encontro das necessidades fisiológicas das crianças. Claro que as rotinas são alteradas também, porque são programadas de encontro com as necessidades.

Como integra o espaço exterior na vida do grupo?

A meu ver, o espaço exterior é tão importante como o espaço interior, a parte dos jardins tanto desenvolvem a motricidade fina como a grossa, o que as crianças desenvolvem nos jardins não desenvolvem dentro da sala. Por isso, o espaço exterior é fundamental, temos sempre de pensar no desenvolvimento global da criança. Esse esticar as pernas, correr, saltar, gritar, brincar com e no meio da natureza, não há melhor.

Quais são os princípios pedagógicos que fundamentam a sua prática?

Nós baseamo-nos no MEM, High Scope, Regio Emilia, apanhamos um pouco de cada modelo e adaptamos à nossa realidade. Em cada método há sempre algo a retirar, é por isso que nos inspiramos nos três, não usamos tudo de todos, usamos aquilo que se adequa à realidade em que estamos inseridas.

Como planifica o seu trabalho durante o ano letivo (através de planificações anuais, trimestrais, mensais, diárias, etc.)?

As planificações são diárias, temos o plano do dia, a avaliação semanal das áreas e a avaliação com as crianças. Dessa avaliação fazemos a programação com as crianças da semana e a nossa planificação vai ao encontro daquilo que elas me disseram do que queriam fazer. Só depois é que vejo os objetivos daquilo que me pedem.

Como é feita a avaliação das crianças e a avaliação do ambiente educativo?

A avaliação das crianças no início de cada ano fazemos um diagnóstico e perante as necessidades de diagnóstico e face a isso fazemos os Planos de desenvolvimento individual onde identificamos as estratégias para colmatar essas dificuldades. Todos os trimestres os pais levam uma avaliação escrita da criança. Em relação ao ambiente educativo fazemos o PCS e o que nós fizemos, as dificuldades que encontramos para ultrapassar. Depois todo o trimestre é reavaliado, tal como as crianças.

De que forma transmite os valores e princípios da instituição no dia-a-dia das crianças, nomeadamente a vertente religiosa?

Primeiro é uma instituição religiosa por isso há objetivos anuais a atingir, o slogan este ano é “para, escuta e escolhe” e devo levar a criança a saber parar, a escutar e a ouvir o outro e depois levar a escolher e refletir sobre as coisas.

Assim, questiono a criança, havendo um discurso diário acerca disto. Há momentos que as crianças são convidadas a ir a sala da interioridade, com a Irmã e a trabalhar o tema que está a ser feito. Depois comemoramos todos os dias religiosos, como a Santa Paula, o Natal, a Páscoa. Também as canções são uma forma de transmitir esta vertente às crianças, assim como as imagens que estão na sala de Santa Paula e a área da interioridade dentro da sala que é a área do eu.

De que forma pensa que a comunidade enquanto agente educativo contribui para o processo desenvolvimento da criança?

A comunidade é essencial, o meio onde estamos inseridos ajuda-nos a desenvolver enquanto indivíduos. Temos aqui uma população no nível medio alto e o meio influencia. Temos o metro muito perto, obviamente que é importante. Assim, procuro recorrer a todos os recursos que a comunidade me oferece e penso de que forma posso usufruir deles para dar novas experiências às crianças.

Como classifica esta relação com a comunidade? Considera que devia ser mais profunda?

É excelente, aqui com as irmãs, até os senhores do metro já os conheço, tento ao máximo incluir isso nas dinâmicas do grupo.

No projeto de sala contempla esta dimensão? Se sim, como? Quais as potencialidades e constrangimentos?

Sim, o facto de ir de metro é um risco, agora quarta vem as irmãs da casa ao lado, já fomos ao metro distribuir folhetos, usamos o meio consoante os projetos que vão surgindo.

Que tipo de envolvimento/participação têm as famílias na organização? Que mecanismos e estratégias existem na organização? As suas?

A relação com as famílias é muito boa, brinco muito com as famílias, tentando mete-los à vontade, falo muito com eles por mail e estamos sempre a comunicar, mando fotografias e a relação é excelente. Estes pais pertencem à classe média-alta então

participam muito, estão sempre disponíveis, quando pedimos alguma coisa temos logo o que queremos. Estão sempre a questionar o que é preciso e querem participar, nota-se um envolvimento muito grande. No fundo, eles é que comandam, então são eles que mais conhecem as crianças, então gosto muito de os ouvir.

Quantas reuniões são realizadas com as famílias? Com que objetivo? Quem participa? As famílias podem solicitar reuniões se tiverem dúvidas ou sugestões relativas à vida das crianças?

Três reuniões: uma em setembro que foi a que tu assististe, uma em janeiro, que este ano vai ser acerca da transição para o primeiro ciclo e a última em julho. Mas as famílias podem sempre falar comigo marcando reuniões sempre que queiram, todos os dias das 16:00 às 17:00 estou disponível.

Potencialidades e dificuldades que tem nesta dimensão?

Não tenho dificuldades nenhuma, é como te disse, são famílias participativas, sempre a quererem ajudar, preocupam-se muito, são incansáveis.

Qual o papel da auxiliar de ação educativa?

É fundamental, eu valorizo quem está ao meu lado, se está na sala, está na equipa e pertence à equipa. Temos de dar base e formação para que a pessoa seja ativa no processo educativo, assim ela faz parte integrante de tudo o que se passa. Esta tem de ser a postura de uma educadora, envolver a sua auxiliar ao máximo, porque nada funciona sem uma nem a outra. Quando as pessoas funcionam em equipa é muito mais fácil. Também, eu e a Ana já estamos juntas há três anos e também já lá para trás trabalhamos mais anos juntas.

O que considera importante para uma boa relação entre os elementos da equipa de sala?

É o diálogo, é os dias menos bons irmos perdoando umas às outras, todas temos uma família e uma vida e às vezes as pessoas esquecem-se que nem tudo está bem. Ninguém pode dissociar uma parte humana da profissional, nós sobretudo somos humanas e nesta profissão essa parte de nós é fundamental, é importante sermos boas para os outros, sabermos ouvir, perguntar se precisam de alguma coisa. Temos de saber estar para o outro.

Anexo C- Entrevista à coordenadora das educadoras

Fale-me do seu percurso académico e experiência profissional.

Fiz o Bacharelato em Educação de Infância (91 – 94) na ESELx. Depois fiz um CESE (Curso Estudos Superiores Especializados) em Investigação em Educação na ESE João de Deus, de forma a adquirir o grau de licenciatura.

Fiz uma Pós-Graduação em Ilustração no ISEC e uma Pós-Graduação em Animação de Histórias na ESELx. Em 2011 concluí o mestrado em Educação Artística na Faculdade de Belas Artes e estou agora a concluir o doutoramento.

Sou educadora há 23 anos, 22 dos quais nesta instituição. Comecei por trabalhar num ATL em Alfama (onde já colaborava como voluntário/programas do instituto da juventude). desde os 18 anos. Depois vim para esta instituição fazer uma substituição na creche durante 6 meses (1995) e acabei por ser convidada a dinamizar o Ateliê de expressão plástica. Estive no ateliê desde 1996 a 2002.

Colaborei com a ESELx como educadora cooperante desde 1996 e como supervisora da PPS desde 2010.

Qual a função desempenhada pela diretora pedagógica neste estabelecimento?

Coordenar a aplicação do projeto educativo; Coordenar a atividade educativa garantindo, designadamente, a execução das orientações curriculares, bem como as atividades de animação sócio educativas; Orientar tecnicamente toda a ação do pessoal docente, técnico e auxiliar; Organizar, de acordo com as normas do Centro Educativo a distribuição do serviço docente e não docente; Estabelecer o horário de acordo com as necessidades das famílias, salvaguardando o bem-estar das crianças e tendo em conta as normas do Centro Educativo; Proceder à revisão, atualização e elaboração do Projeto Curricular de Escola, dos Projetos Curriculares de cada sala e cuidar do efetivo cumprimento dos mesmos.

Fale-me um pouco sobre a história deste estabelecimento.

Foi em 1976 que abriu instituição. Nessa data, além das valências de Creche e Jardim-de-Infância tinha também o sector de Actividades de Tempos Livres. A instituição abriu para responder às necessidades da população da zona envolvente.

É uma IPSS, Instituição Particular de Solidariedade Social com duas Valências: Creche e Jardim-de-Infância.

Desde 1994 funciona em novas instalações construídas de raiz para o efeito. Destaca-se no novo edifício a sua construção em quadrado, o que faz com que exista uma “*praça*” central, espaço convergente de todos os grandes momentos da vida da Instituição. No seu interior existem vários espaços destinados, nomeadamente, às salas para acolhimento das crianças, espaços de armazenamento, confeção e alimentação, para a higiene, para o secretariado de direção e de atendimento aos pais, biblioteca, ginásio, espaço para as ciências experimentais, lavandaria, entre outros. Tem dois recreios/jardins lindíssimos!

Em traços gerais, fale-me da missão, valores e princípios orientadores que regem a organização educativa?

Sendo uma escola que pertence a uma congregação religiosa, esses princípios, valores e carisma trespasam tudo aquilo que é desenvolvido pedagogicamente com as crianças. É o pano de fundo onde tudo se desenrola e está sempre muito presente. Os valores são sobretudo o espírito de família, o espírito de serviço, a atenção aos mais vulneráveis e viver em simplicidade.

Quais os modelos pedagógicos pelos quais se rege a instituição?

MEM, High-Scope e Reggio Emilia. Também trabalhamos com a metodologia de trabalho de projeto.

Como são conciliados?

Vai-se beber a cada um dos modelos os aspetos mais significativos para a nossa prática, aqueles em que acreditamos e que fazem sentido e fundamenta-se aí a nossa ação.

Que aspetos assinalaria a nível cultural, no que respeita às tradições deste estabelecimento?

A festa dos avós, a vivência do Advento, a celebração de Natal, a festa de Santa Paula, as festas dos pais, a semana da Cultura, a festa da alegria e a festa das famílias.

Fale-me sobre a sala da interioridade.

A sala da interioridade é um espaço especial dentro do Centro Educativo. A sua decoração vai mudando ao longo do ano, articulando-se com os momentos mais significativos: Advento, Natal, etc. Existe uma equipa da Pastoral na escola que organiza atividades/ações/momentos para explorar com as crianças esses

momentos mais significativos. Todas as crianças participam e são envolvidas nessas dinâmicas, que são comuns a todas as salas.

É um espaço de reflexão, de contemplação, de descoberta do eu interior, de vivência da espiritualidade.

Qual a natureza organizacional deste contexto socioeducativo?

É uma IPSS.

Fale-me um pouco sobre a estrutura organizacional deste estabelecimento. Quais são os órgãos e os cargos existentes?

Existe uma direção que é composta por 3 elementos, dois deles irmãs da Congregação. Existe uma diretora pedagógica que coordena a parte pedagógica, articulando-se com a direção do estabelecimento.

Existem 12 educadoras, 17 auxiliares, 3 professores especialistas, 1 técnico de informática, pessoal de cozinha, limpeza e secretaria.

Como caracteriza a participação dos atores educativos no processo de tomada de decisão, na planificação e na construção do projeto educativo deste estabelecimento?

Todos são agentes ativos e chamados a participar. Fazem-se reuniões periódicas por setores (direção, educadoras, professores, etc.) onde se discute/conversa sobre a prática e de onde saem decisões importantes que ajudam a definir/redefinir caminhos e prioridades.

O projeto educativo da instituição é fruto da colaboração de todos os envolvidos.

Fale-nos do ambiente que se vive nesta organização educativa.

Acho que se vive um bom ambiente, familiar, de cooperação, interajuda. As pessoas relacionam-se de forma bastante positiva e as relações ultrapassam, em muitos casos, relações meramente profissionais.

Como é elaborada a planificação de atividades na organização educativa?

Para além do plano anual de atividades que é redigido no início do ano letivo, ao longo do ano, nas reuniões periódicas, vai sendo planificado em grupo/equipa (direção/educadoras/professores) aquilo que se pretende fazer/desenvolver no todo do Centro Educativo.

Para além disso, cada educadora, partindo da análise do seu grupo e articulando-se com os princípios educativos/projeto educativo da instituição, traça o percurso que pretende seguir com o seu grupo de crianças.

Qual o horário de funcionamento do contexto socioeducativo?

8h00 – 18h30.

Como caracteriza globalmente o funcionamento deste estabelecimento?

Muito bom. Muito organizado. Funciona muito bem.

Como se encontram organizados os espaços da instituição?

De forma funcional, estética e procurando responder às necessidades das crianças.

Na sua opinião a apropriação desses espaços é a adequada às necessidades das crianças?

Sim.

Que tipo de ofertas educativas são disponibilizadas pelo estabelecimento socioeducativo? Existem atividades de enriquecimento curricular (AEC's), A.T.L., ou componente de apoio à família (CAF)?

A partir das 16h00 entramos na Componente de apoio à família. As crianças ou vão para o exterior explorar os equipamentos e recursos aí existentes ou vão para as salas. Nesse tempo desenvolvem outro tipo de atividades, diferentes daquelas que fazem durante o resto do dia. Existem materiais próprios para serem utilizados nesses tempos e que foram preparados para esse fim (malas da CAF).

Para além disso, há ainda o Karaté, o Ballet e o Inglês extra, que são atividades nas quais as crianças se podem inscrever e que acontecem nesse tempo.

Este estabelecimento de ensino possui um regulamento interno? De que forma é cumprido?

Sim, claro. Procurando seguir o que encontra definido no documento.

Existe rotatividade de horários entre funcionários?

Só anualmente e no fecho da instituição (a educadora que fica até ao fecho é diferente todos os dias).

Quais os critérios de seleção da equipa educativa de sala, no início do ano letivo?

As necessidades do grupo de crianças, a organização/equilíbrio do todo da instituição; as educadoras e auxiliares são escutadas sobre as suas perspetivas; é tido em consideração a relação entre os membros da equipa, etc.

Quais os critérios de seleção dos grupos pelas diferentes salas.

O número de crianças inscritas e suas idades, as características do grupo e das crianças, o equilíbrio do todo.

Que tipo de reuniões existem e quais os seus propósitos? E com que regularidade acontecem?

Existem reuniões de direção (semanal), de diretora técnica e diretora pedagógica (semanal), de educadoras (valências) (quinzenal), de direção, educadoras e professores (mensal), de auxiliares (trimestral), de diretora pedagógica e professores trimestral), reuniões individuais entre a diretora pedagógica e as educadoras (trimestral); reuniões da equipa da Pastoral (mensal); Direção e técnico de informática (mensal); Direção e secretaria (mensal).

Como são tomadas as decisões sobre aspetos relativos a este estabelecimento?

Algumas são decisões de direção (sobretudo aspetos relativos ao funcionamento geral da instituição) e outras são em equipa (trabalho a desenvolver/caminho pedagógico a seguir).

Perante uma instituição com uma diversidade de atores, como se gere uma adversidade/conflito?

Com diplomacia, calma, escuta ativa...

De que forma ocorre a avaliação do desempenho dos profissionais?

Anualmente cada profissional conversa sobre o seu desempenho com os membros da direção, tendo por base o perfil de desempenho do Educador de Infância e a Missão Educativa da Congregação.

De que forma é estabelecida a relação entre a comunidade e a instituição?

Sobretudo com saídas ao exterior e contacto direto com algumas instituições da zona.

Como é que as crianças contactam com o meio envolvente?

Visitas à comunidade próxima (ex. lar das irmãs), visitas ao meio envolvente (escolas, Universidade, quinta das conhas, museus...).

De que forma o meio influencia a instituição?

É importante que as crianças saibam onde se encontra a sua escola e o que é que existe à volta. É o contexto e como tal tem influência no que se passa lá dentro.

O estabelecimento promove eventos que envolvam a comunidade? Que tipo de eventos e que temáticas envolvem?

Com a comunidade próxima (ex. lar das irmãs, colégio de Santa Doroteia), organiza visitas ou celebrações para as quais convida a vir à escola (ver uma exposição, concertos, participar na semana da cultura, etc). Também já se fizeram exposições abertas à comunidade da zona (escolas, por ex.).

Costumam realizar algumas atividades em parceria com outros estabelecimentos de ensino?

Todos os anos o grupo de crianças que vai para o 1º ciclo vai visitar uma escola da zona, onde as crianças são recebidas por crianças mais velhas que lhes explicam como funciona uma escola do 1º ciclo.

Existe preocupação, por parte deste estabelecimento socioeducativo, em incluir as famílias nos projetos e atividades letivas? Se sim, de que forma?

Claro que sim! Os pais são sistematicamente convidados a vir à escola e a participar naquilo que se passa, quer partilhando experiências quer colaborando com os projetos/atividades que se estão a desenvolver.

E as famílias mostram-se interessadas em envolverem-se e participarem nos projetos da instituição? Se sim, de que forma?

São normalmente muito participativas. Mandam material, fazem recolhas, vêm à sala partilhar experiências...

Existe algum tempo dedicado à comunicação entre os docentes do estabelecimento socioeducativo com os encarregados da educação? De que forma?

As educadoras têm uma hora semanal de atendimento aos pais. Os pais podem marcar sempre que quiserem.

Anexo D- Organograma da equipa educativa da instituição

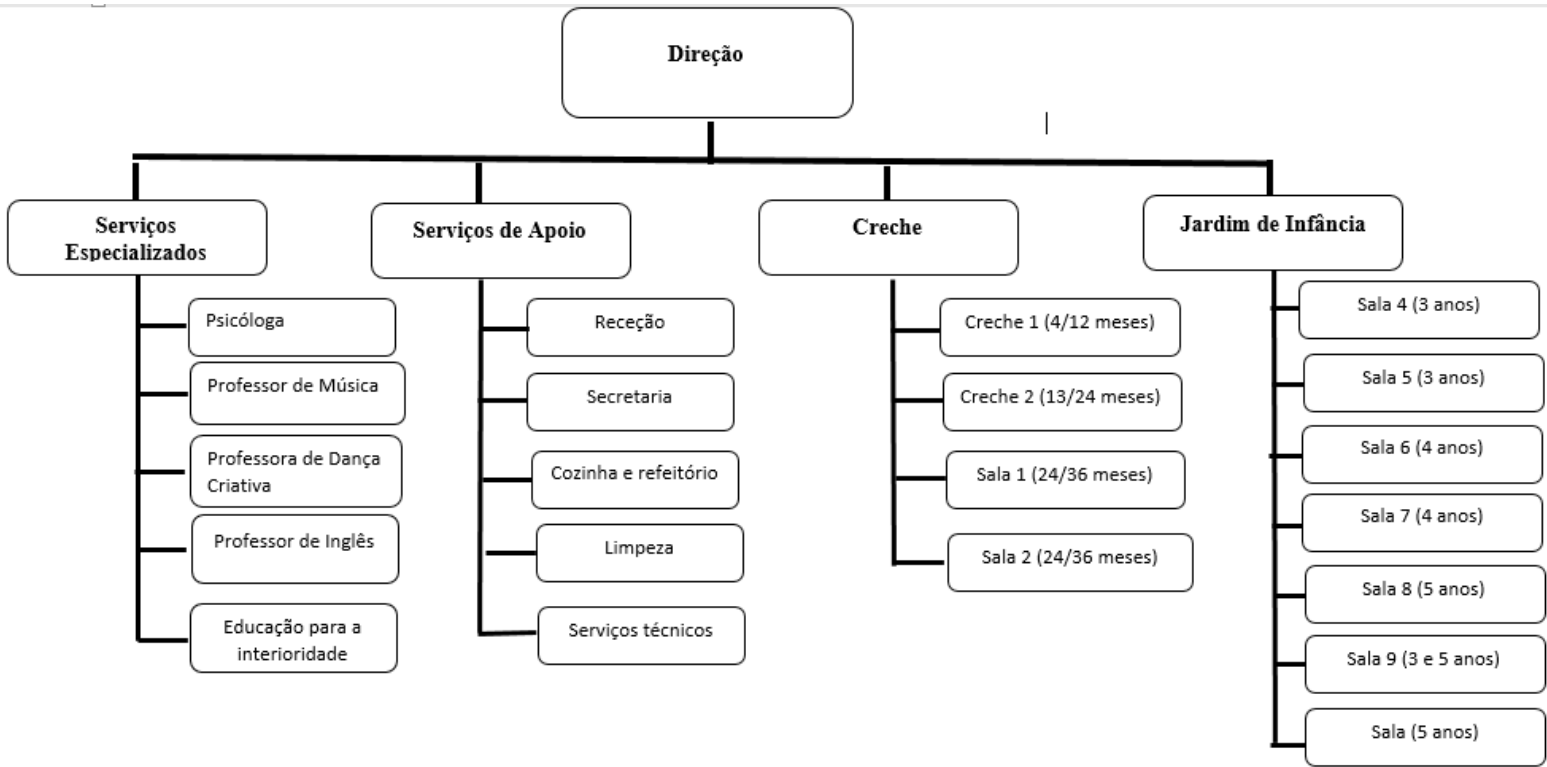


Figura D1. Organograma da equipa educativa da instituição.

Anexo E- Descrição pormenorizada das áreas da sala de atividades

Tal como referido, a sala de atividade onde foi realizada a PPS II estava dividida em 12 áreas, sendo estas: a **área da escrita**, na qual é potenciado o contacto com materiais de escrita como, por exemplo, com cartões de ficheiros de palavras, cartões com letras, cartões com números, assim como os cartões dos nomes das crianças; a **área da biblioteca**, que dispõe de um sofá com almofadas, um fantocheiro e diversos livros, promovendo essencialmente, a comunicação oral, abordagem à leitura e à escrita e o jogo dramático; a **área do atelier**, que contempla o desenho, a pintura, a modelagem, o corte e colagem, estando diferenciados para delimitar o número de crianças por cada uma, esta área potencia a livre exploração e manipulação de materiais plásticos; a **área do eu**, promovendo a vertente religiosa da instituição, sendo um espaço onde as crianças podem parar e pensar, neste espaço encontram-se imagens religiosas, um sofá e almofadas; a **área dos jogos de mesa**, onde são desenvolvidos numa das mesas da sala, tendo como intenção a exploração de uma grande diversidade de jogos; a **área dos jogos de chão/construção**, onde se encontra disponível material comercializado que pressupõe a construção de produções com cubos de madeira e animais de plástico; a **área do faz-de-conta** supõe o contacto com materiais do quotidiano, promovendo o jogo simbólico; a **área do desafio**, na qual as crianças têm um desafio dado pela educadora, sendo esse desafio sempre diferente; a **área da banheira sensorial**, onde é facultado às crianças que brinquem com água e materiais. Fora da sala estão as seguintes áreas: **área das ciências**, onde as crianças têm alguns materiais neste âmbito, como um globo, livros, materiais trazidos pelas crianças, lupas, entre outros materiais; área do **mini faz-de-conta**, também materiais do quotidiano, mas em miniaturas e, por fim, a **área da mesa de luz**, onde as crianças podem fazer sombras e explorarem como quiserem. Importa referir que as crianças podiam frequentar estas áreas exteriores à sala sempre que desejassem.

Anexo I- Avaliação semanal

Avaliação Semanal de a de de			
O que gostámos mais ☹	O que gostámos menos ☹	O que gostávamos de ter feito	O que combinamos para a semana...

Figura I1. Plano de avaliação semanal

Anexo J- Organização temporal da sala de atividades

Relativamente à organização temporal, existe uma rotina previamente estabelecida para cada sala. Assim, prevê-se os seguintes momentos para a sala 8:

Tabela J1

Organização temporal da sala de atividades.

Tempo	Atividades
9h	Reunião de Grande Grupo/Plano do Dia
9:30h	Trabalho autónomo nas áreas / Desenvolvimento de Projetos / Atividades Orientadas
11:20h	Comer a Fruta
11:45h	Brincar no Jardim
12:25h	Higiene
12:30h	Almoço
13:10h	Brincar no jardim
13:45h	Higiene
14:00h	Hora do Conto
14:30h	Trabalho autónomo nas áreas / Desenvolvimento de Projetos / Atividades Orientadas
15:40h	Reunião da Tarde/avaliação do dia
16:15h	Lanche
16:40h	Brincadeira livre no jardim (3ª e 5ª feiras) Atividades Livres na Sala (2ª, 4ª e 6ª feiras)

Nota. Adaptado do PS (2017)

Apesar da existência de uma rotina, esta foi sempre adaptável de acordo com as necessidades e interesses das crianças, servindo apenas como uma forma de organização da instituição.

O primeiro momento correspondia à reunião da manhã em grande grupo, na qual era pretendido um momento de planificação, de partilha e conversa conjunta acerca do que as crianças traziam ou de notícias que tivessem para dar, bem como de escolhas e tomada de decisões. Seguidamente, existia um momento de marcação das presenças e após esse momento, as crianças escolhiam as áreas para onde queriam ir ou realizar

alguma atividade que tinha sido planeada com elas. A meio da manhã as crianças comiam a fruta e de seguida, iam para os jardins brincar.

A parte da tarde iniciava-se com a hora do conto e, posteriormente, as crianças voltavam para as áreas ou realizavam alguma atividade. No final da tarde, era realizada uma reunião para a avaliação do plano do dia e das áreas, sendo que à sexta-feira era realizada a avaliação semanal. Destaco, ainda, um momento, não identificado na tabela acima apresentada, em que uma das crianças do grupo contava ou recontava uma história, antes do lanche (após a reunião da tarde de avaliação do plano do dia e das áreas). De seguida, as crianças iam para o lanche e voltavam a ter oportunidade de explorar livremente o espaço exterior ou da sala de atividades.

Por último, a organização do grupo também constitui um aspeto fundamental no ambiente educativo, sendo que este proporciona o contexto de interação social e da socialização através da relação adulto-criança e criança-criança. No que respeita à organização do grupo, existiam momentos de grande grupo, de pequeno grupo e momentos individuais, na qual existia um apoio mais direcionado a uma só criança. Os momentos de grande grupo correspondiam às planificações e avaliações, os momentos das histórias e os momentos de comer a fruta, com estes momentos a educadora privilegia o respeito, o saber escutar, ouvir o outro e o partilhar. Na sala de atividades eram percebidos muitos momentos em pequenos grupos, já que a maior parte das atividades lançadas às crianças eram realizadas em pequenos grupos, na qual se procurava dar um acompanhamento mais individualizado a cada criança e, ao mesmo tempo, se promovia o contacto com o outro, a ajuda e cooperação. Existiram ainda momentos individuais na qual se procurou estar mais atenta a cada criança.

Posso afirmar, que a equipa educativa me incluiu em toda a organização do ambiente educativo, tendo eu, a oportunidade de dar continuidade às intenções destas.

Anexo K- Tabela de sistematização dos dados das famílias

Tabela K1. Tabela de sistematização dos dados das famílias.

Nome da criança	Sexo	Estrutura Familiar	Irmãos Nº de irmãos	Mãe			Pai		
				Idade	Habilitações Acadêmicas	Profissão	Idade	Habilitações Acadêmicas	Profissão
B.Q	F	Nuclear	1	35	Licenciatura	Psicóloga	36	Licenciatura	Técnico de operações
B.F	M	Nuclear	0	s.d	Licenciatura	s.d	s.d	Licenciatura	s.d
C.F	F	Monoparental	3	40	Licenciatura	Gestora	44	Licenciatura	Eng. Agrônomo
C.P	F	Nuclear	0	s.d	Licenciatura	s.d	s.d	Licenciatura	s.d
F.M	F	Monoparental	1	36	Licenciatura	Magistrada do Ministério Público	37	Licenciatura	Diretor Jurídico
F.B	M	Nuclear	2	36	Licenciatura	Contabilista	38	Licenciatura	Controller
F.J	M	Nuclear	0	34	Licenciatura	Eng. Biológica	36	Licenciatura	Eng. Mecânico
F.S	M	Nuclear	2	35	Licenciatura	Ass. Marketing	36	Licenciatura	Gestor público
G.N	M	Nuclear	0	39	Mestrado	Psicóloga	41	Licenciatura	Informático
H.S	F	Monoparental	0	34	Licenciatura	Assistente de bordo	41	Licenciatura	Engenheiro
J.R	M	Nuclear	1	35	Licenciatura	Gestora	36	Licenciatura	Angariador de seguros
L.B	F	Nuclear	1	33	Licenciatura	Account	35	Licenciatura	Comercial
L.G	M	Nuclear	1	30	Mestrado	Professora de Inglês	39	12º ano	Empregado Restauração
L.M	F	Nuclear	1	34	Mestrado	Jurista	34	Licenciatura	Eng. Civil
M.F	F	Nuclear	1	35	Mestrado	Economista	36	Licenciatura	Eng. Informático
M.B	F	Nuclear	0	37	12º ano	Auxiliar Medicina	44	Licenciatura	Eng. Eletrônico
M.T	F	Nuclear	0	29	Licenciatura	Desempregada	31	12º ano	Distribuidor
I.M.H	F	Nuclear	1	34	Pós-Graduação	Psicóloga	36	Licenciatura	Engenheiro
I.S	F	Nuclear	6	39	12º ano	Doméstica	57	12º ano	Empresário
M.S	F	Nuclear	0	35	Licenciatura	Professora	38	12º ano	Inspetor IPO
M.M	F	Nuclear	1	36	Licenciatura	Designer	37	12º ano	Administrativo
M.A	M	Nuclear	1	41	Licenciatura	Jurista	38	Licenciatura	Jornalista
R.G	F	Nuclear	1	s.d	Licenciatura	s.d	s.d	Licenciatura	s.d
S.A	M	Nuclear	1	35	Doutoramento	Prof. Universitária	34	Licenciatura	Médico
V.Q	M	Nuclear	1	33	Mestrado	Dentista	33	Mestrado	Dentista

Anexo L- Caracterização do grupo de crianças: Idades e percursos institucionais

Tabela L1. Tabela síntese da caracterização do grupo de crianças: idades e percursos institucionais.

Nome da criança	Sexo	Data de nascimento	Percurso institucional			
			Ama	Pais/Avós	Creche Da instituição	J.I
B.Q	F	26-03-2012		Sim		Entrou com três anos
B.F	M	27-11-2012				Entrou este ano
C.F	F	06-01-2012	Sim	Sim	Entrou com dois anos	
C.P	F	02-11-2012				Entrou com quatro anos
F.M	F	14-10-2012			Entrou com três anos	
F.B	M	28-11-2012		Até aos três meses	Entrou com quatro meses	
F.J	M	23-09-2012		Sim		Entrou com três anos
F.S	M	23-11-2012		Sim	Entrou com quatro meses	
G.N	M	01-06-2012			Entrou com um ano	
H.S	F	24-02-2012		Sim	Entrou com um ano	
J.R	M	17-12-2012		Sim	Entrou com dois anos	
L.B	F	15-12-2012		Sim	Entrou com dois anos	
L.G	M	11-10-2012		Sim	Entrou com um ano	
L.M	F	01-10-2012	Sim	Até aos cinco meses	Entrou com um ano	
M.F	F	12-10-2012		Até aos cinco meses	Entrou com seis meses	
M.B	F	20-04-2012	Até aos dezoito meses	Até aos seis meses	Entrou com dezanove meses	
M.T	F	18-11-2012		Sim, até entrar para a creche	Entrou com dois anos	
I.M.H	F	17-05-2012		Até aos três anos		Entrou com três anos
I.S	F	26-05-2012		Até aos dois anos	Entrou com dois anos	
M.S	F	06-12-2012		Sim	Entrou com dois anos	
M.M	F	19-11-2012		Até aos três anos		Entrou com três anos
M.A	M	29-10-2012		Até aos onze meses	Entrou com onze meses	

R.G	F	30-05-2012				Entrou com três anos
S.A	M	14-07-2012		Até aos seis meses	Entrou com seis meses	
V.Q	M	29-11-2012		Até aos dois anos	Entrou com dois anos	

Anexo M- Materiais existentes no atelier no início da investigação

Tabela M1. Registo dos materiais existentes na área do atelier.

Materiais disponíveis inicialmente na área do atelier	
Técnicas	Materiais disponíveis para cada técnica
Desenho	Folhas brancas (A3 e A4), canetas de feltro, lápis de cor e lápis de cera.
Pintura	Embora houvessem folhas disponíveis para a pintura, pincéis e frascos para colocar as tintas, não havia tintas na sala para que as crianças pudessem fazer as pinturas.
Modelagem	Não existia massa ou plasticina disponíveis para que as crianças pudessem explorar, sendo que apenas houve massa de moldar uma vez (tendo sido esta feita pela educadora).
Recorte e colagem	Tesouras e papéis recortados de diferentes cores e formas.
Aquarelas	Frascos, pincéis, aquarelas e folhas brancas (A3 e A4).

Anexo N- Grelha de observação da frequência das crianças na área do atelier antes da reorganização da área

Tabela N1. Registo de observação diário individual, da utilização das várias técnicas do atelier, com base na avaliação do mapa de atividades – semana de 30 de outubro a 03 de novembro de 2017.

Número de vezes que as crianças escolheram cada técnica da área do atelier durante a semana						
Nomes das Crianças	Técnicas do atelier	Desenho	Pintura	Aquarelas	Modelagem	Corte e colagem
B.Q		5	0	0	2	0
B.F		0	0	0	0	0
C.F		4	0	2	0	0
C.P		5	0	1	0	0
F.M		2	0	0	2	0
F.B		2	0	0	0	0
F.J		0	0	0	0	0
F.S		0	0	0	0	0
G.N		1*	0	0	0	0
H.S		0	0	0	0	0
J.R		0	0	0	2	0
L.I		5	0	0	0	0
L.G		1*	0	0	0	0
L.M		0	0	0	0	0
M.F		4	0	0	0	0
M.B		4	0	0	0	0
M.T		2	0	0	0	0
I.M.H		4	0	0	2	0
I.S		4	0	0	0	0
M.S		0	0	0	0	0
M.M		5	0	2	2	0
M.A		0	0	0	0	0
R.G		5	0	0	0	0
S.A		1*	0	0	0	0
V.Q		1*	0	0	0	0

*solicitado pela educadora cooperante e/ou escolha por parte da educadora das áreas.

Tabela N2. Registo de observação diário individual, da utilização das várias técnicas do atelier, com base na avaliação do mapa de atividades – semana de 06 a 10 de novembro de 2017.



Número de vezes que as crianças escolheram cada técnica da área do atelier durante a semana					
Técnicas do atelier Nomes das Crianças	Desenho	Pintura	Aquarelas	Modelagem	Corte e colagem
B.Q	5	0	0	0	1
B.F	1*	0	0	0	0
C.F	5	0	0	0	1
C.P	5	0	0	0	0
F.M	1	0	0	0	0
F.B	1	0	0	0	0
F.J	0	0	0	0	0
F.S	0	0	0	0	0
G.N	1	0	0	0	0
H.S	0	0	0	0	0
J.R	0	0	0	0	0
LI	5	0	0	0	0
L.G	1*	0	1*	0	0
L.M	0	0	0	0	0
M.F	3	0	0	0	0
M.B	2	0	0	0	0
M.T	3	0	0	0	0
I.M.H	5	0	0	0	0
I.S	5	0	0	0	1
M.S	0	0	0	0	0
M.M	5	0	2	0	1
M.A	0	0	1*	0	0
R.G	5	0	0	0	0
S.A	0	0	1*	0	0
V.Q	0	0	1*	0	0



*solicitado pela educadora cooperante e/ou escolha por parte da educadora das áreas.


Anexo O- Grelha de observação e de recolha de dados no âmbito da investigação

Semana de 27 a 30 de novembro



27 de novembro


Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentário da criança	Observações
F.M	<ul style="list-style-type: none"> Pintura no cavalete 	<ul style="list-style-type: none"> Tintas Folhas brancas A4 	<p>“Fiz uma árvore de Natal e corações porque eu gosto do Natal e gosto de ti, o desenho é para ti joana.”</p>	<p>A F.M era uma das crianças que não gostava de ir para o atelier, hoje estava sempre à procura de uma “vaga” para que pudesse ir para lá.</p>
L.G	<ul style="list-style-type: none"> Pintura com carimbos no cavalete 	<ul style="list-style-type: none"> Folhas brancas A4 Carimbos Tintas 	<p>“É um desenho com os carimbos novos, gostei tanto por isso é que vim para aqui hoje.”</p>	<p>Hoje, foi importante o L.G ter vindo escolher o atelier. Já que esta criança se sente sempre insegura nas suas produções.</p>


Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentário da criança	Observações
L.M	<ul style="list-style-type: none"> • Desenho com recorte e colagens 	<ul style="list-style-type: none"> • Folha A3 branca • Recortes de papeis coloridos • Laço que estava nos materiais reutilizáveis 	<p>“Este desenho é uma princesa a ir apanhar flores, o castelo dela tem um laço, gostas?”</p>	<p>Foi interessante a criança ter juntado no seu desenho vários tipos de papéis, coloridos e de diferentes formas. Juntando técnicas de recorte e colagem e desenho.</p>
J.R	<ul style="list-style-type: none"> • Pintura 	<ul style="list-style-type: none"> • Folha branca A5 • Tintas 	<p>“Estou a fazer um desenho para a minha mãe, vou fazer um coração colorido com as tintas”</p>	<p>O J.R é uma das crianças que não tinha uma escolha frequente pelo atelier. Considero que foi por voltar a ter as tintas que o fez ir para o atelier realizar uma pintura.</p>

Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentário da criança	Observações
M.S	<ul style="list-style-type: none"> • Pintura com tintas acrílicas de bisnagas 	<ul style="list-style-type: none"> • Folha branca A5 • Tintas acrílicas 	“Isto é muitas estrelas coloridas no céu”	



28 de novembro



Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentário da criança	Observações
V.Q	<ul style="list-style-type: none"> • Desenho com glitter e canetas 	<ul style="list-style-type: none"> • Glitter • Canetas de feltro • Folha branca A4 	<p>“Estas canetas novas de brilhantes são giras então vim fazer. Gostas?”</p>	<p>Esta criança em todas as suas produções questiona-me se gosto, denotando-se uma falta de segurança da sua parte nas suas produções.</p>
M.M	<ul style="list-style-type: none"> • Desenhos com recorte e colagens 	<ul style="list-style-type: none"> • Pedacos de folhas coloridas, cartolinas e papel canelado. • Canetas de feltro • Lápis de cor • Folha branca A3 		<p>Quando questionada acerca do que fez a criança mencionou apenas o que utilizou na sua produção.</p>



Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentário da criança	Observações
M.B	<ul style="list-style-type: none"> Técnica mista: desenho com lápis de cera e anilinas 	<ul style="list-style-type: none"> Lápis de cera Anilinas Folha branca A5 	<p>“Eu já tinha feito isto com a F. e como gostei e agora posso usar estas tintas eu fiz”</p>	<p>Esta criança mostra bastante interesse em explorar todas as “novidades” do atelier.</p>
V.Q; B.Q; I.S; C.P; M.T	<ul style="list-style-type: none"> Modelagem 	<ul style="list-style-type: none"> Plasticina 		<p>Embora estivessem mais do que quatro crianças na modelagem (número máximo de crianças) os adultos da sala não disseram nada</p>

Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentário da criança	Observações
I.S	<ul style="list-style-type: none"> • Desenho com variedade de materiais 	<ul style="list-style-type: none"> • Folha colorida A4 • Pastéis de óleo • Canetas • Tecido 	<p>“Joana posso colar tecido no meu desenho para fazer um véu de princesa?”</p>	<p>A criança enquanto fazia o desenho vinha perguntar-me várias vezes se podia misturar materiais e até se podia colar tecido.</p>



29 de novembro



Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentário da criança	Observações
B.F	<ul style="list-style-type: none"> • Pintura com carimbos no cavalete 	<ul style="list-style-type: none"> • Tintas • Folha branca • Carimbos 	<p>“Isto é uma pintura com carimbos, eu gostei de experimentar estes carimbos novos. Eu nunca tinha usado carimbos”.</p>	<p>O B.F é a criança que menos frequentava o atelier. Assim, ao ver as tintas no cavalete e face à reorganização andou durante dois dias só a observar o que lá havia e a ver o que os amigos faziam.</p>
J.R	<ul style="list-style-type: none"> • Desenho com lápis de cera e glitter 	<ul style="list-style-type: none"> • Folha branca A4 • Lápis de cera • Glitter 	<p>“São uns riscos, eu gosto. Acho que ficou bonito”</p>	<p>O glitter tem sido um dos materiais mais usados, sendo procurado pela maior parte das crianças quando vão para o ateliê.</p>



Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentário da criança	Observações
R.G e L.I	<ul style="list-style-type: none"> <li data-bbox="562 288 860 316">• Pintura no cavalete 	<ul style="list-style-type: none"> <li data-bbox="1010 288 1308 316">• Folhas Brancas A4 <li data-bbox="1010 323 1137 351">• Tintas 		<p data-bbox="1756 288 2040 619">A R.G e a L.I perguntaram se podiam fazer as duas uma pintura ao mesmo tempo para conseguirem estar juntas.</p>
F.S	<ul style="list-style-type: none"> <li data-bbox="562 853 763 880">• Modelagem 	<ul style="list-style-type: none"> <li data-bbox="1010 853 1182 880">• Plasticina 		<p data-bbox="1756 853 2040 1129">O F.S tem-se mostrado muito interessado pelo atelier e anda sempre a ver se tem espaço para ir para lá.</p>

Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentário da criança	Observações
I.M.H	<ul style="list-style-type: none"> Modelagem: reprodução de laço 	<ul style="list-style-type: none"> Plasticina 	“Joana tira aqui uma foto”	A I.M.H fez diversas formas, no entanto, face à minha participação em tudo o que ocorre na sala não me foi possível de verificar tudo o que esta criança realizou.
V.Q	<ul style="list-style-type: none"> Modelagem: reprodução de um golfinho 	<ul style="list-style-type: none"> Plasticina 	“Eu fiz um golfinho. No fim de semana fui com a mãe e o pai ver golfinhos num sítio que tinha muitos animais”.	

30 de novembro

Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentário da criança	Observações
F.S ; G.N e L.G	<ul style="list-style-type: none"> Desenho do natal e dos dinossauros 	<ul style="list-style-type: none"> Folha branca A4 Glitter Canetas de feltro Lápis de cor 	O G.N diz: “Nós fizemos aqui uns dinossauros, temos a árvore do natal porque estamos no natal quase”	Desenho realizado em conjunto.
V.Q	<ul style="list-style-type: none"> Modelagem: reprodução das letras com a plasticina 	<ul style="list-style-type: none"> Plasticina 	“Joana olha eu fiz as letras na plasticina, o V, o I e o C do meu nome”	A criança fez várias reproduções em plasticina, no entanto, por me encontrar a dirigir o grande grupo não foi possível de estar atenta apenas

Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentário da criança	Observações
J.R	<ul style="list-style-type: none"> Pintura no cavalete com carimbos 	<ul style="list-style-type: none"> Folha Branca A4 Carimbos Tinta 		ao que a criança estava a produzir.
I.M.H	<ul style="list-style-type: none"> Modelagem: Reprodução de uma flor 	<ul style="list-style-type: none"> Plasticina 	“Joana tira aqui uma fotografia para pões no teu trabalho”	A criança fez várias reproduções em plasticina, no entanto, por me encontrar a dirigir o grande grupo não foi possível de estar atenta apenas ao que a criança estava a produzir.

Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentário da criança	Observações
C.F	<ul style="list-style-type: none"> Modelagem: Representação da figura humana 	<ul style="list-style-type: none"> Plasticina 	“Eu fiz uma menina, com cabelo e com olhos, tem os braços”.	A criança fez várias reproduções em plasticina, no entanto, por me encontrar a dirigir o grande grupo não foi possível de estar atenta apenas ao que a criança estava a produzir.
S.A	<ul style="list-style-type: none"> Recorte e colagem 	<ul style="list-style-type: none"> Cartolina preta A5 Folhas brancas 	“Isto é uma coisa que eu já fiz antes, então estou a fazer as formas com o papel branco e colo no papel preto”	A experiência anterior do S.A permitiu que ele procurasse por esses materiais no atelier para explorá-los livremente, sem que fosse uma atividade imposta pelo adulto.

Nota: Neste dia a L.I, a M.M, a I.M.H, a B.Q, o V.Q e o F.B foram ao atelier buscar folhas coloridas e estiveram a fazer quantos-queres.



Avaliação semanal- 27 a 30 de novembro²⁵

Número de vezes que as crianças escolheram cada técnica da área do atelier durante a semana					
Técnicas do atelier Nomes das Crianças	Desenho	Pintura	Aquarelas	Modelagem	Corte e colagem
B.Q	5	2	1	3	0
B.F	0	1	0	2	0
C.F	5	0	2	1	0
C.P	5	2	0	2	0
F.M	2	1	0	2	0
F.B	3	1	0	3	1
F.J	1	1	0	2	0
F.S	2	0	0	1	0
G.N	2	0	0	3	0
H.S	-	-	-	-	-
J.R	1	2	0	2	0
L.I	5	2	0	3	0
L.G	1	1	0	2	0
L.M	5	1	0	4	1
M.F	5	2	0	5	1
M.B	3	3	0	4	1
M.T	3	2	0	2	0
I.M.H	3	1	0	3	0
I.S	2	0	0	3	0
M.S	3	1	0	0	0
M.M	5	0	1	0	2
M.A	1	0	0	0	0
R.G	4	1	0	2	0
S.A	0	0	0	0	1
V.Q	1	0	0	3	0

²⁵ Avaliação semanal concretizada através das observações realizadas e do mapa de avaliação das áreas realizado com as crianças todos os dias.

Semana de 05 a 07 de dezembro

05 de dezembro


Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentário da criança	Observações
M.T	<ul style="list-style-type: none">Técnica mista: desenho com canetas e glitter e tinta 	<ul style="list-style-type: none">Folha A4 coloridaCanetasGlitterTinta verde		Antes de juntar a tinta ao desenho a M.T veio perguntar-me se o podia fazer.
J.R e V.Q	<ul style="list-style-type: none">Modelagem 	<ul style="list-style-type: none">Plasticina		



Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentário da criança	Observações
H.S	<ul style="list-style-type: none"> • Desenho 	<ul style="list-style-type: none"> • Folha colorida A4 • Furador com formas • Canetas 	<p>“Destas coisas é que eu gosto, coisas rápidas e faço porque eu quero”</p>	<p>A H.S demonstrou o seu agrado pelos novos materiais da sala. A criança esteve doente, só hoje é que pôde explorar os novos materiais.</p>
I.S	<ul style="list-style-type: none"> • Desenho 	<ul style="list-style-type: none"> • Folha colorida A4 • Furador com formas • Canetas • Lápis de cera 		



Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentário da criança	Observações
M.M e C.F	<ul style="list-style-type: none"> • Desenho 	<ul style="list-style-type: none"> • Folha branca A4 • Marcadores • Canetas • Glitter 		A M.M convidou a C.F para fazer consigo o desenho, esta aceitou e as duas foram para uma mesa fazer o desenho em conjunto.
F.M	<ul style="list-style-type: none"> • Técnica mista (desenho e recorte e colagem) 	<ul style="list-style-type: none"> • Folha branca A4 • Canetas • Cola • Papel celofane • Lápis de cor 		A criança gostou de explorar o celofane, dizendo que nunca tinha usado.



06 de dezembro



Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentários das crianças	Observações
C.P	<ul style="list-style-type: none"> • Escultura 	<ul style="list-style-type: none"> • Materiais reutilizáveis 	<p>“Fiz a nossa terra, tem as bandeiras e ali o verde é a relva, o azul do céu”</p>	
F.M	<ul style="list-style-type: none"> • Escultura 	<ul style="list-style-type: none"> • Materiais reutilizáveis 	<p>“Fiz uma menina com um vestido”</p>	<p>A F.M foi a primeira a ter a iniciativa de fazer a escultura, juntando-se a si logo de seguida o V.Q. Só da parte da tarde é que surgiu o interesse por parte das restantes crianças.</p>



Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentários das crianças	Observações
G.N	<ul style="list-style-type: none"> <li data-bbox="544 339 719 363">• Escultura 	<ul style="list-style-type: none"> <li data-bbox="1043 339 1249 403">• Materiais reutilizáveis 	<p data-bbox="1388 339 1733 675">“É uma nave espacial dos PJ Masks. O algodão lança satélites para o espaço e as coisas coloridas lançam mísseis para os extraterrestres. Lança bolas também”</p>	

Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentários das crianças	Observações
B.Q	<ul style="list-style-type: none"> <li data-bbox="544 339 719 363">• Escultura 	<ul style="list-style-type: none"> <li data-bbox="1043 339 1249 403">• Materiais reutilizáveis 	“Fiz um morcego às cores”	
F.B	<ul style="list-style-type: none"> <li data-bbox="544 887 719 911">• Escultura 	<ul style="list-style-type: none"> <li data-bbox="1043 887 1249 951">• Materiais reutilizáveis 	“Fiz uma marioneta para nós brincarmos, olha aqui”	A criança embora usasse o atelier para a exploração dos materiais reutilizáveis depois deu-lhe um significado.



Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentários das crianças	Observações
M.M	<ul style="list-style-type: none"> • Escultura 	<ul style="list-style-type: none"> • Materiais reutilizáveis 	<p>“Fiz um avião, a pena é uma asa então ele voa. Quando voa deita fogo”</p>	
V.Q	<ul style="list-style-type: none"> • Esculturas 	<ul style="list-style-type: none"> • Materiais reutilizáveis 	<p>“Fiz um avião dos Super Wings”</p>	



Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentários das crianças	Observações
M.M	<ul style="list-style-type: none"> Modelagem 	<ul style="list-style-type: none"> Plasticina 		
C.F	<ul style="list-style-type: none"> Modelagem 	<ul style="list-style-type: none"> Plasticina 	<p>“Fiz uma menina, tem os olhos, a boca, o cabelo. Agora vou fazer o queixo”.</p>	<p>Representação da figura humana</p>



Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentários das crianças	Observações
M.A e G.N	<ul style="list-style-type: none"> • Desenho 	<ul style="list-style-type: none"> • Folha branca A4 • Marcadores • Glitter 	O G.N diz: “Estou aqui a explicar ao M.A quais são as cores do arco-íris”	
B.F e M.T	<ul style="list-style-type: none"> • Aguarelas 	<ul style="list-style-type: none"> • Folha branca A4 • Aguarelas 		



Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentários das crianças	Observações
F.S	<ul style="list-style-type: none"> <li data-bbox="544 339 719 368">• Escultura 	<ul style="list-style-type: none"> <li data-bbox="1043 339 1249 400">• Materiais reutilizáveis 	<p data-bbox="1391 339 1731 520">“Isto fui eu que fiz, é um copo. Agora vou para a casinha e podemos fingir que é um sumo”</p>	<p data-bbox="1758 339 2040 619">A criança através dos materiais disponíveis criou um copo, brincando com este no fim no faz de conta.</p>
L.G	<ul style="list-style-type: none"> <li data-bbox="544 834 752 863">• Modelagem 	<ul style="list-style-type: none"> <li data-bbox="1043 834 1223 863">• Plasticina 	<p data-bbox="1391 834 1731 962">“É uma pizza Joana, queres provar um bocadinho?”</p>	



07 de dezembro



Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentário da criança	Observações
M.B	<ul style="list-style-type: none"> • Pintura 	<ul style="list-style-type: none"> • Folha branca A4 • Tintas • Purpurinas 		
M.F	<ul style="list-style-type: none"> • Recorte e colagem 	<ul style="list-style-type: none"> • Folha A4 colorida • Lã • Purpurinas • Cola • Canetas de feltro 		<p>A criança autonomamente foi à caixa buscar as lãs e começou a recortar e colar na folha.</p>

Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentário da criança	Observações
H.S	<ul style="list-style-type: none"> Pintura e dobragem 	<ul style="list-style-type: none"> Folha A5 branca Tintas 	<p>Pergunto: “O que estás a fazer?” a criança diz-me “Uma borboleta, eu já fiz isto antes aqui e em casa também”.</p>	<p>Estava a observar a H.S, esta com as tintas vai fazendo pintas ao longo da folha. No fim, dobra a folha ao meio e calca com a mão.</p>
F.M	<ul style="list-style-type: none"> Escultura 	<ul style="list-style-type: none"> Materiais reutilizáveis 	<p>“Uma nave super espacial que deita fogo, é aquilo laranja”</p>	

Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentário da criança	Observações
V.Q	<ul style="list-style-type: none"> <li data-bbox="465 339 638 363">• Escultura 	<ul style="list-style-type: none"> <li data-bbox="1012 339 1346 363">• Materiais reutilizáveis 	<p data-bbox="1368 339 1722 419">“É um avião muito grande que anda no mundo”</p>	
M.A	<ul style="list-style-type: none"> <li data-bbox="465 850 638 874">• Escultura 	<ul style="list-style-type: none"> <li data-bbox="1012 850 1346 874">• Materiais reutilizáveis 	<p data-bbox="1368 850 1585 874">“É um foguetão”</p>	

Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentário da criança	Observações
F.S	<ul style="list-style-type: none"> <li data-bbox="465 339 638 363">• Escultura 	<ul style="list-style-type: none"> <li data-bbox="1012 339 1346 363">• Materiais reutilizáveis 	“É um foguetão das letras”	
R.G	<ul style="list-style-type: none"> <li data-bbox="465 782 638 805">• Escultura 	<ul style="list-style-type: none"> <li data-bbox="1012 782 1346 805">• Materiais reutilizáveis 	“É uma casa das joaninhas, eu lembrei-me de ti e fiz esta casinha”	

Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentário da criança	Observações
M.B	<ul style="list-style-type: none"> <li data-bbox="465 339 638 363">• Escultura 	<ul style="list-style-type: none"> <li data-bbox="1012 339 1346 363">• Materiais reutilizáveis 	<p data-bbox="1368 336 1722 416">“É um pássaro, por isso é que tem muitas penas”</p>	
B.Q	<ul style="list-style-type: none"> <li data-bbox="465 782 638 805">• Escultura 	<ul style="list-style-type: none"> <li data-bbox="1012 782 1346 805">• Materiais reutilizáveis 	<p data-bbox="1368 786 1722 866">“Isto é uma coisa de arte, uma obra de arte”</p>	

Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentário da criança	Observações
S.A	<ul style="list-style-type: none"> <li data-bbox="465 339 638 363">• Escultura 	<ul style="list-style-type: none"> <li data-bbox="1012 339 1346 363">• Materiais reutilizáveis 	<p data-bbox="1373 339 1720 419">“É um avião que leva aviões pequenos lá dentro”</p>	
G.N	<ul style="list-style-type: none"> <li data-bbox="465 730 638 754">• Escultura 	<ul style="list-style-type: none"> <li data-bbox="1012 730 1346 754">• Materiais reutilizáveis 	<p data-bbox="1373 730 1720 866">“É uma nave espacial robot que lança bananas para o espaço”</p>	



Avaliação semanal- 05 a 07 de dezembro²⁶



Número de vezes que as crianças escolheram cada técnica da área do atelier durante a semana						
Técnicas do atelier Nomes das Crianças	Desenho	Pintura	Aquarelas	Modelagem	Corte e colagem	Esculturas
B.Q	5	2	0	2	2	2
B.F	2	1	1	0	0	0
C.F	5	1	0	1	1	0
C.P	4	1	0	3	0	1
F.M	1	2	0	3	1	2
F.B	4	2	0	1	0	1
F.J	2	1	0	1	0	0
F.S	1	0	0	1	0	2
G.N	1	0	0	2	0	2
H.S	1	1	0	4	0	0
J.R	2	0	0	1	0	0
L.I	4	0	1	4	0	0
L.G	2	0	0	1	0	0
L.M	4	1	0	4	0	0
M.F	5	2	0	0	1	0
M.B	3	1	0	2	0	1
M.T	1	0	1	0	0	0
I.M.H	3	0	0	3	0	0
I.S	1	0	0	3	0	0
M.S	3	0	0	1	0	0
M.M	2	0	0	1	0	1
M.A	1	0	0	0	0	1
R.G	2	2	0	0	0	1
S.A	1	0	0	0	0	1
V.Q	2	1	0	1	0	2



²⁶ Avaliação semanal concretizada através das observações realizadas e do mapa de avaliação das áreas realizado com as crianças todos os dias.

Semana de 11 a 15 de dezembro



11 de dezembro



Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentário da criança	Observações
M.T e L.I	<ul style="list-style-type: none"> Modelagem 	<ul style="list-style-type: none"> Plasticina 		
I.S	<ul style="list-style-type: none"> Recorte e colagem 	<ul style="list-style-type: none"> Papel Eva 	<p>"Fiz um gato para ti Joana, é cor de rosa porque eu sei que gostas dessa cor".</p>	

Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentário da criança	Observações
F.S	<ul style="list-style-type: none"> • Desenho 	<ul style="list-style-type: none"> • Folha branca A4 • Canetas de feltro 	"Sou eu e os meus amigos, é o F.B, o G.N e o V.Q"	
F.S, F.J, S.A e F.B	<ul style="list-style-type: none"> • Aquarelas 	<ul style="list-style-type: none"> • Aquarelas • Folhas branca A4 		



Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentário da criança	Observações
F.M	<ul style="list-style-type: none"> • Aquarelas 	<ul style="list-style-type: none"> • Folha branca A4 • Aquarelas 		
I.S; C.F e M.M	<ul style="list-style-type: none"> • Recorte e colagem 	<ul style="list-style-type: none"> • Folhas A4 coloridas • Diferentes materiais recortados e por recortar 		

12 de dezembro



Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentário da criança	Observações
C.P; L.M; M.F e F.S	<ul style="list-style-type: none"> • Modelagem 	<ul style="list-style-type: none"> • Plasticina 		
B.Q	<ul style="list-style-type: none"> • Recorte e colagem 	<ul style="list-style-type: none"> • Folha branca A4 • Papel EVA brilhante 		



G.N	<ul style="list-style-type: none"> • Desenho 	<ul style="list-style-type: none"> • Folha branca A3 • Canetas de feltro 	<p>“Eu estive a fazer um menino, não me esqueci que temos pescoço”.</p>	
M.M e C.F	<ul style="list-style-type: none"> • Desenho 	<p>M.M</p> <ul style="list-style-type: none"> • Folha A3 • Canetas de feltro <p>C.F</p> <ul style="list-style-type: none"> • Folha A4 • Lápis de cor • Lápis de cera 		



M.T	<ul style="list-style-type: none"> • Pintura 	<ul style="list-style-type: none"> • Folha branca A4 • Carimbos • Tintas 		
I.S, B.Q	<ul style="list-style-type: none"> • Recorte e colagem 	<ul style="list-style-type: none"> • Folhas brancas A4 • Cartolinas 		



I.M.H	<ul style="list-style-type: none"> • Escultura 	<ul style="list-style-type: none"> • Materiais reutilizáveis 	<p>“Fiz uma flor, pensei numa coisa que a mãe tem em casa e acho que ficou bem para decorar a casa”.</p>	
R.G	<ul style="list-style-type: none"> • Escultura 	<ul style="list-style-type: none"> • Materiais reutilizáveis 	<p>“Fiz um coração com olhos e boca”</p>	



13 de dezembro

Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentário da criança	Observações
B.F; S.A; L.G	<ul style="list-style-type: none"> • Modelagem 	<ul style="list-style-type: none"> • Plasticina 		
B.F	<ul style="list-style-type: none"> • Desenho 	<ul style="list-style-type: none"> • Lápis de cera • Canetas de feltro • Lápis de cor • Folha branca A5 		



Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentário da criança	Observações
F.S	<ul style="list-style-type: none"> • Escultura 	<ul style="list-style-type: none"> • Materiais reutilizáveis 	<p>“Isto é um avião, isto branco são as nuvens. É ele a passar”</p>	
L.M	<ul style="list-style-type: none"> • Desenho 	<ul style="list-style-type: none"> • Lápis de cor • Canetas de feltro • Folha branca A4 		



Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentário da criança	Observações
B.Q	<ul style="list-style-type: none"> <li data-bbox="562 292 734 320">• Escultura 	<ul style="list-style-type: none"> <li data-bbox="1043 292 1245 352">• Materiais reutilizáveis 	<p data-bbox="1391 292 1727 472">“Isto é a nossa escola, aqui fica o refeitório, aqui a nossa sala, a sala do jesus e aqui é o jardim”</p>	
C.P	<ul style="list-style-type: none"> <li data-bbox="562 839 734 868">• Desenho 	<ul style="list-style-type: none"> <li data-bbox="1043 839 1245 868">• Lápis de cor <li data-bbox="1043 871 1305 900">• Folha branca A4 		

Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentário da criança	Observações
L.I e R.G	<ul style="list-style-type: none"> • Pintura 	<ul style="list-style-type: none"> • Pinceis • Carimbos • Folha branca A4 	<p>“Eu gosto de pintar com a R.G, nós somos amigas”</p>	<p>As duas crianças perguntaram-me se podiam sentar-se ao lado uma da outra para fazer a pintura porque queriam conversar. Decidi dar espaço. Dado que assim ocorre um momento de interação entre pares.</p>
H.S	<ul style="list-style-type: none"> • Pintura 	<ul style="list-style-type: none"> • Folha branca A5 • Tintas • Carimbos 		



Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentário da criança	Observações
L.M	<ul style="list-style-type: none"> <li data-bbox="562 293 730 320">• Escultura 	<ul style="list-style-type: none"> <li data-bbox="1043 293 1240 352">• Materiais reutilizáveis 	<p data-bbox="1391 293 1727 523">“Fiz uma flor para te oferecer, assim podes levar para a tua casa e quando olhares para ela pensas em mim”.</p>	
L.G	<ul style="list-style-type: none"> <li data-bbox="562 748 725 775">• Desenho 	<ul style="list-style-type: none"> <li data-bbox="1043 748 1308 775">• Folha branca A5 <li data-bbox="1043 783 1312 810">• Canetas de feltro <li data-bbox="1043 818 1249 845">• Lápis de cor 		



14 de dezembro

Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentário da criança	Observações
H.S e F.M	<ul style="list-style-type: none"> • Desenho 	<ul style="list-style-type: none"> • Folhas A4 • Lápis • Canetas de feltro • Marcadores 		
M.M	<ul style="list-style-type: none"> • Desenho 	<ul style="list-style-type: none"> • Lápis de cera • Canetas de feltro • Lápis de cor • Folha branca A5 		


Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentário da criança	Observações
M.B	<ul style="list-style-type: none"> • Desenho 	<ul style="list-style-type: none"> • Folha branca A4 • Canetas de feltro 		
I.M.H	<ul style="list-style-type: none"> • Escultura 	<ul style="list-style-type: none"> • Materiais reutilizáveis • Canetas de feltro 	<p>“Isto é uma moldura, o algodão é o céu. A menina sou eu”.</p>	



Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentário da criança	Observações
L.I e M.T	<ul style="list-style-type: none"> • Escultura 	<ul style="list-style-type: none"> • Materiais reutilizáveis 		
C.F	<ul style="list-style-type: none"> • Pintura 	<ul style="list-style-type: none"> • Tintas • Folha branca A4 		



Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentário da criança	Observações
L.I, M.S, C.F e H.S	<ul style="list-style-type: none"> • Modelagem 	<ul style="list-style-type: none"> • Pinceis • Carimbos • Folha branca A4 		
M.F	<ul style="list-style-type: none"> • Desenho 	<ul style="list-style-type: none"> • Folha colorida A4 • Canetas de feltro • Glitter 		


Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentário da criança	Observações
R.G	<ul style="list-style-type: none"> <li data-bbox="562 292 734 320">• Escultura 	<ul style="list-style-type: none"> <li data-bbox="1043 292 1245 352">• Materiais reutilizáveis 	<p data-bbox="1391 292 1608 316">“Fiz uma árvore”</p>	
M.S	<ul style="list-style-type: none"> <li data-bbox="562 746 734 775">• Desenho 	<ul style="list-style-type: none"> <li data-bbox="1043 746 1305 775">• Folha branca A5 <li data-bbox="1043 778 1312 807">• Canetas de feltro <li data-bbox="1043 810 1245 839">• Lápis de cor 	<p data-bbox="1391 746 1727 927">“Esta sou eu, tu e a mãe. Eu sou a menina do meio e estou a dar um abraço a vocês”.</p>	

15 de dezembro

Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentário da criança	Observações
H.S	<ul style="list-style-type: none"> • Desenho 	<ul style="list-style-type: none"> • Folhas A4 • Lápis • Canetas de feltro 	<p>“Este desenho é para ti, fiz este desenho que és tu”</p>	
M.A e R.G	<ul style="list-style-type: none"> • Desenho 	<ul style="list-style-type: none"> • Lápis de cera • Canetas de feltro • Lápis de cor • Folha branca A4 		<p>Cada um fazia o seu desenho, no entanto, iam conversando entre si acerca do que iriam desenhar. Debatendo opiniões das cores que ficavam melhores.</p>

Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentário da criança	Observações
H.S e C.P	<ul style="list-style-type: none"> • Desenho 	<ul style="list-style-type: none"> • Folha branca A4 • Canetas de feltro 		<p>As duas crianças fizeram um desenho conjunto. No fim, foram oferecê-lo à educadora da sala que o expôs no painel da sala.</p>
B.F	<ul style="list-style-type: none"> • Desenho 	<ul style="list-style-type: none"> • Canetas de feltro • Papel EVA • Lápis de cor 		

Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentário da criança	Observações
M.F	<ul style="list-style-type: none"> Recorte e colagem 	<ul style="list-style-type: none"> Folha A4 de papel colorida Pedaços de cartolina Canetas de feltro 		
I.M.H	<ul style="list-style-type: none"> Pintura 	<ul style="list-style-type: none"> Tintas Folha branca A4 	<p>“Estive a pintar este tubo, porque agora quando chegar a casa vou pôr arroz lá dentro e vou fazer uma coisa que dá sons”</p>	

Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentário da criança	Observações
G.N	<ul style="list-style-type: none"> • Desenho 	<ul style="list-style-type: none"> • Folha branca A4 • Canetas de feltro 		



Avaliação semanal- 11 a 15 de dezembro²⁷



Número de vezes que as crianças escolheram cada técnica da área do atelier durante a semana						
Técnicas do atelier Nomes das Crianças	Desenho	Pintura	Aguarelas	Modelagem	Corte e colagem	Esculturas
B.Q	5	2	0	2	2	1
B.F	2	0	0	1	0	0
C.F	3	1	0	1	1	0
C.P	2	1	0	1	0	0
F.M	1	1	1	3	0	0
F.B	3	0	1	2	0	0
F.J	1	0	1	2	0	0
F.S	1	0	1	1	0	1
G.N	1	0	0	1	0	0
H.S	3	1	0	1	0	0
J.R	2	0	0	0	0	0
L.I	4	1	0	2	0	1
L.G	1	0	0	1	0	1
L.M	3	0	0	1	0	2
M.F	1	0	0	1	1	0
M.B	2	0	0	3	0	0
M.T	2	1	0	1	0	1
I.M.H	3	1	0	1	0	1
I.S	1	0	0	0	3	0
M.S	1	0	0	1	0	0
M.M	4	0	0	0	1	0
M.A	1	0	0	0	1	0
R.G	1	1	0	0	0	2
S.A	0	0	1	1	0	0
V.Q	2	0	0	0	3	2



²⁷ Avaliação semanal concretizada através das observações realizadas e do mapa de avaliação das áreas realizado com as crianças todos os dias.

Semana de 18 a 21 de dezembro

18 de dezembro


Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentário da criança	Observações
M.F	<ul style="list-style-type: none">• Desenho 	<ul style="list-style-type: none">• Folhas A4• Lápis• Marcadores	“Joana tira aqui uma foto de mim a desenhar para mostrares às tuas professoras”	
M.M	<ul style="list-style-type: none">• Desenho 	<ul style="list-style-type: none">• Canetas de feltro• Lápis de cor• Folha branca A4		



Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentário da criança	Observações
L.I	<ul style="list-style-type: none"> • Pintura 	<ul style="list-style-type: none"> • Folha branca A4 • Tintas 	<p>“Fiz esta pintura toda azul, é uma menina como o céu”</p>	
M.T	<ul style="list-style-type: none"> • Aquarelas 	<ul style="list-style-type: none"> • Folha branca A4 • Aquarelas 		

Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentário da criança	Observações
B.Q	<ul style="list-style-type: none"> Pintura com materiais reutilizáveis 	<ul style="list-style-type: none"> Materiais reutilizáveis Tintas 	<p>“Joana fiz esta pintura, mas viste usei os materiais das construções artísticas. É uma escultura pintada”.</p>	
I.M.H	<ul style="list-style-type: none"> Escultura 	<ul style="list-style-type: none"> Tintas Folha branca A4 	<p>“Fiz aqui um quadro, é uma escultura de quadro. Ali sou eu no meu castelo, depois tem as nuvens”.</p>	



19 de dezembro



Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentário da criança	Observações
M.M	<ul style="list-style-type: none"> • Desenho 	<ul style="list-style-type: none"> • Folhas A4 • Lápis • Canetas de feltro 	<p>“Esta sou eu e a mamã e tu. Estamos a passear no jardim”</p>	
M.F e L.M	<ul style="list-style-type: none"> • Desenho 	<ul style="list-style-type: none"> • Canetas de feltro • Lápis de cor • Folha branca A4 		<p>As duas crianças fazem um desenho em conjunto. No fim, os desenhos realizados a pares são expostos num painel da sala.</p>



Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentário da criança	Observações
M.B	<ul style="list-style-type: none"> • Desenho 	<ul style="list-style-type: none"> • Folha branca A4 • Canetas de feltro 	<p>“Sou eu, a M.M, a I.S, o F.B e o G.N. Tem os corações porque são os meus amigos”.</p>	
F.M	<ul style="list-style-type: none"> • Desenho 	<ul style="list-style-type: none"> • Folha branca A4 • Lápis de cor • Canetas de feltro 		

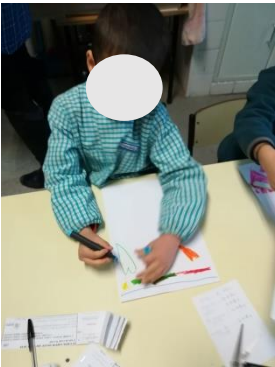
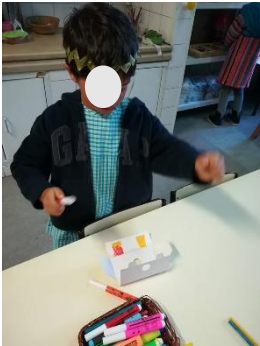
Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentário da criança	Observações
H.S	<ul style="list-style-type: none"> • Desenho 	<ul style="list-style-type: none"> • Folha branca A4 • Canetas de feltro • Lápis de cor 	<p>“És tu, com os animais. Porque eu gosto de ti e gosto de animais”.</p>	
C.P	<ul style="list-style-type: none"> • Desenho 	<ul style="list-style-type: none"> • Canetas de feltro • Lápis de cor • Folha branca A4 		

20 de dezembro



Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentário da criança	Observações
C.F	<ul style="list-style-type: none">Modelagem 	<ul style="list-style-type: none">Plasticina		
M.S	<ul style="list-style-type: none">Desenho 	<ul style="list-style-type: none">Canetas de feltroLápis de corFolha branca A4		



Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentário da criança	Observações
L.G	<ul style="list-style-type: none"> • Desenho 	<ul style="list-style-type: none"> • Folha branca A4 • Canetas de feltro 		
C.F	<ul style="list-style-type: none"> • Aquarelas 	<ul style="list-style-type: none"> • Folha branca A5 • Aquarelas 		



Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentário da criança	Observações
J.R	<ul style="list-style-type: none"> <li data-bbox="562 292 748 320">• Esculturas 	<ul style="list-style-type: none"> <li data-bbox="1043 292 1240 352">• Materiais reutilizáveis 		
M.F e M.S	<ul style="list-style-type: none"> <li data-bbox="562 802 763 831">• Modelagem 	<ul style="list-style-type: none"> <li data-bbox="1043 802 1211 831">• Plasticina 		


Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentário da criança	Observações
F.B	<ul style="list-style-type: none"> • Desenho 	<ul style="list-style-type: none"> • Folha branca A4 • Canetas de feltro • Lápis de cor 		
V.Q	<ul style="list-style-type: none"> • Escultura 	<ul style="list-style-type: none"> • Materiais reutilizáveis 		

21 de dezembro

Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentário da criança	Observações
L.G	<ul style="list-style-type: none"> • Pintura com carimbos 	<ul style="list-style-type: none"> • Tintas • Folha branca A4 • Carimbos 	<p>“Joana vê lá se fiz bem, está bonito? Como tem carimbos não se vê que pintei mal”</p>	<p>Esta criança sente alguma insegurança quanto às suas produções plásticas, quando me questionou se gostava perguntei-lhe o que achava, esta disse “Está bonito para mim, tem muitas cores”.</p>
V.Q	<ul style="list-style-type: none"> • Aquarelas 	<ul style="list-style-type: none"> • Aquarelas • Folha branca A4 • Tesoura 	<p>“Tenho aqui a tesoura porque no fim vou cortar e é a parte de cima da árvore”.</p>	

Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentário da criança	Observações
J.R e V.Q	<ul style="list-style-type: none"> Modelagem 	<ul style="list-style-type: none"> Plasticina 		Foi o V.Q que convidou o J.R para brincarem juntos com a plasticina.
M.B	<ul style="list-style-type: none"> Aquarelas 	<ul style="list-style-type: none"> Folha branca A5 Aquarelas 		

Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentário da criança	Observações
B.Q	<ul style="list-style-type: none"> • Pintura 	<ul style="list-style-type: none"> • Tintas • Folha colorida A4 		
L.I	<ul style="list-style-type: none"> • Aquarelas 	<ul style="list-style-type: none"> • Aquarelas • Folha colorida A4 		

Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentário da criança	Observações
R.G	<ul style="list-style-type: none"> • Aquarelas e desenho 	<ul style="list-style-type: none"> • Folha branca A4 • Canetas de feltro • Lápis de cor • Aquarelas 		



Avaliação semanal- 18 a 21 de dezembro²⁸



Número de vezes que as crianças escolheram cada técnica da área do atelier durante a semana						
Técnicas do atelier Nomes das Crianças	Desenho	Pintura	Aquarelas	Modelagem	Corte e colagem	Esculturas
B.Q	-	1	-	-	-	-
B.F	-	-	-	-	-	-
C.F	-	-	1	1	-	-
C.P	1	-	-	-	-	-
F.M	1	-	-	-	-	-
F.B	1	-	-	-	--	-
F.J	-	-	-	-	-	-
F.S	-	-	-	-	-	-
G.N	-	-	-	-	-	-
H.S	1	-	-	-	-	-
J.R	-	-	-	-	-	1
L.I	-	1	1	1	-	-
L.G	1	1	-	-	-	-
L.M	1	-	-	-	-	-
M.F	2	-	-	1	-	-
M.B	1	-	1	-	-	-
M.T	-	-	1	-	-	-
I.M.H	-	-	-	-	-	1
I.S	-	-	-	-	-	-
M.S	1	-	-	-	-	-
M.M	2	-	-	-	-	-
M.A	-	-	-	-	-	-
R.G	-	-	1	-	-	-
S.A	-	-	-	-	-	-
V.Q	-	-	1	1	-	-



²⁸ Avaliação semanal concretizada através das observações realizadas, tratando-se de uma semana não-letiva não é realizada a avaliação das áreas. Assim, ao invés de 0 considerei pertinente utilizar um -, visto que não foi observado, portanto também não posso afirmar que não houve uma frequência das crianças na área do atelier.


Semana de 08 a 12 de janeiro

08 de janeiro



Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentário da criança	Observações
M.T e L.I	<ul style="list-style-type: none"> Desenhos 	<ul style="list-style-type: none"> Canetas de feltro Folha branca A4 		
M.B	<ul style="list-style-type: none"> Esculturas 	<ul style="list-style-type: none"> Folha branca A4 Tesoura Materiais reutilizáveis Canetas de Feltro 	<p>“Fiz aqui o meu prédio, sou eu e corações porque sou feliz. Gosto destas esculturas, porque é a nossa arte”.</p>	



Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentário da criança	Observações
M.P	<ul style="list-style-type: none"> • Pintura 	<ul style="list-style-type: none"> • Tintas • Folha branca A4 		
H.S	<ul style="list-style-type: none"> • Pintura 	<ul style="list-style-type: none"> • Folha branca A4 • Tintas 		



Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentário da criança	Observações
I.M.H	<ul style="list-style-type: none"> • Desenho 	<ul style="list-style-type: none"> • Canetas de feltro • Folha colorida A4 		
B.Q	<ul style="list-style-type: none"> • Pintura 	<ul style="list-style-type: none"> • Tintas • Folha colorida A4 	<p>“Somos nós Joana, é uma foto tua e minha”.</p>	



Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentário da criança	Observações
J.R	<ul style="list-style-type: none"> • Desenho 	<ul style="list-style-type: none"> • Folha branca A4 • Canetas de feltro • Lápis de cor 		

09 de janeiro



Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentário da criança	Observações
M.B	<ul style="list-style-type: none">• Pintura 	<ul style="list-style-type: none">• Tintas• Folha colorida A3	“É uma pintura abstrata, eu estou feliz”	
F.S e G.N	<ul style="list-style-type: none">• Desenho 	<ul style="list-style-type: none">• Folha branca A4• Canetas de Feltro		


Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentário da criança	Observações
L.G	<ul style="list-style-type: none"> <li data-bbox="562 292 734 320">• Escultura 	<ul style="list-style-type: none"> <li data-bbox="1043 292 1245 352">• Materiais reutilizáveis 	<p data-bbox="1391 292 1727 368">“Olha aqui o meu carro, já viste que tem janelas?”</p>	
F.B	<ul style="list-style-type: none"> <li data-bbox="562 786 734 815">• Desenho 	<ul style="list-style-type: none"> <li data-bbox="1043 786 1305 815">• Folha branca A4 <li data-bbox="1043 818 1312 847">• Canetas de feltro 	<p data-bbox="1391 786 1727 1066">“Fiz aqui uns dinossauros, ali são aquelas coisas que caem do espaço que acabaram os dinossauros e fiz um foguetão para salvar os dinossauros”.</p>	

Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentário da criança	Observações
F.M	<ul style="list-style-type: none"> • Desenho 	<ul style="list-style-type: none"> • Canetas de feltro • Folha colorida A5 		
H.S	<ul style="list-style-type: none"> • Pintura 	<ul style="list-style-type: none"> • Tintas • Folha colorida A4 		



Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentário da criança	Observações
S.A	<ul style="list-style-type: none"> <li data-bbox="562 292 734 320">• Escultura 	<ul style="list-style-type: none"> <li data-bbox="1043 292 1245 352">• Materiais reutilizáveis 	<p data-bbox="1391 292 1733 416">“É um submarino, por isso é que é azul. Para estar no mar.”</p>	
F.J	<ul style="list-style-type: none"> <li data-bbox="562 802 734 831">• Desenho 	<ul style="list-style-type: none"> <li data-bbox="1043 802 1267 831">• Lápis de cera <li data-bbox="1043 839 1335 868">• Folhas brancas A4 		

10 de janeiro



Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentário da criança	Observações
I.S	<ul style="list-style-type: none">• Pintura 	<ul style="list-style-type: none">• Tintas• Folha branca A4	“És tu, é para lebares para casa e lembrares-te de mim”.	
B.Q	<ul style="list-style-type: none">• Escultura 	<ul style="list-style-type: none">• Materiais reutilizáveis	“Esta é a flor para as abelhas irem tirar o néctar para fazer o mel”	A criança fez a escultura associando ao projeto que estou a realizar (projeto “As abelhas”)



Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentário da criança	Observações
L.G; M.A; F.J; S.A	<ul style="list-style-type: none"> • Desenho 	<ul style="list-style-type: none"> • Folhas brancas A4 	<p>“Joana nem acredito que não é preciso desenhar nas mesas” (S.A)</p>	
H.S	<ul style="list-style-type: none"> • Desenho 	<ul style="list-style-type: none"> • Folha branca A4 • Canetas de feltro 	<p>“Fiz aqui o desenho de nós as quatro, tu estás dentro do castelo comigo porque eu não quero que te vás embora, depois está ali a F. e a I. porque elas ficam cá sempre”.</p>	

Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentário da criança	Observações
V.Q	<ul style="list-style-type: none"> <li data-bbox="562 288 734 316">• Escultura 	<ul style="list-style-type: none"> <li data-bbox="1043 288 1245 347">• Materiais reutilizáveis 	<p data-bbox="1391 284 1731 568">“Eu fui ao McDonald’s com o pai e a mãe e pedi para guardar a caixa e assim aqui fiz esta escultura. É uma cara a beber sumo”</p>	<p data-bbox="1758 284 2038 619">O facto de a criança já trazer materiais reutilizáveis demonstra que esta técnica é algo que está a ir ao encontro dos seus interesses.</p>
M.B	<ul style="list-style-type: none"> <li data-bbox="562 839 734 866">• Desenho 	<ul style="list-style-type: none"> <li data-bbox="1043 839 1245 866">• Lápis de cor <li data-bbox="1043 871 1305 898">• Folha branca A4 <li data-bbox="1043 903 1312 930">• Canetas de feltro 		



Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentário da criança	Observações
M.T e L.I	<ul style="list-style-type: none"> Modelagem 	<ul style="list-style-type: none"> Plasticina 	<p>“Estamos a fazer coisas dos moinhos” (L.I)</p>	
I.S e H.S	<ul style="list-style-type: none"> Pintura 	<ul style="list-style-type: none"> Tintas Folhas brancas A4 		


11 de janeiro

Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentário da criança	Observações
L.M	<ul style="list-style-type: none"> • Desenho 	<ul style="list-style-type: none"> • Canetas de feltro • Cartolina colorida A4 	<p>“Esta é a minha família, é o pai, a mãe, eu e a mana”.</p>	
H.S e F.M	<ul style="list-style-type: none"> • Colagens 	<ul style="list-style-type: none"> • Pedacos de papel autocolante • Folha branca A3 		<p>Estes quadrados de papel autocolante foram utilizados para uma atividade de matemática com as crianças, como sobraram muitos papeis pus no atelier para que as crianças explorassem livremente. Estas</p>



Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentário da criança	Observações
				crianças decidiram fazer colagens.
M.B	<ul style="list-style-type: none"> Recorte e colagem 	<ul style="list-style-type: none"> Papel Eva Folha colorida A4 		
I.M.H	<ul style="list-style-type: none"> Recorte e colagem 	<ul style="list-style-type: none"> Papel Eva Canetas de feltro Folha colorida A4 		

Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentário da criança	Observações
F.S	<ul style="list-style-type: none"> • Pintura 	<ul style="list-style-type: none"> • Tintas • Folha branca A4 		
M.B	<ul style="list-style-type: none"> • Desenho 	<ul style="list-style-type: none"> • Folha branca A4 • Lápis de cera 		



Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentário da criança	Observações
F.M	<ul style="list-style-type: none"> • Pintura 	<ul style="list-style-type: none"> • Folha branca A3 • Tintas 		
F.M; L.M; R.G; C.F	<ul style="list-style-type: none"> • Modelagem 	<ul style="list-style-type: none"> • Plasticina 		



Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentário da criança	Observações
L.G	<ul style="list-style-type: none"> • Desenho 	<ul style="list-style-type: none"> • Folha branca A4 • Canetas de feltro 		



12 de janeiro


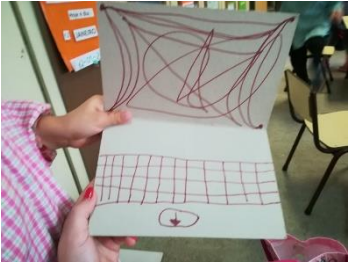
Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentários das crianças	Observações
F.M	<ul style="list-style-type: none"> Escultura 	<ul style="list-style-type: none"> Materiais reutilizáveis 	<p>“Fiz um quadro, ali é a mãe. É para ela pendurar lá no quarto dela”.</p>	
L.G	<ul style="list-style-type: none"> Colagem 	<ul style="list-style-type: none"> Folha branca A4 Pedaços de papel autocolante Lápis de cor 		

Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentários das crianças	Observações
I.M.H	<ul style="list-style-type: none"> <li data-bbox="548 347 728 379">• Aguarelas 	<ul style="list-style-type: none"> <li data-bbox="1048 347 1227 379">• Aguarelas <li data-bbox="1048 379 1310 411">• Folha branca A4 	<p data-bbox="1391 339 1733 475">“É uma pintura abstrata, por isso é que tem tantas cores”</p>	
V.Q	<ul style="list-style-type: none"> <li data-bbox="548 898 721 930">• Colagens 	<ul style="list-style-type: none"> <li data-bbox="1048 898 1310 930">• Folha branca A4 <li data-bbox="1048 930 1366 994">• Pedacos de papel autocolante 		

Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentários das crianças	Observações
J.R	<ul style="list-style-type: none"> • Escultura 	<ul style="list-style-type: none"> • Materiais reutilizáveis 		
B.Q	<ul style="list-style-type: none"> • Colagens 	<ul style="list-style-type: none"> • Cartão • Canetas de feltro 		

Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentários das crianças	Observações
L.I	<ul style="list-style-type: none"> • Esculturas 	<ul style="list-style-type: none"> • Tintas • Materiais reutilizáveis 		
S.A	<ul style="list-style-type: none"> • Desenho 	<ul style="list-style-type: none"> • Canetas de feltro • Folha branca A4 		

Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentários das crianças	Observações
M.B	<ul style="list-style-type: none"> • Desenho 	<ul style="list-style-type: none"> • Cartão • Lápis de cor • Canetas de feltro 		
M.M	<ul style="list-style-type: none"> • Desenho 	<ul style="list-style-type: none"> • Folha branca A4 • Lápis de cor • Canetas de feltro 		

Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentários das crianças	Observações
I.S e H.S	<ul style="list-style-type: none"> • Pintura 	<ul style="list-style-type: none"> • Tintas • Folhas brancas A4 		
F.M	<ul style="list-style-type: none"> • Esculturas 	<ul style="list-style-type: none"> • Materiais reutilizáveis 	<p>“Olha fiz aqui um computador, assim já podemos pesquisar para os nossos projetos na sala”.</p>	



Avaliação semanal- 08 a 12 de janeiro²⁹



Número de vezes que as crianças escolheram cada técnica da área do atelier durante a semana						
Técnicas do atelier Nomes das Crianças	Desenho	Pintura	Aquarelas	Modelagem	Corte e colagem	Esculturas
B.Q	5	4	1	1	2	1
B.F	1	2	2	0	0	0
C.F	2	2	1	1	0	0
C.P	5	3	1	0	0	0
F.M	3	3	1	1	1	2
F.B	4	3	1	0	2	0
F.J	2	3	0	0	0	0
F.S	3	3	0	0	3	0
G.N	3	3	1	2	0	0
H.S	4	4	0	2	4	1
J.R	4	3	1	2	3	1
L.I	4	4	1	1	2	1
L.G	2	2	0	1	1	1
L.M	3	4	0	1	3	0
M.F	4	4	0	1	3	0
M.B	3	3	0	1	3	1
M.T	2	0	0	1	0	0
I.M.H	3	4	1	1	3	0
I.S	2	3	1	1	4	1
M.S	3	2	1	0	0	0
M.M	4	4	1	1	4	0
M.A	3	3	0	1	3	0
R.G	4	3	0	2	4	0
S.A	4	2	0	0	3	1
V.Q	3	3	0	2	2	1

²⁹ Avaliação semanal concretizada através das observações realizadas e do mapa de avaliação das áreas realizado com as crianças todos os dias.

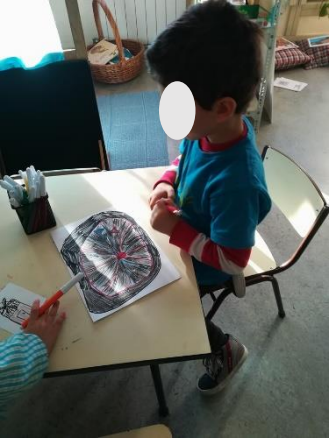

Semana de 15 a 18 de janeiro

15 de janeiro



Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentários das crianças	Observações
I.M.H	<ul style="list-style-type: none"> Desenho de continuação 	<ul style="list-style-type: none"> Canetas de feltro Lápis de cor Folha branca A4 	<p>“Trouxe aqui isto para fazer na escola, eu gostei dos desenhos de continuação e pedi à minha mãe para fazer mais”.</p>	
M.M e L.I	<ul style="list-style-type: none"> Desenhos 	<ul style="list-style-type: none"> Folha branca A4 Canetas de feltro Lápis de cor 		<p>A M.M e a L.I estão lado a lado a fazer o desenho, a M.M faz e a L.I tenta imitar, utilizam cores diferentes nas suas produções.</p>



Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentários das crianças	Observações
M.B	<ul style="list-style-type: none"> Modelagem 	<ul style="list-style-type: none"> Plasticina 	<p>M.B “Joana anda aqui tirar uma fotografia” Joana “Então o que fizeste com a plasticina M.B?” M.B “Fiz uns hambúrgueres para levar para a casinha e lá parece que fiz o jantar”.</p>	<p>A criança utiliza a técnica da modelagem para representar uma tarefa do quotidiano, interligando a área do faz de conta à do atelier.</p>
L.G e F.B	<ul style="list-style-type: none"> Desenho 	<ul style="list-style-type: none"> Folha branca A4 Canetas de feltro 	<p>“Eu e o F.B estamos a fazer os bayblades, depois vamos recortar e assim temos muitos”.</p>	



Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentários das crianças	Observações
L.G, J.R e G.N	<ul style="list-style-type: none"> • Desenho 	<ul style="list-style-type: none"> • Folhas brancas A4 • Canetas de feltro 		
F.M	<ul style="list-style-type: none"> • Modelagem 	<ul style="list-style-type: none"> • Plasticina 		



Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentários das crianças	Observações
G.N	<ul style="list-style-type: none"> • Desenho 	<ul style="list-style-type: none"> • Folha branca A4 • Canetas de feltro 	<p>“Eu estou a fazer bayblades, é o que eu gosto”</p>	
H.S e I.M.H	<ul style="list-style-type: none"> • Desenho 	<ul style="list-style-type: none"> • Canetas de feltro • Folha branca A4 • Lápis de cor • Giz 		

17 de janeiro

Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentários das crianças	Observações
C.F	<ul style="list-style-type: none"> Escultura 	<ul style="list-style-type: none"> Materiais reutilizáveis 	<p>“Fiz uma abelha com o rolo de papel higiênico e com as palhinhas”.</p>	
I.M.H, B.F e S.A	<ul style="list-style-type: none"> Desenho 	<ul style="list-style-type: none"> Folha branca A4 Canetas de feltro Lápis de cor 		

Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentários das crianças	Observações
C.F e V.Q	<ul style="list-style-type: none"> • Desenho 	<ul style="list-style-type: none"> • Plasticina 		<p>A C.F e o V.Q chamam a M.M pedindo ajuda com as cores do arco iris, a criança senta-se ao pé deles e os três discutem quais são as cores que compõem o arco íris.</p>
F.B, M.A,G.N, J.R e L.G	<ul style="list-style-type: none"> • Colagens 	<ul style="list-style-type: none"> • Folha branca A4 • Pedacos de papel autocolante coloridos. 		

Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentários das crianças	Observações
S.A	<ul style="list-style-type: none"> • Escultura 	<ul style="list-style-type: none"> • Materiais reutilizáveis 	<p>“É um inseto, uma abelha. Só que não pus o ferrão como a abelha tem porque não encontrava nada que tivesse um bico”.</p>	
I.M.H	<ul style="list-style-type: none"> • Escultura 	<ul style="list-style-type: none"> • Folha branca A4 • Canetas de feltro • Lápis de cor 	<p>“Fiz um avião, vou levar para casa. Assim posso fazer mais em casa com a mãe e o pai”.</p>	

Quem frequentou	O que fez	Materiais que utilizou	Comentários das crianças	Observações
H.S	<ul style="list-style-type: none"> • Desenho 	<ul style="list-style-type: none"> • Folha branca A4 • Canetas de feltro 		
M.M	<ul style="list-style-type: none"> • Desenho 	<ul style="list-style-type: none"> • Canetas de feltro • Folha branca A4 • Lápis de cor 		

Avaliação semanal- 15 a 18 de janeiro³⁰

Número de vezes que as crianças escolheram cada técnica da área do atelier durante a semana						
Técnicas do atelier Nomes das Crianças	Desenho	Pintura	Aquarelas	Modelagem	Corte e colagem	Esculturas
B.Q	4	4	2	3	1	1
B.F	1	1	0	2	0	0
C.F	4	2	1	1	2	1
C.P	4	1	2	1	0	0
F.M	3	2	0	3	0	0
F.B	1	2	1	4	1	0
F.J	3	3	0	3	0	0
F.S	2	1	0	4	0	0
G.N	2	1	1	2	1	0
H.S	3	2	0	1	0	0
J.R	1	0	0	4	1	0
L.I	1	0	0	2	0	0
L.G	2	1	2	0	1	0
L.M	1	0	0	0	3	0
M.F	3	3	1	0	0	0
M.B	4	3	0	3	0	0
M.T	3	2	1	3	3	0
I.M.H	3	0	0	2	0	1
I.S	4	2	0	1	0	0
M.S	2	1	3	1	0	0
M.M	4	1	1	2	3	0
M.A	3	0	1	2	1	0
R.G	2	2	0	4	0	0
S.A	1	0	0	3	1	1
V.Q	3	1	1	4	1	0

³⁰ Avaliação semanal concretizada através das observações realizadas e do mapa de avaliação das áreas realizado com as crianças todos os dias.

Anexo P- Triangulação dos dados

Tabela P1. Triangulação dos dados recolhidos.

Questões/objetivos da investigação	Fonte de recolha de dados			
	Entrevistas às crianças	Grelha de observação e de recolha de dados	Notas de campo	Fotografias
Qual a influência dos materiais nas escolhas das crianças?		X	X	X
Como é que as crianças exploram os novos materiais da área?		X	X	X
Quais as preferências das crianças na área do atelier?	X	X		
Que contributos tem a área do atelier para o desenvolvimento das crianças?	X	X	X	X

Anexo Q- Princípios para uma ética profissional

Tabela Q1.

Cumprimento dos dez princípios éticos e deontológicos do trabalho de investigação definidos por Tomás (2011), em consonância com os compromissos éticos pessoais e profissionais da APEI (2011) e respetiva prática pedagógica por mim desenvolvida no decorrer da investigação.

Princípios éticos e deontológicos (Tomás, 2011)	Prática Profissional Supervisionada	Compromissos éticos pessoais e profissionais (APEI,2011)
1. Objetivos do trabalho	Os objetivos da investigação a desenvolver foram esclarecidos, quer aos adultos, quer às crianças, que se estabelecem como elementos participantes e, nesse sentido, informados de todo o processo que se ia desenvolver.	“Contribuir para o debate, a inovação e a procura de práticas de qualidade.” “Garantir a troca de informações entre a instituição e a família”
2. Custos e benefícios	Considero que para nenhum dos intervenientes existiu custos associados no decorrer da investigação. Sendo que, todo o trabalho que foi desenvolvido era planeado de forma a ir ao encontro dos interesses e necessidades das crianças, para além de ser planeado de modo a não interferir com as rotinas e bem-estar do grupo. Relativamente às observações realizadas no seguimento da investigação o mesmo aconteceu, já que as crianças na maior parte das	“Garantir que os interesses das crianças estão acima de interesses pessoais e institucionais”. “Cuidar do seu bem-estar físico e psicológico de modo a responder adequadamente

	<p>vezes nem se apercebiam de que estavam a ser observadas, sendo que não existem momentos perante as crianças em que eu escrevesse. No que concerne às fotografias as crianças não demonstraram sentir nenhum desconforto, sendo uma prática habitual da educadora da sala e, desta forma, as crianças já estavam habituadas. Tendo em conta os benefícios, creio que esta investigação trouxe um leque de novas experiências e explorações para as crianças, quer através dos novos materiais e técnicas como da promoção de mais momentos de exploração livre da área.</p> <p>Considero que, para além das crianças, também a investigação foi benéfica para mim, como também para a equipa educativa. Pelo que esta ofereceu o aumento de conhecimento acerca da importância das crianças terem tempo de escolher o que querem fazer, que materiais explorar e de que forma os querem explorar.</p>	<p>às exigências da profissão.”</p>
--	---	-------------------------------------

<p>3. Respeito pela privacidade e confidencialidade</p>	<p>Neste princípio, quanto à privacidade, as famílias e a instituição foram informadas de que nenhuma das informações recolhidas e/ou observadas, serão referenciadas e/ou utilizadas. Na circunstância de ser um elemento fundamental para a investigação, essas informações, as fotografias, identificação das crianças e da instituição cumprirão o princípio da confidencialidade, sendo os nomes das crianças codificados e todas as fotografias divulgadas relacionadas com a PPS II, também serão devidamente confidenciais, isto é, as caras das crianças serão sempre desfocadas.</p>	<p>“Garantir o sigilo profissional, respeitando a privacidade de cada criança”.</p> <p>“Partilhar informações relevantes, dentro dos limites da confidencialidade.”</p> <p>“Respeitar cada criança (...), as famílias (...), os colegas de profissão”.</p>
<p>4. Decisões acerca de quais crianças a envolver e a excluir</p>	<p>As crianças que constituem parte do grupo da investigação serão as vinte e cinco que constituem o grupo da sala, sendo que todas demonstraram querer explorar mais a área do atelier, emitindo opiniões e demonstrando interesse por explorar novos materiais.</p>	<p>“Respeitar cada criança (...) numa perspectiva de igualdade de oportunidades”</p>
<p>5. Fundamentos</p>	<p>Pretendeu-se investigar no campo do saber multidisciplinar, equacionando a importância das Artes Visuais numa sala de jardim de infância procurando de alguma forma melhorar uma necessidade identificada. Assim, a investigação desenvolvida pretendia investigar qual a importância e as potencialidades das Artes Visuais. Procurei que a minha ação fosse direcionada para esta temática, ou seja, promover um maior leque de</p>	<p>“Promover a aprendizagem e a socialização numa vida de grupo cooperada, estimulante, lúdica, situada na comunidade e aberta ao mundo”.</p>

	<p>materiais, levados de acordo com os interesses e necessidades da criança e que eu em concordância com a equipa educativa considerasse pertinentes, para a sala onde as crianças os possam explorar sempre que quiserem.</p>	
<p>6. Planificação e definição dos objetivos e métodos da investigação</p>	<p>A investigação em causa, surgiu como consequência do que foi a minha observação na PPS II, assim no decorrer da minha observação despoletou-se a necessidade de reorganizar a área do atelier para que se tornasse num ambiente estimulante e de novas aprendizagens. Assim, em paralelismo com a equipa educativa, considerou-se ser uma investigação que iria trazer uma experiência rica para o desenvolvimento integral das crianças³¹. Apraz-me, assim, salientar para a importância que foi dada para as necessidades, interesses das crianças, assim como da equipa educativa para a realização da presente investigação.</p>	<p>“Garantir que os interesses das crianças estão acima de interesses pessoais e institucionais”.</p>
<p>7. Consentimento informado</p>	<p>Inicialmente, foi explicado às crianças o teor da investigação, explicando para que serviam as entrevistas iniciais. Assim, obteve-se o consentimento das crianças e das famílias. Sendo que, ambas as partes sabiam que poderiam recusar. Assim, mais que um papel (entregue às famílias), o consentimento</p>	<p>“Garantir o sigilo profissional, respeitando a privacidade de cada criança”.</p>

³¹ Conversa informal com a educadora, na qual salienta a importância das Artes Visuais para o desenvolvimento integral da criança.

	pressupôs uma apresentação das propostas do trabalho, os objetivos e as conversas constantes e as fotografias. Notou-se a aceitação por parte das crianças quando estas demonstram não se importar e elas próprias referem que posso tirar uma fotografia no âmbito da investigação ³² .	
8. Uso e relato das conclusões	Após a realização da investigação não existiu um resumo final entregue em papel, mas através de todas as conversas informais que iam existindo com os diferentes intervenientes era possível ir relatando as conclusões e as evidências que se iam apresentando. Assim, todos os materiais levados para a sala foram lá deixados para que as crianças possam continuar a explorá-los, assim como as fotografias desses mesmos momentos que foram expostas em alguns semanários da sala, onde as famílias puderam ter acesso.	“Responder com qualidade às necessidades educativas das crianças, promovendo para isso todas as condições que estiverem ao seu alcance”.
9. Possível impacto nas crianças	Os impactos identificados consistiram nas novas experiências e explorações que as crianças puderam realizar e, simultaneamente, ficar com novos materiais na sala.	“Promover a aprendizagem (...) estimulante, lúdica”

³² “Joana tira aqui uma fotografia para pões no teu trabalho” (Comentário da I.M.H quando estava a fazer modelagem com plasticina, grelha do atelier, 30/11/2017).

<p>10. Informação às crianças e adultos envolvidos</p>	<p>Tal como tem vindo a ser referido, procurei desde o primeiro momento da investigação que esta fosse um processo de <i>investigação transparente</i> (O’Kane, 2005 citado por Tomás, 2011), mantendo todos os intervenientes ocorrentes de tudo o que estava a ocorrer, sendo os mesmos envolvidos em todos os processos. Assim, ao longo de toda a investigação houve uma constante troca de informações entre os participantes. Revele-se que toda a investigação foi registada com diversas fotografias que foram expostas no semanário (diário semanal com o que ocorre durante cada semana). Fiz questão que aparecessem fotos no âmbito da investigação para que as famílias compreendam que os momentos de exploração livre da área do atelier são tão importantes como as atividades realizadas no âmbito de outros domínios, sendo que a criança também se consegue desenvolver e realizar novas aprendizagens através da sua ação nesta área.</p>	<p>“Garantir a troca de informações entre a instituição e a família”.</p> <p>“Contribuir para o debate, a inovação e a procura de práticas de qualidade”.</p>
--	---	---

Anexo R- Conceção das crianças acerca da área do atelier no início da investigação.

Tabela R1. Análise das entrevistas iniciais acerca da conceção das crianças sobre a área do atelier no início da investigação.

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de registo	UE³³
Razões para a não escolha do atelier	Ausência de motivação	Falta de gosto pela área	“As aguarelas e pinturas, porque não gosto assim tanto. Não gosto muito do atelier” (L.M) “Desenhos, não gosto. Eu não gosto de fazer desenhos, só das construções” (B.F) “Desenhos e jogos de mesa, porque eu não gosto de fazer desenhos e jogos. É sempre na mesa e fico cansado” (J.R) “Os desenhos e aguarelas, porque gosto menos” (F.J)	9

³³ Considerou-se UE (Unidade de enumeração) a contagem do sujeito (cada criança).

			<p>“Não sei, gosto mais das construções” (V.Q)</p> <p>“Não gosto, fico cansado. Os desenhos demoram muito tempo a fazer” (S.A)</p> <p>“Não gosto” (L.G)</p> <p>“Eu só gosto um bocadinho, só vou fazer desenhos se vocês pedirem” (J.R)</p> <p>“Eu às vezes gosto, mas gosto mais das construções” (G.N)</p> <p>“Não gosto muito porque demora muito tempo a fazer os desenhos e as aguarelas” (H.S)</p>	
--	--	--	--	--

		Questões de género	É ir fazer desenhos e a casinha, porque as meninas andam sempre lá e não há lá rapazes” (F.S)	1
		Cansaço	A escrita e os desenhos porque cansam-me” (G.N) “Os desenhos, essa área cansa” (S.A) “O que é o atelier? É só os desenhos, não é? Escolho menos o atelier porque só gosto de ir poucas vezes. Só faço desenhos e fico cansado” (V.Q) “O atelier, dá muito trabalho. Só vou fazendo uns desenhos” (F.M)	4
		Preguiça	“Às vezes as construções, mas também tenho preguiça de ir para o atelier” (M.S)	3

			“Desenhos porque demora muito tempo” (M.T)	
		Esquecimento	“Desenhos, porque me esqueço” (M.A)	
	Autoestima	Insegurança	“Desenhos, porque faço tudo mal” (L.G)	1
	Espaço	Necessidade de mais espaço	“Lá só faço desenhos, só tem uma mesa e não vou para lá” (M.A)	1
Motivações para a escolha do atelier	Utilidades da área	Desenhar	<p>“Eu gosto de desenhar” (C.F)</p> <p>“Eu gosto. O que gosto mais é de fazer desenhos” (M.F)</p> <p>“Não sei, já podemos desenhar sempre” (F.M)</p> <p>“Lá dá para fazer desenhos” (I.S)</p> <p>“Gosto muito porque faço o que quiser. Dá para</p>	7

			fazer desenhos e eu adoro desenhar” (C.P) “Só faço lá desenhos” (I.M.H) “É bonita, faço desenhos” (L.I) “Podemos desenhar” (F.M)	
		Aquarelas	“Gosto de fazer aquarelas” (R.G) “Aquarelas” (I.M.H)	4
		Pintar	“É fixe, gosto de fazer pinturas da cidade” (F.B) “Eu gosto de pintar com as tintas” (M.S)	
		Corte e Colagem	“ Dá para fazer corte e colagem (I.S)	1
		Modelagem	“Às vezes também brinco com a massa que a Ana faz” (I.M.H)	1

	Interesse pela área	Gosto pela área	“Gosto da área, dá para fazer muitas coisas giras” (B.Q)	1
Alterações desejadas na área do atelier	Alterações ao nível do espaço	Mais espaço	“Podia ter mais espaço, assim podiam ir mais meninos” (F.S) “Podia ter mais espaço e coisas” (L.G) “Punha mais meninas. Assim estávamos todas juntas” (C.P) “Podia mudar que iam para lá mais meninos” (F.J)	4
		Decoração	“Gostava de decorar a área, com umas luzinhas a dizer atelier” (L.I) “Eu fazia um castelo, quando entrávamos era um sonho. Fazíamos tudo da nossa imaginação. Pode ser?” (H.S)	3

			Eu não sei, podemos pintar as caixas dos trabalhos para ficarem mais bonitas?" (M.B)	
	Alterações ao nível dos materiais	Materiais já existentes no atelier	<p>"Canetas de feltro novas, lápis de cera novos" (F.S)</p> <p>"Gostava de ter canetas novas, lápis novos, aguarelas. Às vezes até gosto quando é para fazer aguarelas" (V.Q)</p> <p>"Aguarelas novas, canetas novas, pincéis novos, lápis de cor" (S.A)</p> <p>"Canetas e lápis novos" (G.N)</p> <p>"Canetas, lápis de cor, lápis de cera. Já temos, mas pode ser novo" (F.B)</p> <p>"Gostava de ter tintas outra vez para pintar no cavalete" (M.T)</p>	7

			<p>“Eu gostava de ter as tintas, nós antes íamos para o cavalete e parecíamos artistas” (F.B)</p>	
		Novos materiais	<p>Eu gostava de ter lá coisas novas” (G.N)</p> <p>“Nada, só trazia coisas novas” (R.G)</p> <p>“Conchinhas, folhas, coisas de apanhar na rua. Eu gosto de apanhar folhas e colar nos desenhos” (I.M.H)</p> <p>“Canetas novas, aguarelas novas. Acas que podíamos ter carimbos? Podíamos ter tecidos também” (F.M)</p> <p>“Papéis de muitas cores, gostava de ter coisas que ainda não temos na sala” (H.S)</p>	19

			<p>“Eu gostava de ter coisas novas para fazer desenhos ainda mais bonitos. Gostava de ter purpurinas” (L.I)</p> <p>“Gostava de ter coisas para misturar cores” (M.S)</p> <p>“Colagens de papel, como as frutas da alimentação” (B.F)</p> <p>“Canetas novas e folhas” (M.A)</p> <p>“Coisas novas, bonecos para desenhar” (L.G)</p> <p>“Queria coisas novas, podia ser uma paleta como Van Gogh” (J.R)</p> <p>“Gostava de fazer bonecas, uma que fosse eu” (L.M)</p>	
--	--	--	--	--

			<p>“Queria brincar com rolos para as massas e plasticina” (C.F)</p> <p>“Mais coisas” (M.F)</p> <p>“Canetas, pintar com coisas giras e construir coisas. Já construí com uma caixa de ovos” (B.Q)</p> <p>“Carimbos, plasticina, massas coloridas, fitas, palhinhas e folhas coloridas” (I.S)</p> <p>“Canetas giras e brilhantes, folhas coloridas, folhas das árvores, flores e mais coisas” (C.P)</p> <p>“Misturar aguarelas nos desenhos. Podíamos ter plasticina, assim não</p>	
--	--	--	---	--

			<p>tínhamos de ir sempre guardar ao frigorífico” (M.M)</p> <p>“Fazer desenhos com materiais novos” (R.G)</p> <p>“Coisas novas, assim podia explorar mais. Vocês dizem que temos de explorar bem as áreas” (F.J)</p> <p>“Gostava de ter muitas massas e livros para aprender a fazer coisas bonitas” (L.M)</p> <p>“Mudava coisas para fazer formas com caixas” (C.F)</p> <p>“Queria poder ter lá coisas e pintar” (M.T)</p> <p>“Canetas, aguarelas, massas novas e podia ser coisas que tu queiras Joana” (M.B)</p>	
--	--	--	--	--

Anexo S- Materiais introduzidos na área do atelier aquando a sua reorganização

Tabela S1. Materiais introduzidos na área do atelier aquando a reorganização da mesma.

Materiais introduzidos na área do atelier aquando a reorganização	
Técnicas	Materiais disponíveis para cada técnica
Desenho	Folhas brancas (A3, A4 e A5); Folhas coloridas (A4 e A5); Cartolinas de diferentes cores (A3, A4 e A5); Canetas de feltro; Lápis de cor; Lápis de cera; Giz; Pasteis de óleo; Lápis de carvão; Glitter; Desenhos de continuação.
Pintura	Tintas de água; Tintas acrílicas; Folhas brancas e coloridas (A3 e A4); Carimbos.
Modelagem	Plasticinas de diferentes cores; Massa de moldar que ia sendo feita pela equipa educativa; Rolos e formas para modelagem da plasticina e massa; Barro ³⁴ .
Recorte e colagem	Furadores; Tesouras; Papéis recortados de diferentes cores e formas; Tecidos; Cartolinas de diferentes cores (A3, A4 e A5); Papel celofane; Papel Eva; Papel crepe; Papel de seda.
Aquarelas	Frascos; Pincéis; Aquarelas; Folhas brancas (A3 e A4).
Esculturas (Construções Artísticas)	Materiais Reutilizáveis.

Nota: Para além dos materiais referidos, foram, ainda, introduzidos materiais naturais, que eram explorados pelas crianças através das diferentes técnicas.

³⁴ Este material embora tenha sido introduzido não foi explorado pelas crianças, visto que a educadora cooperante não concordou com a ideia e dizendo que teria de ser uma atividade estruturada e devido a questões temporais não foi possível a sua exploração.

Anexo T- Mapa das “Construções Artísticas”

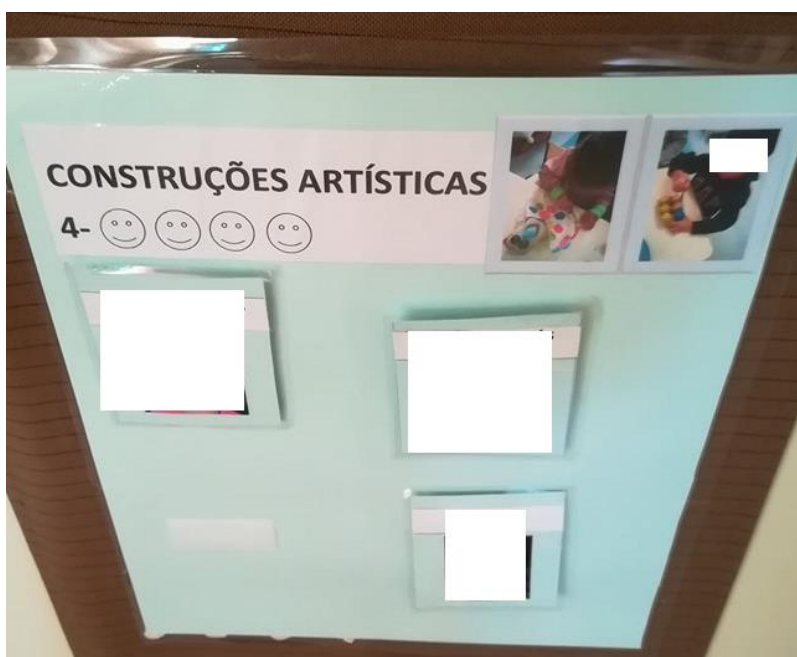


Figura T1. Mapa das “Construções Artísticas”.

Anexo U- Inventário da área do atelier

INVENTÁRIO: ATELIER

O QUE HÁ ...	O QUE PODEMOS FAZER ...
- CANETAS	- DESENHAR
- LÁPIS DECOR	- PINTAR
- BRILHANTES	- ESCULTURAS
- GIZ	- COLAGENS
- MATERIAIS REUTILIZÁVEIS	- RECORTAR
- PASTÉIS	- ESCREVER
- LÁPIS DE CERA	- AGUARELAS
- TINTAS	- MODELAGEM
- AGUARELAS	
- FOLHAS	
- LÁPIS DE CARVÃO	
- CARTOLINAS	
- COLAS	
- TESOURAS	
- PLASTICINA	

Figura U1. Inventário da área do atelier.

Anexo V- Análise de conteúdo das notas de campo antes da reorganização da área do atelier

Tabela V1. Análise de conteúdo das notas de campo antes da reorganização da área do atelier.

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de registo	Frequência
Razões para a não escolha da área do atelier	Ausência de motivação pela área	Falta de gosto pela área	Estamos a acabar a construção do painel acerca dos tremores de terra, pergunto se o M.A quer participar, já que este de manhã me disse que preferia brincar e este diz-me: “Agora pode ser”, pergunto-lhe o que quer fazer e este responde: “Escrever sim, desenhar não!”, pergunto-lhe o porquê de não querer desenhar e este diz: “É porque eu não gosto muito” (Nota de Campo 126, 23/10/2017).	1

		Ausência de produções de expressão plástica	Estamos a arrumar os trabalhos das crianças para coloca-los nos portefólios e a educadora diz: “Não entendo, cada vez escolhem menos a expressão plástica, não fazem desenhos. Há caixas que não têm um único trabalho” (Nota de Campo 215, 17/11/2017).	1
	Organização do espaço	Desenhar sempre no mesmo local	Quando a Irina pede às crianças para que desenhem as casas abandonadas, o M.A diz: “Desenhar no chão eu gosto, é bom não desenhar na mesa” (Nota de Campo 200, 14/10/2017).	1

Participação das crianças	Participação das crianças na organização do ambiente educativo	Reconhecimento por parte das crianças da importância de participar	Estou numa mesa da sala a fazer as entrevistas às crianças no âmbito da investigação e a F.M diz-me: “Tu queres saber o que eu penso? Isso é importante, assim eu também escolho. Nós devemos respeitar a opinião dos amigos” (Nota de Campo 202, 15/11/2017)	1
		Reconhecimento por parte das crianças da sua efetiva participação	Vou-me sentar na roda para darmos início à reunião da manhã e a I.M.H diz-me: “Vens aí cheia de sacos”, digo-lhe: “São algumas coisas para a área do atelier, das coisas que vocês disseram que gostavam	1

			de lá ter”, a I.M.H diz: “A sério? Tu trouxeste o que nós dissemos”, digo-lhe: “Claro” ao que a mesma responde: “És mesmo querida, ouves sempre tudo o que dizemos” (Nota de Campo 224, 21/11/2017).	
Reorganização da área do atelier	Motivação para reorganizar a área	Evidência de interesse por reorganizar a área	A M.B aproxima-se de mim, antes da reunião da manhã, e diz-me: “Joana aquelas perguntas do atelier é para quê? É que já não me lembro”, explico à criança que como é uma área que as crianças não escolhem muito, que vamos mudar consoante o que todas as crianças disseram. A criança pergunta: “Então e quando	1

			é que começamos a fazer o atelier?" (Nota de Campo 213, 17/11/2017).	
--	--	--	--	--

Anexo W- Análise de conteúdo das notas de campo após a reorganização da área do atelier

Tabela W1. Análise de conteúdo das notas de campo após a reorganização da área do atelier (23/11/2017 a 18/01/2018).

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de registo	Frequência
Reorganização da área do atelier	Participação das crianças na reorganização da área	Falta de motivação pela reorganização da área	Da parte da tarde, após a reunião pergunto quem é que quer ir ajudar a reorganizar o atelier e a arrumar os novos materiais. Apenas quatro crianças querem, porém, mostro em grande grupo a diversidade de materiais que trouxe (Nota de Campo 240, 24/11/2017).	1
		Reconhecimento da efetiva participação das crianças na reorganização da área	A Ana (auxiliar da sala) chega ao pé de mim e diz: “Joana nem sabes! A F.M quando a mãe chegou na sexta disse-lhe que tu tinhas sido muito querida	1

			<p>porque trouxeste muitos materiais para o atelier e que tinham sido eles a escolher. Já viste eles sabem que tu ouves o que eles querem” (Nota de Campo 247, 27/11/2017).</p>	
	Introdução de novos materiais	Interesse por explorar os novos materiais da área	<p>Enquanto eu e as quatro crianças vamos reorganizando o espaço, outras crianças vêm ter comigo perguntar: “Já podemos usar isso tudo hoje?” (Nota de Campo 241, 24/11/2017).</p> <p>Dizendo-me também: “E o pai da H.S ligou a dizer que ela está doente e que não vem hoje e que ela</p>	4

			<p>estava toda zangada porque queria vir experimentar o novo atelier” (Nota de Campo 247, 27/11/2017).</p> <p>A F.M vai para o atelier, noto que a criança vai buscar o papel celofane e questiono o que vai fazer com aquilo, esta diz-me: “Vou fazer a erva com este papel, é tão fixe Joana”. Digo-lhe: “Muito bem” e explico-lhe o nome do papel (celofane), a criança continua a fazer o desenho muito atenta, misturando vários tipos de materiais no seu desenho (Nota de Campo 270, 04/12/2017).</p>	
--	--	--	--	--

			<p>Da parte da manhã a F.M foi buscar os materiais reutilizáveis e começa a fazer uma escultura de uma menina sem que ninguém lho dissesse para fazer. O V.Q ao ver o que a F.M estava a fazer veio ter comigo e questiona se também pode e diz que vai fazer uma obra de arte que vai ser uma nave espacial. Os dois ficam juntos numa mesa a explorar os materiais e a fazer as esculturas. Da parte da tarde, muitas são as crianças que o querem fazer e que se juntam. Assim, a M.M começa a fazer um avião, o G.N uma nave espacial, a C.P a</p>	
--	--	--	--	--

			terra, a L.M uma cidade natal, o F.B uma marioneta. Muitas foram as crianças que quiseram ir, mas que eu tive de dizer que não podia ser porque já estavam muitas crianças naquela área (Nota de Campo 275, 06/12/2017).	
	Dúvidas sobre a utilização da área	Questionamento sobre a frequência e utilização dos materiais	A I.M.H vem ter comigo e questiona: “Joana posso ir mexer nas coisas que eu quiser?”, digo-lhe que sim e a criança pergunta-me: “Mesmo a sério?”. Explico que agora os materiais que estão no atelier é para usarem e que podem mexer no que quiserem, frisando que têm é de voltar a arrumar no sitio e	5

			<p>que têm de ter cuidado para não estragar (Nota de Campo 254, 28/11/2017). O J.R vem ter comigo e diz: “Posso ir para o atelier fazer o que quiser?”, digo-lhe que claro que pode e este responde: “É que como eu disse que não gostava muito, pensava que não podia ir”. Explico à criança, novamente, que a reorganização do espaço e dos materiais se deveu a isso mesmo, para que as crianças da sala procurassem esse espaço (Nota de Campo 260, 29/11/2017).</p> <p>A F.M vem ter comigo com o cesto dos materiais</p>	
--	--	--	--	--

			<p>reutilizáveis que dispus no atelier para que usassem quando quisessem e diz-me: “Oh Joana isto é para nós usarmos ou tu vais fazer alguma coisa?”, explico que aquilo é para eles usarem e fazerem o que quiserem. A criança diz: “Mesmo tudo?” e eu digo: “Claro, desde que tenhas juízo” e rio-me para a criança. Esta diz-me: “Gosto mesmo tanto de ti” e agarra-se a mim (Nota de Campo 273, 06/12/2017).</p> <p>“Amanhã também posso ir fazer esses trabalhos?” Digo-lhe: “Tu é que sabes F.B, isso não foi a Joana</p>	
--	--	--	---	--

			<p>que disse para fazerem. Eles é que quiseram fazer”, a criança diz: “Então eu vou mesmo fazer” (Nota de Campo 276, 06/12/2017).</p> <p>A H.S quando chega a hora de escolher as áreas pergunta: “Posso ir para o atelier?” e a M.F diz: “Tu não precisas de perguntar à Joana, ela diz que nós podemos explorar o atelier à vontade”. As duas crianças vão para os desenhos (Nota de Campo 292, 12/12/2017).</p>	
Motivação/ões pela exploração da área do atelier	Exploração de técnicas	Pintura	Após a divulgação do teatro às duas salas, entro na sala e metemos as tintas no cavalete ao	3

			<p>dispor das crianças. Logo se denota a vontade das crianças de irem para lá fazer pinturas. Sendo que, o V.Q, uma das crianças que não costuma escolher a área, vai logo buscar uma folha. Ao longo do dia são várias as crianças que vão para o cavalete fazer pinturas Nota de Campo 235, 23/11/2017)</p> <p>Após a reunião da tarde, na qual fiz a avaliação do plano do dia e a avaliação das áreas, pergunto às crianças se ficaram contentes por já terem tintas no cavalete. O V.Q diz: “Joana eu gostei muito, fui logo fazer uma pintura. Só fiz na mesa</p>	
--	--	--	---	--

			<p>porque eu quis experimentar melhor as tintas”. De seguida, a F.M diz: “Eu também gostei, viste que até fui pintar e fiz uma árvore de natal” (Nota de Campo 237, 23/11/2017).</p> <p>O B.F vai direito ao atelier, fico a observá-lo. Olha em redor de todo o atelier e vê o que lá há de novo. Encontra uns carimbos, pega neles. Vai buscar uma folha branca e prende-a no cavalete. Começa a molhar os carimbos nas tintas que estão no cavalete e carimba a folha com várias cores e formas. No fim,</p>	
--	--	--	---	--

			<p>usa o pincel. Quando termina a pintura com os carimbos vem ter comigo e chama-me para que eu vá ver o seu trabalho. Digo: “Está tão bonito B.F”, a criança sorri (Nota de Campo 259, 29/11/2017).</p>	
		Técnica mista	<p>Estou a preparar o calendário do advento com a educadora e o V.Q aproxima-se e diz: “Posso fazer um desenho e posso misturar canetas com lápis e mais coisas?”, digo que sim e ele ainda pergunta: “Mas posso mesmo? E até meter o giz e o resto”, volto a dizer que sim e ele diz: “Uau, assim eu gosto de ir para aquela área” (Nota de Campo 256, 28/11/2017).</p>	1

	Interesse por explorar a área já reorganizada	Frequência das crianças na área	<p>O S.A está a fazer a avaliação das áreas onde estive e diz: “Eu queria ir para o atelier, mas hoje estava sempre cheio” (Nota de Campo 253, 27/11/2017).</p> <p>Hoje, após a avaliação das áreas, digo às crianças: “Esta semana têm ido muito para o atelier” e o S.A diz: “Pois é, eu até vou para lá também” (Nota de Campo 263, 29/11/2017).</p> <p>Enquanto fazemos a avaliação do dia a I.S diz: “Temos ido muito para o atelier todos, todos tivemos nos desenhos e</p>	5

			<p>nas pinturas e em tudo do atelier”, eu digo: “É verdade, agora têm ido muito para o atelier” (Nota de Campo 308, 15/12/2017).</p> <p>O S.A aproximasse de mim e diz: “Joana hoje fiz três desenhos, três!” (Nota de Campo 421, 12/01/2018).</p> <p>O J.R e o G.N aproximam-se de mim e o J.R diz: “Nós queremos ir para os desenhos, mas não temos mesas (Nota de Campo 422, 12/01/2018).</p>	
		Preferência por explorar a área do atelier	Estando a escola a celebrar o advento, estou	1

			com as crianças a preparar uma atividade alusiva a esse momento e então chamo o V.Q e digo se quer participar, este responde: “Mas eu quero é ir para o atelier!”, digo se a criança quer pode ir (Nota de Campo 261, 29/11/2017).	
Potencialidades da exploração da área do atelier	Área da Expressão e Comunicação	Faz de conta	A M.P e o F.S vêm ter comigo e pergunta-me: “Queres um bolinho?”, pergunto-lhe: “Onde estão os bolinhos?”, aponta para um cesto e lá dentro estão “bolinhos” feitos com a plasticina (Nota de Campo 258, 29/11/2017).	1
	Apreciação de produções	Sentido estético	O F.J aproxima-se dos colegas que estão a fazer as esculturas e diz: “Esses	2

			<p>trabalhos, boa! Ficaram todos muito giros” (Nota de Campo 276, 06/12/2017).</p> <p>A L.I está a fazer um desenho na mesa e a R.G aproxima-se dela e diz: “Esse desenho está mesmo bonito! Fizeste uma princesa? Desenhas muito bem as princesas L.I”. A L.I sorri e convida-a a ir fazer também um desenho (Nota de Campo 439, 17/01/2018).</p>	
	Socialização	Relação entre pares	<p>As crianças estão a escolher as áreas e o F.S diz para o G.N: “Hoje vou para o atelier, não queres vir?”, o G.N responde: “Sim, eu também ia” (Nota</p>	3

			<p>de Campo 264, 30/11/2017).</p> <p>O L.G, o G.N e o F.S estão os três à volta de uma folha branca com as canetas brilhantes, pergunto: “O que estão a fazer?” e o L.G logo responde: “Estamos os três a fazer um desenho juntos, em equipa fica mais bonito” (Nota de Campo 265, 30/11/2017).</p> <p>Entro na sala da parte da tarde e vejo que uma das mesas da sala está cheia de materiais reutilizáveis e que nela estão muitas crianças. O M.A e o L.G dizem-me: “Estamos a</p>	
--	--	--	--	--

			fazer esculturas de abelhas e moinhos, gostas?”, digo que sim. As crianças estão todas muito concentradas e trabalham em conjunto, partilham as colas e organizam-se entre si, autonomamente. (Nota de Campo 438, 17/01/2018).	
	Abordagem à escrita	Reprodução de letras na plasticina	Estou a fazer a avaliação do projeto da alimentação saudável com cada criança individualmente e o V.Q aproxima-se e diz: “Fiz as letras na massa, olha o V, o I, o C” (Nota de Campo 266, 30/11/2017).	1
Relação escola-família	Exploração da área das Artes Visuais com as famílias	Construção de um atelier em casa com a família	Estou com a B.Q a fazer as notícias de fim de semana e esta diz-me:	1

			<p>“Sabes fui com os meus pais comprar tintas, nós fizemos um atelier também em casa. Assim agora posso fazer mais desenhos ainda” (Nota de Campo 248, 27/11/2017).</p>	
		<p>Construção de esculturas em casa com as famílias</p>	<p>Estou com as crianças a realizar uma atividade proposta pela educadora e a L.M aproxima-se de mim e diz: “Sabes que no fim de semana eu fiz uma escultura em casa?”, digo: “A sério L.M? Então e conta-me lá o que fizeste?”, a criança diz: “Eu fiz uma abelha e um moinho, porque é os projetos que nós vamos começar. Eu vou buscar para veres”. A criança vai</p>	<p>1</p>

			<p>buscar e mostra o que fez, digo: “Uau, está espetacular L.M! De tarde tens de mostrar aos amigos, pode ser?” (Nota de Campo 403, 08/01/2018).</p>	
Alteração da concepção do atelier	<p>Reconhecimento por parte das crianças da sua concepção antes da reorganização e depois</p>	<p>Mudança de ausência de motivação para gosto pela área</p>	<p>A C.P diz: “Pois antes íamos quase poucos para lá” (Nota de Campo 308, 15/12/2017).</p>	1
	<p>Reconhecimento por parte das famílias da mudança concepção por parte das crianças sobre o atelier</p>	<p>Mudança da concepção da criança sobre a área do atelier</p>	<p>Esta diz-me: “Joana nem sabe como a sua investigação foi importante, a diferença no L.G. Ele não ligava nem se interessava nada por desenhos, nem pinturas, nada. Nada que tivesse a ver com esta competência ele mostrava interesse e</p>	1

			agora adora! (Nota de Campo 446, 18/01/2018).	
--	--	--	---	--

Anexo X- Conceção das crianças acerca da área do atelier após a sua reorganização e exploração

Tabela X1. Análise das entrevistas sobre a conceção das crianças acerca da área do atelier após a reorganização e exploração da mesma.

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de registo	UE³⁵
Motivação para a escolha do atelier	Possibilidades da área	Possibilita a utilização de diversas técnicas	<p>“É giro, porque dá para fazer desenhos, pinturas, esculturas e eu gosto e escolher isso” (M.A).</p> <p>“Eu gosto muito, posso fazer princesas brilhantes e agora gosto de fazer as esculturas” (M.S).</p> <p>“Gosto de ir para o atelier fazer esculturas. Gosto também de ir fazer pinturas com carimbos” (F.J).</p> <p>“Eu gosto, dá para fazer coisas. Faço esculturas, desenhos, aguarelas” (M.F).</p>	6

³⁵ Considerou-se UE (Unidade de enumeração) como contagem do sujeito (cada criança).

			<p>“Dá para desenhar” (F.B).</p> <p>“Gosto muito de fazer esculturas e desenhos. Gosto de fazer pinturas e aguarelas e colar também” (M.M).</p>	
		Possibilidade de criar coisas giras e bonitas	<p>“Dá para fazer coisas giras” (F.B).</p> <p>“Gosto muito porque ele é fazer coisas muito bonitas” (L.I).</p> <p>“Eu gosto, dá para fazer coisas giras” (M.T).</p>	3
		Permite / possibilita a Imaginação	<p>“Eu penso que lá invento, construo coisas” (C.P).</p> <p>“Dá para fazer muitas coisas giras. Posso fazer coisas da imaginação. Gosto de poder fazer tudo” (F.S).</p>	4

			<p>“Gosto, porque podemos fazer muitas coisas da nossa cabeça” (G.N).</p> <p>“Eu gosto tanto de ir para o atelier, faço lá muitas coisas da minha imaginação (L.M).</p>	
		<p>Possibilidade de realizar “Muitas coisas”</p>	<p>“Gosto de ir para o atelier, porque agora posso fazer muitas coisas” (R.G).</p> <p>“Posso fazer muitas coisas, eu gosto” (M.B).</p> <p>“Dá para fazer muitas coisas” (F.B)</p> <p>“Eu gosto muito, temos tantas coisas novas. Eu descobri que o atelier dá para fazer muitas coisas” (V.Q).</p> <p>“Penso que é giro, porque posso fazer muitas coisas” (F.M).</p>	6

			“Eu posso fazer muitas coisas lá no atelier” (L.I).	
	Exploração de Materiais	Exploração de novos materiais	“Agora vou todos os dias para o atelier, porque tenho muitos materiais que eu gosto” (F.J). “Eu gosto muito do atelier e gosto muito de fazer coisas com as coisas que é para reciclar. Temos muitos materiais lá no atelier. Já viste que agora todos gostam?” (I.M.H)	2
		Exploração de diversidade de materiais	“Eu gosto, porque tem muitas coisas e assim podemos fazer as nossas obras de arte” (C.F).	1
	Socialização	Relação entre pares	“E gosto do atelier porque posso inventar coisas com os meus amigos” (C.P).	4

			<p>“Eu gosto de ir, os amigos que eu gosto também vão” (H.S).</p> <p>“É giro, porque vejo o que os amigos estão a fazer e fazemos em conjunto” (J.R).</p> <p>“Eu gosto mais que antes, antes eu não ia e agora gosto de ir com os meus amigos” (S.A).</p>	
	Interesse pela área	Gosto pela área	<p>“O atelier? Hum ... Eu gosto, eu faço lá coisas e tu dizes que fica bonito e eu fico contente” (L.G).</p> <p>“Eu acho que o atelier é importante para nós, dá para fazer muitas coisas. Gosto muito” (I.S).</p> <p>“Eu gosto muito, vou todos os dias” (B.Q).</p>	3

	Espaço	Mais espaço	“Eu gosto, porque agora também temos mais espaço” (H.S).	1
Motivos para a não escolha do atelier	Desinteresse pela área	Falta de gosto pela área	“Eu não gosto muito, mas gosto mais que antes. Eu vou às vezes” (B.F).	1

Anexo Y- O que mais gostas de fazer no atelier?

Tabela Y1. Análise do que as crianças mais gostam de fazer na área do atelier.

Categorias	Indicadores	Unidades de registo	UE ³⁶
"O que mais gostas de fazer no atelier?"	Desenhos	"Desenhos" (M.A). "Eu faço o mesmo que a Nono, nós vamos para o atelier juntas e agora gostamos até de fazer desenhos juntas" (M.S). "Desenhos" (C.P). "Desenhos e tinha 26 desenhos na caixa, 26 Joana!" (F.B) "Desenhos" (B.F). "Eu gosto de desenhos" (S.A) "Desenhos" (L.M). "Desenhos" (I.M.H). "Desenhos" (V.Q). "Desenhos" (G.N). "Desenhos" (M.M). "Desenhos" (F.M) "Desenhos" (C.F).	13
	Pintura	"Pinturas" (M.A). "Pinturas, gosto de fazer pinturas" (M.T).	9

³⁶ Considerou-se UE (Unidade de enumeração) como contagem do sujeito (cada criança).

		<p>“Pintura no cavalete, porque levaste tintas” (H.S).</p> <p>“O que mais gosto é dos carimbos no cavalete” (B.F).</p> <p>“Pinturas” (F.S).</p> <p>“Pinturas” (S.A).</p> <p>“Pintura” (L.M).</p> <p>“Pinturas” (V.Q).</p> <p>“Pintura” (C.F).</p>	
	Esculturas	<p>“Gosto de fazer esculturas com caixas de ovos” (M.A).</p> <p>“Esculturas” (F.J).</p> <p>“Faço esculturas” (M.B).</p> <p>“Esculturas” (F.B).</p> <p>“Esculturas” (I.M.H).</p> <p>“Esculturas” (V.Q).</p> <p>“Esculturas” (G.N).</p> <p>“Esculturas” (M.M).</p> <p>“Esculturas” (F.M).</p>	9
	Modelagem	<p>“O que mais gosto é de fazer plasticina, nós não tínhamos e eu gostei muito que tu trouxesses para nós” (L.I).</p> <p>“Plasticina) (L.M).</p> <p>“Ir para a modelagem com a plasticina” (C.F).</p>	3
	Aquarelas	<p>“Aquarelas” (C.P).</p> <p>“Aquarelas é giro” (F.S).</p> <p>“Aquarelas” (F.M).</p>	3

	Corte e Colagem	“É também o corte e colagem” (I.M.H).	1
	Tudo	“Eu faço mais de tudo, eu gosto de explorar” (J.R). “Eu faço tudo, gosto de tudo” (B.Q). “Eu gosto de tudo e por isso faço tudo” (I.S). “Faço desenhos, pinturas, aguarelas, faço recortes e esculturas. Faço tudo, não é? Gosto tanto de ir para o atelier” (R.G) “Eu faço tudo, eu gosto muito do atelier” (M.F).	5
	Muitas coisas	“Muitas coisas, eu agora vou porque gosto” (L.G).	1